

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES

Programa de Pós-Graduação em Administração
Mestrado

Kelly Medeiros Cortezão do Carmo

**CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO SOCIAL, NA ÓTICA DE
APICULTORES DO NORTE DE MINAS GERAIS, PARA SEU
DESENVOLVIMENTO HUMANO E ECONÔMICO**

Belo Horizonte
2020

Kelly Medeiros Cortezão do Carmo

**CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO SOCIAL, NA ÓTICA DE
APICULTORES DO NORTE DE MINAS GERAIS, PARA SEU
DESENVOLVIMENTO HUMANO E ECONÔMICO**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Belintani Shigaki.

Área de Concentração: Organização e Estratégia.

Linha de Pesquisa: Estratégia, Inovação e Competitividade.

Belo Horizonte
2020

CARMO, Kelly Medeiros Cortezão do.

C287c

Contribuições de um projeto social, na ótica de apicultores do norte de Minas Gerais, para seu desenvolvimento humano e econômico. Belo Horizonte: Centro Universitário Unihorizontes, 2020.

111p.

Orientadora: Dr^a. Helena Belintani Shigaki

Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado em Administração. Centro Universitário Unihorizontes.

1. Projeto social - apicultura 2. Desenvolvimento humano e econômico I. Kelly Medeiros Cortezão do Carmo II. Centro Universitário Unihorizontes Programa de Mestrado em Administração. III. Título.

CDD: 361

Ficha elaborada pela Bibliotecária do Centro Universitário Unihorizontes.
– Viviane Pereira CRB6 1663 -



Instituto Novos Horizontes de Ensino Superior e Pesquisa Ltda.
Centro Universitário Unihorizontes
Mestrado Acadêmico em Administração

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado Acadêmico em Administração do(a) Senhor(a) **KELLY MEDEIROS CORTEZÃO DO CARMO**, REGISTRO Nº. 681. No dia 14 de agosto de 2020, às 08:00 horas, reuniu-se no Centro Universitário Unihorizontes, a Comissão Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, para julgar o trabalho final intitulado "**CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO SOCIAL, NA ÓTICA DE APICULTORES DO NORTE DE MINAS GERAIS, PARA SEU DESENVOLVIMENTO HUMANO E ECONÔMICO**", requisito parcial para a obtenção do **Grau de Mestre em Administração**, linha de pesquisa: **Estratégia, Inovação e Competitividade**. Abrindo a sessão, o(a) Senhor(a) Presidente da Comissão, **Prof.ª Dr.ª Helena Belintani Shigaki** após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares da apresentação do Trabalho Final, passou a palavra ao(à) candidato(a) para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa do(a) candidato(a). Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença do(a) candidato(a) e do público, para julgamento e expedição do seguinte resultado final: **APROVADO**.

O resultado final foi comunicado publicamente ao(à) candidato(a) pelo(a) Senhor(a) Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, o(a) Senhor(a) Presidente encerrou a reunião e lavrou o(a) presente ATA, que foi assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 14 de agosto de 2020.

Prof.ª Dr.ª Helena Belintani Shigaki
Centro Universitário Unihorizontes

Prof.ª Dr.ª Fernanda Versiani de Rezende
Centro Universitário Unihorizontes

Prof.ª Dr.ª Luciana Alves Rodas Vera
Universidade Federal da Bahia

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DE PORTUGUÊS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Declaro ter procedido à revisão da dissertação de mestrado intitulada **"CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO SOCIAL, NA ÓTICA DE APICULTORES DO NORTE DE MINAS GERAIS PARA SEU DESENVOLVIMENTO HUMANO E ECONÔMICO"**, apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitário Unihorizontes, de autoria de Kelly Medeiros Cortezão do Carmo, sob a orientação da Professora Doutora Helena Belintani Shigaki, contendo 117 páginas, assim distribuídas:

Capa: p. 1

Elementos pré-textuais: 2-11

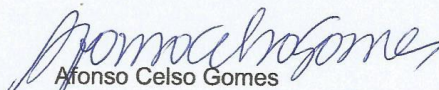
Elementos textuais:

- Introdução: 12-18
- Ambiência da pesquisa: 19-28
- Referencial Teórico: 29-43
- Metodologia: 44-55
- Apresentação e Análise dos Resultados: p. 56-96
- Considerações Finais: 97-104
- Elementos pós-textuais: 105-117

ITENS DA REVISÃO

- Correção gramatical
- Inteligibilidade do texto
- Adequação do vocabulário

Belo Horizonte, 4 de agosto de 2020.



Afonso Celso Gomes

Registro LP9602853/DEMEC/MG

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Pedro e Ana, pelo amor genuíno, por acreditarem em mim e por me apoiarem e me incentivarem sempre.

Às minhas irmãs, Karin e Kate, ao meu irmão, Vladimir, à minha cunhada, Walquíria, e ao meu sobrinho, Pedro, pelo carinho e incentivo. Nada disso teria sentido se vocês não existissem em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida, por me permitir realizar mais um sonho e por seu infinito amor, que permitiu o meu desenvolvimento para um futuro melhor.

À minha orientadora e professora, Helena Belintani Shigaki, pela disponibilidade, paciência e inúmeras contribuições, a quem serei eternamente grata por me despertar para o melhor que eu posso ser.

Aos membros da banca examinadora, Prof.^a Dr.^a Fernanda Versiani de Rezende, e Prof.^a Dr.^a Luciana Alves Rodas Vera, por, tão gentilmente, aceitarem participar e colaborar com esta dissertação.

À minha família: meus pais, Pedro e Ana Maria, minhas irmãs, Karin e Kate, meu irmão, Vladimir, minha cunhada, Walquiria, e meu sobrinho, Pedro, pelo constante apoio e incentivo e pela compreensão quanto aos momentos de ausência.

Aos meus incentivadores e apoiadores: Andreia Barbosa, Elinar Souza, Felipe Ribeiro, Fernanda Lima, Karina Morato, Luísa Guimarães, Márcio Knüpfer, Meiriá Alves, Pedro Guimarães, Rafael Carlos, Regis Pereira, Silvana Moreira, Suzana Bernis Thais Rosa, Valdenia Faria e Wagner Lopes, por compreenderem meu isolamento e ausência em inúmeros encontros.

Aos meus professores da FPL e da Unihorizontes, pela dedicação, competência, apoio e todo o conhecimento compartilhado. À Vera Lemos e Fernanda Fortes, da secretaria do mestrado, pelas orientações e fundamental apoio.

Às minhas incansáveis companheiras de estudo, Ana Maria Moulin, Cláudia Araújo, Liza Kamei, Poliane Moreira e a todos os colegas do mestrado.

A todos os associados da APIBOC, em especial àqueles que participaram da pesquisa.

Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre.

Simone de Beauvoir.

RESUMO

O objetivo deste estudo consiste em identificar e analisar os impactos de um projeto social de incentivo à apicultura no desenvolvimento humano e econômico dos apicultores, na ótica deles. Esta pesquisa é de natureza descritiva, com abordagem de estudo qualitativa, tendo como estratégia o estudo de caso e como metodologia a entrevista em profundidade. Para a análise dos dados, utilizou-se o procedimento de análise de conteúdo. Identificaram-se 12 códigos analíticos: quando, motivadores, equipamentos/materiais, técnicas, capacitação, renda, conhecimento, profissionalização, instituições de apoio, consequências do projeto, expectativas de futuro e significado. Foram entrevistados oito apicultores associados à APIBOC, todos com experiência na área, variando de 9 a 35 anos, e participação no projeto entre 6 e 16 anos. Os resultados revelaram que ocorreram mudanças significativas no desenvolvimento da atividade apícola em decorrência da ampliação do conhecimento e do aprimoramento de técnicas. Os resultados indicaram que o desenvolvimento do capital humano e a cessão de área para a instalação dos apiários foram fatores decisivos para a manutenção da atividade no município e para a consecução do objetivo de gerar renda. O projeto também proporcionou oportunidades para o desenvolvimento humano dos participantes, impactando positivamente sua qualidade de vida e as tomadas de decisões sobre o seu futuro, principalmente quanto à escolha por ser apicultor. De modo geral, o projeto proporcionou a integração dos apicultores, na medida em que, por atuarem na mesma área, facilitou a troca de informações e experiências. Tal interação colaborou para que eles se organizassem e procurassem por melhorias no manejo (técnicas), segurança e qualidade do produto, proporcionando a evolução da apicultura no município. Questões como sustentabilidade e consciência ambiental também emergiram do estudo como pontos de atenção para o futuro da apicultura.

Palavras-chaves: Desenvolvimento Humano. Desenvolvimento Econômico. Projeto Social. Apicultura.

ABSTRACT

This study aimed to identify and analyze the impacts of a social project that encourage beekeeping on the human and economic development of beekeepers, from their own perspective. The type of research used to develop this study was descriptive, with a qualitative study approach, case study strategy and, as a methodology, the in-depth interview. The data were analyzed using the content analysis procedure. Twelve analytical codes were identified, namely: when, motivators, equipment/materials, techniques, training, income, knowledge, professionalization, support institutions, project consequences, expectations of the future, meaning. Eight beekeepers associated with APIBOC were interviewed, with experience of 9 to 35 years in the beekeeping activity, with participation in the project ranging from 6 to 16 years. The results reveal that there have been significant changes in the development of the beekeeping activity due to the expansion of knowledge and the improvement of techniques. Regarding its economic development, the results indicated that the development of human capital and the transfer of area for the installation of apiaries was a decisive factor for the maintenance of activity in the municipality and for the objective of the project, which is income generation. In relation to human development, the project provided opportunities for their development, and had a positive impact on quality of life and decision making about their future, especially when it comes to choosing to be a beekeeper. In general, the evaluation of the project provided the integration of beekeepers. As they are together in the same area, it was possible to exchange information and experiences, in addition to integration, helping them to organize themselves and seek improvements in handling (techniques), safety and product quality, providing the evolution of beekeeping in the municipality. Issues such as sustainability and environmental awareness also emerged in the study as points of attention for the future of beekeeping.

Keywords: Human Development. Economic Development. Social Project. Beekeeping.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue identificar y analizar los impactos de un proyecto social, para alentar la apicultura, en el desarrollo humano y económico de los apicultores, desde su perspectiva. Para desarrollar este estudio, se determinó el tipo de investigación descriptiva, utilizando el enfoque de estudio cualitativo, utilizando el estudio de caso como estrategia, y la metodología de entrevista en profundidad. Para el análisis de datos, se utilizó el procedimiento de análisis de contenido, con experiencia en apicultura con variación de 9 a 35 años y la participación en el proyecto con variación de 6 a 16 años. Para el análisis del contenido de las entrevistas, se identificaron 12 códigos analíticos, los cuales son: cuándo, motivadores, equipos/materiales, técnicas, capacitación, renta, conocimiento, profesionalización, instituciones de apoyo, consecuencias del proyecto, expectativas del futuro, significado. Los resultados revelan que ha habido cambios significativos en el desarrollo de la actividad apícola debido a la expansión del conocimiento y el perfeccionamiento de las técnicas. En cuanto a su desarrollo económico, los resultados indicaron que el desarrollo del capital humano y la cesión de área para la instalación de colmenares fue un factor decisivo para el mantenimiento de la actividad en el municipio y para el propósito del proyecto, que es la generación de renta. Con respecto al desarrollo humano, el proyecto proporcionó oportunidades para su desarrollo y tuvo un impacto positivo en la calidad de vida y la toma de decisiones sobre su futuro, especialmente cuando se trata de elegir ser un apicultor. En la evaluación general, el proyecto proporcionó la integración de apicultores, quienes, debido a que estaban juntos en la misma área, hicieron posible el intercambio de información y experiencias, y esta integración les ayudó a organizarse y buscar mejoras en el manejo (técnicas), la seguridad y la calidad del producto, proporcionando la evolución de la apicultura en el municipio. Cuestiones como la sostenibilidad y la conciencia ambiental también surgieron en el estudio como puntos de atención para el futuro de la apicultura.

Palabras clave: Desarrollo Humano. Desarrollo Económico. Proyecto Social. Apicultura.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Bibliometria dos termos pesquisados.....	20
Quadro 2	Associações iniciantes do projeto.....	26
Quadro 3	Associações que participam do projeto.....	27
Quadro 4	Paralelo entre a filantropia e compromisso social.....	35
Quadro 5	Caracterização dos entrevistados.....	45
Quadro 6	Síntese da proposição metodológica.....	52
Quadro 7	Códigos analíticos e categorias.....	53

ABREVIATURAS

AAPIVALE	Associação Regional de Apicultores e Exportadores do Vale do Aço
APIBOC	Associação dos Apicultores de Bocaiuva
APL	Arranjo Produtivo Local
ASE	Ação Social Empresarial
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CODEA-NM	Conselho do Desenvolvimento da Apicultura do Norte de Minas
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
COOPEMAPI	Cooperativa de Apicultores e Agricultores Familiares do Norte de Minas
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado Minas Gerais
GIFE	Grupo de Instituto, Fundações e Empresas
IDIS	Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social
ISP	Investimento Social Privado
ONG	Organizações Não Governamentais
RSC	Responsabilidade Social Corporativa
SciElo	Scientific Electronic Library Online
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SPELL	Scientific Periodicals Electronic Library

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
1.2	Objetivo da pesquisa	17
1.2.1	Objetivo geral	17
1.2.2	Objetivos específicos.....	17
1.3	Justificativa.....	18
2	AMBIÊNCIA DA PESQUISA.....	22
2.1	Projeto de Apicultura	22
2.2	Associação de Apicultores de Bocaiuva.....	28
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	30
3.1	Responsabilidade Social Empresarial.....	30
3.2	Investimento Social Privado.....	32
3.3	Desenvolvimento Humano	35
3.4	Desenvolvimento Econômico	39
4	METODOLOGIA.....	42
4.1	Tipo da pesquisa	42
4.2	Abordagem da pesquisa.....	42
4.3	Método da pesquisa	43
4.4	Unidade de análise, observação e sujeitos da pesquisa	44
4.5	Coleta de dados.....	46
4.5.1	Instrumentos e estratégia de coleta de dados	48
4.6	Análise dos dados.....	50
4.6.1	Procedimentos para a análise dos dados.....	51
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	53
5.1	O passado e o presente da atividade apícola.....	55
5.1.1	Quando.....	56
5.1.2	Motivadores.....	56
5.1.3	Equipamentos e materiais.....	59
5.1.4	Técnicas.....	60
5.1.5	Capacitação.....	62
5.1.6	Renda.....	63
5.1.7	Conhecimento.....	64
5.2	Capacitação profissional.....	67
5.2.1	Profissionalização.....	67
5.3	Apoio.....	72
5.3.1	Instituições de apoio.....	72
5.4	Projeto.....	80
5.4.1	Consequências do projeto.....	80
5.5	Reflexão.....	85
5.5.1	Expectativas de futuro.....	85
5.5.2	Significado.....	88
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94

REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	107
APÊNDICE B - Questionário de Recrutamento.....	108
APÊNDICE C - Roteiro de Entrevista	109

1 INTRODUÇÃO

O mercado globalizado tem pressionado as empresas a equacionarem a necessidade de obter lucros, a obedecerem à legislação e a estarem atentas a suas responsabilidades éticas, morais e sociais para com as comunidades em que se inserem. Esse movimento fez nascer um novo *ethos*, que influenciou o papel das empresas e do Estado em relação ao modo de fazer negócios no mundo (ASHLEY *et al.*, 2003).

Autores como Fischer, Fedato e Belasco (2005) apontam que muitas empresas, de alguma forma, envolvem-se com questões sociais. Esse envolvimento pode contemplar desde uma simples doação de recursos financeiros ou de bens em caráter assistencial ou emergencial até a estruturação de uma área estratégica, em que se procura dar à atuação social a mesma abordagem formal e planejada que se utiliza nas estratégias da organização.

As organizações devem adotar comportamentos universalmente aceitos, destacando-se: maior envolvimento nas comunidades em que estão inseridas, contribuindo para o desenvolvimento econômico e humano dos indivíduos, até uma atuação direta na área social, em parceria com governos ou isoladamente (ASHLEY *et al.*, 2003). A esse comportamento dá-se o nome de “Responsabilidade social corporativa”, ou RSC.

Demonstrar a importância da RSC como estratégia das organizações ainda é um desafio. Segundo Peria (2020), a RSC está em desenvolvimento e ainda é vista como uma obrigação legal ou como ações voltadas ao assistencialismo, sem um perfil consolidado e conhecimento tangível dos benefícios futuros para as organizações. Apesar de não estar consolidada, a RSC se destaca, e “as organizações buscam por políticas e ações voltadas ao assunto, a fim de criar um componente de estratégia, criação de valor e incorporação no portfólio” (PERIA, 2020).

O conceito de Investimento social privado, ou ISP, segundo Fischer, Fedato e Belasco (2005), é materializado em projetos sociais desenvolvidos em parceria com o segundo e ou terceiro setor. Espera-se que recursos sejam repassados às organizações não

governamentais (ONG), para a promoção de ação social, sem a preocupação de medir a efetividade das ações.

O ISP é percebido por algumas empresas como um fator estratégico, considerando que na maioria delas a gestão está subordinada à área de Sustentabilidade e que o direcionamento desse investimento é definido de maneira formal, de acordo com uma política, diretriz ou outra orientação corporativa (GENTIL, 2019).

O Grupo de Instituto, Fundações e Empresas (GIFE, 2019) considera o ISP como o direcionamento de recursos privados para projetos e ações sociais, com o compromisso de realizarem o monitoramento e a avaliação dos projetos desenvolvidos, para diferenciá-los de práticas assistencialistas. Espera-se com isso um resultado positivo do investimento naquele projeto ou nas ações sociais, tal como acontece nas empresas, em que é possível mensurar o ganho do investimento.

O papel das empresas não é somente aquele de natureza econômica, mediante a produção de bens e serviços e a geração de empregos e impostos. Deve também integrar a estrutura ambiental e social em que ela está inserida, sobre a qual exerce e recebe influências (DIAS, 2012). O mesmo autor reforça que a responsabilidade social da empresa faz parte de sua estratégia e deve ser configurada como um elemento permanente, tornando-a um instrumento positivo para as empresas e a sociedade (DIAS, 2012).

Segundo Prates Rodrigues (2013), até 1980 não se considerava eticamente correto que a ação social empresarial, ou ASE, pudesse ter objetivos esperados para o negócio da empresa – isto é, que ele também visasse à eficácia econômica. No entanto, de acordo com a mesma autora, nos dias de hoje, além de ser admitido, este tipo de ação é considerado necessário e desejável, embora sua avaliação ainda seja incipiente nas empresas.

O direcionamento de recursos privados para projetos sociais pressupõe o comprometimento de monitorar e avaliar os projetos desenvolvidos, para diferenciá-los

de práticas assistencialistas, esperando, assim, obter um resultado do investimento feito naquele projeto, como acontece com os demais investimentos das empresas.

Para Gentil (2019), as empresas têm consciência do seu papel social perante seus stakeholders e estão atentas e dispostas a deixarem para as gerações subsequentes uma herança positiva, embasadas em iniciativas socioambientais que extrapolem a promoção da qualidade de vida no sentido de promover o desenvolvimento sustentável das comunidades.

A unidade de análise desta dissertação foi um projeto social de geração de renda, tendo como fulcro a apicultura, implantado por uma empresa de reflorestamento de eucalipto em 2004, na unidade Florestal, em Minas Gerais. A empresa possui uma área de 230.617 hectares, distribuídos em 22 fazendas de 22 municípios, nas regiões Centro, Noroeste e Norte de Minas Gerais. Deste total, 97.830 hectares são de área preservada com mata nativa, ou seja, de preservação permanente e de reserva legal.

A área mencionada tem grande potencial para o desenvolvimento da prática da atividade apícola, considerando que há oferta de floradas, tanto do eucalipto quanto das árvores nativas (cerrado), e que estas floradas são essenciais para que as abelhas colem o néctar e produzam mel e derivados. A intenção de criar e implantar o projeto social de geração de renda, caracterizado como de incentivo à apicultura, deu-se em razão dessa disponibilidade de área e do interesse em apoiar e incentivar o desenvolvimento, humano e econômico da população residente no entorno das áreas da empresa.

Grande parte da população do entorno das unidades da empresa é constituída de agricultores que desenvolvem suas atividades no meio rural e têm fácil acesso às áreas da empresa pela proximidade. Então, a apicultura poderia ser uma atividade de renda complementar.

O projeto consiste no acesso às áreas da empresa por parte dos participantes das associações, para a locação de apiários, com a finalidade de explorar mel e outros produtos (própolis, geleia real, pólen e cera de abelha). Tal acesso é formalizado em

um termo de parceria e se dá de forma controlada, com orientações sobre os cuidados com o meio ambiente e segurança do trabalho.

Como contrapartida pela utilização da área da empresa, os associados, por intermédio da associação, contribuem com o valor correspondente a 1,5kg de mel por caixa inserida na floresta. Este valor é investido em benefícios de instituições sociais da região, mediante a doação de materiais e equipamentos voltados para a melhoria do atendimento de seus beneficiários.

A proposta deste estudo é identificar e analisar os impactos do projeto, na percepção dos apicultores. Segundo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS 2018), a avaliação dos impactos se propõe a fornecer evidências sobre as mudanças produzidas nas realidades dos beneficiários – ou o que se espera produzir –, com o objetivo de detectar ou comprovar se eles foram, pelo menos em parte, gerados pelo projeto, programa, política ou negócio.

Este estudo busca responder à seguinte questão norteadora da pesquisa: **Quais são os impactos no desenvolvimento humano e econômico de apicultores envolvidos em um projeto social de incentivo a apicultura?**

1.2 Objetivo da pesquisa

Com a finalidade de responder ao problema da pesquisa, foram estabelecidos o objetivo geral e três objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo geral

Identificar e analisar os impactos do projeto social de incentivo à apicultura no desenvolvimento humano e econômico dos apicultores, na ótica deles.

1.2.2 Objetivos específicos

- a) Identificar e analisar as mudanças ocorridas em relação ao desenvolvimento da atividade apícola, segundo os próprios apicultores;

- b) Identificar e analisar a percepção dos apicultores quanto a seu desenvolvimento econômico neste projeto social;
- c) Identificar e analisar a percepção dos apicultores quanto a seu desenvolvimento humano neste projeto social.

1.3 Justificativa

Este estudo pretende identificar e analisar os impactos na vida de apicultores, considerando seu desenvolvimento humano e socioeconômico, provocados por um projeto social de geração de renda orientado para a criação de abelhas para a produção de mel e outros produtos em áreas de reflorestamento.

Justifica-se não só pela permanência, ajustes e ampliação do projeto, como também pela possibilidade de utilizar estes resultados como mola propulsora da ampliação de investimentos por parte das empresas em projetos sociais que reforcem a identidade de RSE.

Os dados referentes à atividade apícola do estado de Minas Gerais são atraentes quando considerado seu potencial para gerar emprego e renda e para fixar o homem no campo, mediante a possibilidade de promover o crescimento da atividade, para atender ao mercado crescente de produtos apícolas, proporcionando desenvolvimento local. Revela-se necessário, portanto, estudar esses impactos na sociedade, para subsidiar a tomada de decisão sobre o ISP de empresas de reflorestamento no tocante à ampliação das ações orientadas para estimular a atividade na região.

Informações do site oficial do Governo de Minas Gerais dão conta que o estado é o quinto maior produtor de mel do País, conta 7 mil apicultores e gera 42 mil empregos, diretos e indiretos. Além disso, é o principal produtor de própolis verde, com produção entre 80 e 100 toneladas por ano, o equivalente a 90% de toda a produção nacional, segundo os dados do Safra Pecuário da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater-MG). Estima-se para 2020 a produção de 6,14 toneladas de mel, volume correspondente a 12% da produção nacional (AGENCIAMINAS, 2020).

Fernando Britto, superintendente regional da Codevasf em Minas Gerais, afirma que a apicultura é a atividade mais bem-sucedida e próspera no estado e que esta cadeia produtiva representa uma significativa fonte de renda familiar no Norte de Minas (CODEVAF, 2019).

Dados da Federação Mineira de Apicultura (FEMAP) apontam que as vendas aumentaram cerca de 30% desde o início da quarentena. Segundo César Ramos Júnior, presidente da Femap, o crescimento da procura de derivados da apicultura (mel e própolis) está ligado aos benefícios trazidos pelos produtos da apicultura (AGENCIAMINAS, 2020).

Este estudo justifica-se pelos aspectos acadêmico, organizacional e social. Considerando o aspecto acadêmico, o tema “Desenvolvimento humano e investimento social privado”, apesar de muito pesquisado em diversas áreas do conhecimento, conforme pesquisa realizada nas bases de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), da Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL), da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e do portal de periódicos da Capes, a maioria os temas volta-se para a implantação de programas de responsabilidade social, competitividade e estratégia de negócio, com atuações na área de educação, gestão e papel do profissional da área. Foram encontrados apenas 18 estudos que se propõem a identificar e analisar o resultado do investimento social privado em associação com o desenvolvimento humano dos beneficiários deste investimento, motivo este que foi apresentado a proposta de estudo.

O Quadro 1 mostra os retornos da busca por artigos com base nos termos *investimento social privado*, *responsabilidade social*, *desenvolvimento econômico* e *desenvolvimento humano*, sem definição de período.

Quadro 1 - Bibliometria dos termos pesquisados

Bases	SciELO	Spell	BDTD	Capes	Total
Investimento Social Privado e Desenvolvimento Humano	0	0	17	1	18
Investimento Social Privado e Responsabilidade Social	1	0	14	19	34
Investimento Social Privado e Desenvolvimento Econômico	0	0	0	4	4
Responsabilidade Social e Desenvolvimento Econômico	0	0	53	423	476
Responsabilidade Social e Desenvolvimento Humano	0	0	41	215	256
Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Humano	2	0	76	452	530

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Este estudo irá acrescentar ao conhecimento promovido por estudos anteriores e trazer inovação para os estudos de identificação e análise dos efeitos do investimento social privado.

Considerando o aspecto social, justifica-se pela razão que leva a pesquisar os impactos do projeto social na vida dos beneficiários, além da importância de identificar transformações na vida desses apicultores, como se espera dos objetivos propostos por projetos sociais, e não apenas uma forma de apresentar a empresa como responsável socialmente, por meio de números que compõem um relatório de sustentabilidade para prestar contas à sociedade.

Considerando o aspecto organizacional, este estudo justifica-se pela possibilidade de identificar os impactos causados por um projeto social, sendo possível avaliar se os objetivos e resultados esperados pelo projeto foram atingidos e se a apropriação do termo *responsabilidade social* está relacionada à estratégia de gestão da empresa, como apresenta Dias (2012), e a um retorno positivo para a sociedade em que a empresa está inserida.

Este estudo está estruturado em seis seções, incluindo esta Introdução, em que se apresentam o contexto, a problemática abordada, os objetivos, geral e específicos, e a justificativa. Na segunda, descreve-se a ambiência da pesquisa. Na terceira,

desenvolve-se a fundamentação teórica. Na quarta, delinea-se o caminho metodológico utilizado na pesquisa. Na quinta, procede-se à apresentação e análise dos resultados. Na sexta, formulam-se as considerações finais. Seguem-se as referências e os anexos.

2 AMBIÊNCIA DA PESQUISA

Este estudo apoiou-se em um projeto de geração de renda proporcionado a apicultores, como forma de incentivo à produção de mel e outros produtos em áreas de reflorestamento, pela Vallourec Tubos do Brasil S.A. – Unidade Florestal, sediada nas regiões centro, norte e noroeste de Minas Gerais.

2.1 Projeto de Apicultura

A Vallourec Soluções Tubulares do Brasil, criada em outubro de 2016, é o resultado da fusão da Vallourec Tubos do Brasil S.A. com a Vallourec & Sumitomo Tubos do Brasil. A empresa possui duas plantas para a produção de tubos de aço sem costura, uma em Belo Horizonte e outra em Jeceaba. A usina do Barreiro é um dos complexos de aço mais bem equipados do mercado internacional, produzindo tubos de aço sem costura para os setores de petróleo, manufatura, automotivo, energia e construção civil. Já a usina de Jeceaba é uma das plantas de aço mais modernas do mundo, focada na produção de tubos de aço sem costura exclusivamente para a indústria de petróleo e gás.

O projeto social de geração de renda por meio da apicultura foi implantado, em 2004, na unidade Florestal do grupo, serviu de objeto de estudo desta dissertação.

A Vallourec Tubos do Brasil S.A. – Unidade Florestal, fundada em 1969, subsidiária da Vallourec Soluções Tubulares do Brasil S.A, é responsável pelo abastecimento de carvão vegetal, principal fonte de energia renovável, utilizado nos altos-fornos para a produção de tubo de aço sem costura. A empresa é pioneira no plantio e gerenciamento de florestas de eucalipto para a produção de carvão vegetal. Destaca-se no mercado nacional por suas pesquisas genéticas, mecanização de atividades e produtividade de suas florestas. A sede fica em Curvelo (Minas Gerais) e as plantações de eucalipto estão nas regiões Central, Norte e Noroeste do estado. Possui 230.617 hectares em 22 fazendas de 22 municípios e 97.830 hectares de áreas preservadas.

A intenção de criar e implantar o projeto social de apicultura se deu pela disponibilidade de área da empresa com potencial para a atividade apícola – áreas preservadas: área de preservação permanente e áreas de reserva legal – e pela necessidade de gerar renda para parte da população residente no entorno das áreas da empresa, segundo o gestor que implantou o Projeto de Apicultura em 2002, Sr. Guilherme de Freitas, responsável pela Gerência Administrativa e de Meio Ambiente da empresa na época.

Para o Sr. Guilherme de Freitas, apesar de a empresa gerar renda nas regiões em que atua por meio da oferta de empregos, ainda era possível vislumbrar a oferta das áreas para a geração de renda às pessoas que sobreviviam da agricultura familiar. A apicultura seria uma forma de gerar renda secundária, que complementaria a renda do agricultor, sem que tivesse de abandonar seus costumes e as atividades que desenvolvia em suas propriedades.

Segundo Barros *et al.* (2008, p.77), a “apicultura é a técnica de criação de abelhas produtoras de mel em colmeias artificiais, utilizando métodos e equipamentos desenvolvidos para melhor explorar as capacidades naturais destes insetos”. Trata-se de uma das atividades mais antigas e importantes do mundo. As abelhas, do gênero *Apis* e espécie *Apis mellífera*, fornecem produtos naturais, como, cera, geleia real, pólen, própolis e apitoxina.

Jones *et al.* (2011) explicam que os produtos apícolas são amplamente utilizados desde tempos antigos, mas existe um ressurgimento do interesse pelo que a colmeia pode oferecer, talvez, devido ao alto custo de produtos farmacêuticos e sintéticos.

O agronegócio apícola vem se destacando nacionalmente desde os anos 1980, quando o movimento naturalista impulsionou o consumo de alimentos mais saudáveis, com vistas à busca por qualidade de vida, e, por consequência, favoreceu a melhor remuneração destes produtos (CORREIA-OLIVEIRA *et al.*, 2010).

Para Souza (2013), a atividade de apicultura tornou-se uma importante fonte de renda para várias famílias que sobrevivem da agricultura familiar, pois no Brasil, evoluiu

significativamente, reunindo requisitos que a posicionaram em um patamar de potencial inclusivo e sustentável do ponto de vista tanto ambiental quanto econômico e social.

Os produtos advindos da colmeia são de interesse de vários grupos, como, pesquisadores em apicultura, indústria farmacêutica e alimentícia, medicina veterinária, centros de medicina alternativa, clínicas de feridas e nutrição (JONES *et al.*, 2011).

A apicultura se destaca pelo baixo custo de investimento inicial e pela lucratividade, sendo esta uma possibilidade real de negócios e de inclusão social (SEBRAE, 2009). Além disso, desempenha um papel fundamental na produção agrícola, na polinização realizada pelas abelhas nas culturas e na consciência de proteção do meio ambiente (SEBRAE, 2009).

Há uma tendência mundial de crescimento da demanda de mel, principalmente por ser um produto diferenciado (VIDAL, 2020). Segundo a mesma autora, é necessário desenvolver pesquisas científicas que apontem os benefícios para a saúde dos diversos tipos de méis produzidos no Brasil, para que seja possível atingir mercados que oferecem melhor remuneração.

Com base na política de desenvolvimento regional da empresa, foi proposta a implantação de um arrojado projeto social de apicultura, que se consolidaria como um importante instrumento de geração de empregos, ocupação e renda em municípios em que a empresa atua. Nessa perspectiva, poderiam ser criadas ou fortalecidas associações de apicultores, integrando as famílias locais, prestadores de serviço e, principalmente, moradores das comunidades circunvizinhas com ou sem prática na apicultura.

Até início do projeto, a empresa possuía contratos com sete apicultores, de forma individual, numa área aproximada de 140.000 hectares, e com a instalação de 4.870 colmeias, aproximadamente 162 apiários, com cerca de 30 colmeias cada um. Esses usuários das áreas da empresa eram de diversos municípios, sendo alguns externos ao município no qual a empresa estava instalada.

Em setembro de 2003, iniciaram-se as ações para a implantação do projeto, com a definição de parceiros (agências de desenvolvimento local, prefeituras, Emater, associações de apicultores ou associações comunitárias), visita técnica à Associação Regional de Apicultores e Exportadores do Vale do Aço (AAPIVALE) e diagnóstico da realidade apícola (existência de apicultores, casa de mel, etc.) de cada município elegível para o projeto. Em outubro de 2003, cartas foram enviadas pela própria Vallourec e pelos parceiros, ocorrendo a mobilização dos apicultores e agricultores da região para a apresentação do projeto de apicultura. Em novembro do mesmo ano, foram realizados quatro encontros entre a Vallourec, parceiros e candidatos, nos municípios de Bocaiuva, Paraopeba, Curvelo e João Pinheiro, com o objetivo de apresentar o projeto aos cadastrados, assim como os parceiros e os resultados esperados.

Após conhecer o projeto, os interessados tiveram a oportunidade de se manifestar e de se cadastrar nas associações já constituídas. Para os municípios onde não tinha associação, incentivou-se a criação da associação para a participação no projeto. Dessa forma, foi possível organizar os grupos para treinamentos sobre a atividade apícola e as definições de apoio local. A proposta de apoio focava na disponibilidade de pasto apícola, nos treinamentos e na doação de equipamentos e materiais para o início das atividades.

A proposta do projeto consistia na permissão de uso da área da empresa por parte dos participantes das associações para a locação de apiários, com a finalidade de explorar mel e outros derivados (própolis, geleia real, pólen e cera de abelha). Como contrapartida pela utilização da área da empresa, as associações contribuiriam com a doação de mel ou recurso financeiro, que seriam repassados a instituições sociais (pastorais, creches, asilos).

Os primeiros contratos de parceria datam de setembro de 2004, envolvendo doze associações, sendo seis de apicultores e seis comunitárias, todas devidamente registradas em cartório, com estatuto e registro de CNPJ e com seus líderes engajados na participação do projeto (Quadro 2).

Quadro 2 – Associações iniciantes do projeto

Associação	Município
Associação Comunitária de Cabeceira de Canabrava e Canabrava	Guaraciama
Associação Comunitária de Lagoa do Meio	Felixlândia
Associação Comunitária de Pequenos Produtores Rurais de Lagoa do Barro e Boqueirão da Tirica	Montes Claros
Associação Comunitária de Pontinha	Paraopeba
Associação de Trabalhadores e Pequenos Produtores Rurais de Calhau	Montes Claros
Associação dos Apicultores de Bocaiuva	Bocaiuva
Associação dos Apicultores de Curvelo e Região	Curvelo
Associação dos Apicultores de João Pinheiro	João Pinheiro
Associação dos Apicultores de Mirabela	Mirabela
Associação dos Apicultores de Paraopeba e Região	Paraopeba
Associação dos Apicultores de São Norberto	Engenheiro Navarro
Associação dos Moradores de Calhau, Nova Esperança e Nova Boqueirão	Montes Claros

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Em 2005, os apicultores já possuíam o treinamento básico, oferecido pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado Minas Gerais (EMATER-MG), e iniciaram a inserção dos apiários nas áreas da empresa. No decorrer dos anos, algumas associações não conseguiram se manter, por diversos motivos, por exemplo: falta de engajamento de lideranças das associações comunitárias, desmotivação de apicultores e pouca persistência com a atividade. Pediram o distrato do contrato de parceria e a exclusão do projeto.

Em 2009, realizou-se um novo contato com as associações, para confirmar o interesse em permanecer. Apenas quatro associações das doze se mantiveram. Das oito que desistiram, três eram comunitárias que tinham lideranças conhecedoras e engajadas com o projeto, mas após a nova eleição da gestão comunitária os líderes eleitos não tiveram o mesmo engajamento.

Durante o período de distrato, os apicultores foram orientados a criar uma associação específica de apicultores, para que pudessem retornar ao projeto e às áreas da empresa, desta vez com um líder que também fosse beneficiário do isso foi feito.

Atualmente, o projeto mantém contrato de parceria com sete associações, todas de apicultores, localizadas em sete municípios e distribuídas em dez unidades de manejo da empresa (Quadro 3).

Quadro 3 – Associações que participam do projeto

Associação	Município
Associação dos Apicultores de Bocaiuva	Bocaiuva
Associação dos Apicultores de Curvelo e Região	Curvelo
Associação dos Apicultores de Guaraciama	Guaraciama
Associação dos Apicultores de João Pinheiro	João Pinheiro
Associação dos Apicultores de Paraopeba e Região	Paraopeba
Associação dos Apicultores de São Noberto	Engenheiro Navarro
Associação dos Apicultores do Norte de Minas	Montes Claros

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

Entre as associações participantes do projeto, a Associação dos Apicultores de Bocaiuva (APIBOC), localizada no município de Bocaiuva, destacou-se em capacitação profissional, organização e mobilização. Como resultado desse desempenho foi possível articular com algumas instituições e órgãos públicos, como, Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Senar, Sebrae, Emater, bancos e empresas de reflorestamento, ampliando consideravelmente as oportunidades de capacitação e desenvolvimento de seus associados.

A articulação da APIBOC com instituições de capacitação e desenvolvimento da região do Norte de Minas resultou na criação da Cooperativa de Apicultores e Agricultores Familiares do Norte de Minas (COOPEMAPI) e na instalação de um entreposto de mel na cidade de Bocaiuva, que facilitou a prospecção de novos mercados para os produtos da apicultura e criou condições favoráveis à prosperidade da produção de mel na região.

2.2 Associação de Apicultores de Bocaiuva

O projeto de geração de renda de apicultura reúne sete associações de apicultores. A unidade de observação desta pesquisa é uma das associações participantes, a Associação dos Apicultores de Bocaiuva (APIBOC), localizada no município de Bocaiuva, na região Norte de Minas Gerais. Criada em 1999, seu registro ocorreu em 3 de abril de 2000. Constitui seu objetivo organizar os apicultores que voltados para a atividade de criação de abelhas para a produção de mel, cera, própolis e outros produtos apícolas.

Segundo o atual presidente da associação, Sr. Antônio José Almeida, esta associação foi constituída pelo apicultor mais antigo da região, Sr. Jeremias (conhecido como Jeremel), que almejava produzir 5 toneladas de mel por ano. Na época, as pessoas que desenvolviam a atividade na região eram conhecidas como “meleiros”, que exploravam a apicultura de forma rudimentar, desorganizada e com pouca técnica.

A política da APIBOC era satisfazer seus clientes por meio de produtos com qualidade, mantendo a melhoria das condições de trabalho e produção e garantindo a satisfação de seus associados. Com base nos valores “Respeito à natureza” e “Respeito à honestidade” com seus parceiros e sócios, adotava como Visão “Crescer de forma sustentável, respeitando sempre o meio ambiente” e como Missão “Ser referência na atividade apícola no Norte de Minas com produtos e derivados do mel”.

Atualmente, a APIBOC é composta por 37 associados, sendo que 19 participam do referido projeto. Os demais utilizam pasto de outras empresas ou áreas vizinhas a suas propriedades.

Após o ingresso da APIBOC no projeto de apicultura, a associação precisou promover determinado nível de organização, considerando questões como: técnicas de aprimoramento da atividade apícola, preservação ambiental e segurança do trabalho. Isso influenciou as atividades da associação, que passou a disponibilizar dados relacionados à produção dos apicultores, criou regras de cuidados com a segurança dos apicultores e desenvolveu pesquisas e novas técnicas para aumentar a

produtividade e fomentar o georreferenciamento dos apiários nas áreas, entre outras ações. Essa organização proporcionou à APIBOC ser uma referência na apicultura da região e permitiu-lhe apresentar dados positivos sobre a apicultura que despertaram a atenção de instituições de desenvolvimento, a partir da capacitação de seus associados e da contratação de financiamento, que começaram a identificar a apicultura como uma possibilidade de geração de renda na região Norte de Minas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Pretende-se aqui investigar e analisar os impactos de um projeto social de uma empresa privada orientado para o desenvolvimento humano e econômico de seus participantes. Por isso, os conteúdos a serem pesquisados nesta seção estão relacionados aos conceitos de: responsabilidade social empresarial, investimento social privado, desenvolvimento humano e desenvolvimento econômico.

3.1 Responsabilidade Social Empresarial

A responsabilidade social se transformou em uma poderosa vantagem competitiva para as corporações e seus executivos. O envolvimento em ações comunitárias é fundamental para sua sustentabilidade, além de contemplar a preferência do consumidor, o respeito dos clientes e a admiração de seus colaboradores (OLIVEIRA, 2003). Para Catapan *et al.* (2013, p. 3), a tendência é a “busca do lucro aliado a iniciativas e responsabilidade social e sustentabilidade”.

Segundo Alves (2003, p. 38), foi Bowen (1957) quem primeiro fez uma análise mais criteriosa sobre responsabilidade social empresarial, ou RSE, quando menciona em seu livro *Responsabilidades Sociais de Homens*, que “se refere às ‘obrigações’ dos homens de negócio de adotar orientações, tomar decisões e seguir linhas de ação, que sejam compatíveis com os fins e valores da nossa sociedade”. A divulgação e a popularização do conceito de RSE ocorreram no início dos anos de 1960 nos Estados Unidos da América, no final da década de 1960 na Europa e no final dos anos de 1970 e início os anos de 1980 no Brasil (ALVES, 2003).

Para Oliveira (2003), o conceito de responsabilidade social empresarial está vinculado à ética nas ações e relações com os públicos com os quais a empresa interage, os chamados “stakeholders”. Trata-se de pessoas ou grupos de interesse que legitimam as ações de uma organização quando suas necessidades são atendidas (DIAS, 2012), podendo ser: acionistas, empregados, fornecedores, consumidores, governo, mercado, meio ambiente e comunidades. Oliveira (2003) reforça que responsabilidade social é uma mudança de atitude na perspectiva empresarial e na geração de valores para

todos. Considera o fato de que as iniciativas de RS estão ligadas à estratégia de gestão da empresa, o que contribui para uma sociedade mais justa e próspera.

As empresas deixaram de atender apenas aos interesses do mercado e de seus acionistas, passando a considerar também as expectativas de seus stakeholders, elementos fundamentais para o planejamento estratégico da organização, considerando que há uma influência direta das partes interessadas na imagem e reputação desta organização. Hoje, as empresas precisam considerar não apenas suas responsabilidades econômicas e legais, mas também suas responsabilidades éticas, morais e sociais (ASHLEY, 2003),

A responsabilidade das empresas deixa de ser somente econômica, passando também a focar os âmbitos ambiental e social, pois os impactos de suas atividades perpassam por estas três esferas, de acordo com Dias (2012). No que concerne aos impactos sociais, identifica-se uma alteração no comportamento da sociedade, em função da instalação de um empreendimento naquele ambiente: as relações sociais e de trabalho são influenciadas, contribuindo para a modificação do espaço e a mudança de hábitos, valores e costumes antes relevantes naquela sociedade (DIAS, 2012).

Mello Neto e Froes (2004) afirmam que a sociedade produziu discussões no sentido de sensibilizar o empresariado a ter consciência do seu papel quanto às questões sociais e ambientais e a engajar-se em ações solidárias de interesse da sociedade. De forma mais ampla, a responsabilidade social empresarial propõe ações para estimular o desenvolvimento do cidadão e fomentar a cidadania individual e coletiva, considerando todos os envolvidos naquele ambiente, naquela sociedade: indivíduos, governo, grupos sociais, movimentos sociais, igrejas e outras instituições (MELO NETO; FROES. 2004).

Fischer (2002), em 1999, já sinalizava que as proposições de atuação social das empresas eram uma tendência de estratégia empresarial e seguiam o caminho de responsabilidade social para a cidadania organizacional. Tal pensamento foi reforçado dez anos depois por Dias (2012) quando argumentou que havia um aumento na percepção no mundo dos negócios de que responsabilidade social não é um modismo, e sim um novo modo de entender o papel da empresa perante a sociedade. O autor

considerou a compreensão da importância do desenvolvimento sustentável para o futuro do planeta e entendeu que a responsabilidade social é uma forma de gestão da empresa que colabora para a sociedade nos momentos em que suas preocupações são incorporadas à estratégia da empresa.

Para Alves, Ferraz, Kamel (2012), cada vez mais, as empresas têm se engajado em questões sociais e estão sendo convocadas pelo Poder Público e por comunidades de seu entorno para apoiar iniciativas voltadas para a solução de seus problemas. Esses desafios, na maioria das vezes, são causados pela ineficiência de organismos governamentais, os quais, sob a alegação de que a máquina pública está deficitária, delegam responsabilidades para a sociedade civil e as empresas (ALVES; FERRAZ; KAMEL, 2012).

Uma forma de incorporar essa responsabilidade à sociedade e à estratégia da empresa é por meio da implantação de um sistema de gestão de responsabilidade social que seja assumido pelo público interno – gestores e funcionários da empresa –, pois estes assumem um compromisso superior socialmente responsável com os demais stakeholders (DIAS, 2012). Para o mesmo autor, a responsabilidade social remete à boa governança da organização e a uma gestão ética e sustentável. Sua colaboração com a sociedade deve ser de forma transparente, sendo incorporada à estratégia de negócio.

Para o Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social, a RSC “implica práticas de diálogo e engajamento das empresas com todos os públicos ligados a ela, a partir de um relacionamento ético e transparente” (p. 3, 2013). Dessa forma, há uma aproximação das empresas com seus *stakeholders* e as ações conjuntas tendem a caminhar para o desenvolvimento sustentável.

3.2 Investimento Social Privado

O Grupo de Instituto Fundações e Empresas (GIFE) considera ISP como o direcionamento de recursos privados para projetos e ações sociais orientados ao comprometimento de monitorarem e avaliarem os projetos que desenvolvem, para

diferenciá-los de práticas assistencialistas. Esperam, assim, um resultado positivo do investimento feito naquele projeto ou nas ações sociais, assim como acontece no negócio das empresas, em que é possível mensurar o ganho do investimento, neste caso, medindo o ganho e a melhoria da qualidade de vida dos participantes do projeto.

O GIFE, associação dos investidores sociais do Brasil, foi criado, em 1995, por 25 institutos, fundações e empresas. Tinha como Missão, “Aperfeiçoar e difundir os conceitos e práticas do uso de recursos privados para o desenvolvimento do bem comum” (GIFE, 2019). Consiste na institucionalização de um grupo de gestores empresariais que se reuniam informalmente, desde 1989, com o propósito de trocar experiências e potencializar parcerias entre os participantes (GIFE, 2019).

O papel central do GIFE é gerar conhecimento a partir de articulações em rede, para aperfeiçoar o ambiente político institucional do investimento social e ampliar a qualidade, legitimidade e relevância da atuação dos investidores sociais privados (GIFE, 2019).

Nogueira e Schommer (2009, p. 1), apresentam assim o sentido do termo investimento social privado:

Investimento social privado é um conceito criado por um grupo de executivos e líderes de empresas, fundações e institutos nos anos 1990 para designar uma forma de atuação social do setor privado, principalmente empresarial, que buscava se diferenciar de formas mais tradicionais de filantropia.

Em meados dos anos de 1990, houve uma ressignificação e criação de conceitos ligados à área social, tais como: terceiro setor, filantropia estratégica, sustentabilidade, responsabilidade social empresarial (RSE), marketing social, voluntariado corporativo e cidadania empresarial. Na segunda metade da década, surgiu o termo *investimento social privado* (ISP) para designar uma nova forma de apoio das empresas e cidadãos às questões sociais, distanciado da visão de caridade (NOGUEIRA; SCHOMMER, 2009).

A definição de ISP pode ser mais bem entendida como a soma de três aspectos: origem dos recursos: privada e voluntária; forma de atuação: planejada (na busca de

resultados), monitorada e sistemática; e finalidade (projetos sociais, ambientais e culturais de interesse público, acima de interesses privados que a empresa ou o filantropo) (NOGUEIRA; SCHOMMER, 2009).

Segundo Nogueira e Schommer (2009), foi no início de 2000, durante o primeiro Congresso GIFE de Investimento Social Privado, que o conceito passou a ter outra importância: não só de diferenciar o ISP das práticas assistencialistas da filantropia tradicional, como também de marcar com mais clareza o espaço da ação social estruturada no âmbito da questão da Responsabilidade Social Empresarial (RSE).

Para Manoela (2014)¹, “o ISP diferencia-se de uma ação assistencialista por ter sua estratégia voltada para resultados sustentáveis de impacto e transformação social e por contar com a participação da comunidade no desenvolvimento da ação”. Dessa forma, percebe-se no ISP seu empoderamento popular e que seu resultado está voltado à transformação da vida dos participantes. O ISP rompe com o modelo de relacionamento tradicional, marcado pelo paradigma assistencialista, e passa a ser elemento de construção do desenvolvimento local sustentável.

Em sua publicação *Bondade ou interesse? Como e por que as empresas atuam na área social*, realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Peliano (2001) defende que as ações sociais das empresas foram sendo gradativamente incorporadas a suas estratégias de negócio e que atitudes próprias da filantropia deixaram de existir e passaram a ter características estratégicas com maior engajamento social por parte de todos os envolvidos, conforme é apresentado no Quadro 2, proposto pela própria autora.

Peliano (2001) acrescenta que há o reconhecimento geral de que o envolvimento social é bom para os empresários, para as organizações e para a comunidade.

¹ MANOELA, Luiza. Investimento social privado e sua aplicabilidade nas empresas. Dialogus Consultoria, Fortaleza, 5 jan. 2014. Disponível em: <https://www.dialogusconsultoria.com.br/investimento-social-privado-e-sua-aplicabilidade-nas-empresas/>. Acesso em: 30 dez. 2018.

Quadro 4 - Paralelo entre a filantropia e compromisso social

Na filantropia	No compromisso social
1. As motivações são humanitárias.	1. O sentimento é de responsabilidade.
2. A participação é reativa e as ações, isoladas.	2. A participação é proativa e as ações, mais integradas.
3. A relação com o público-alvo é de demandante/doador.	3. A relação com o público-alvo é de parceria.
4. A ação social decorre de uma opção pessoal dos dirigentes.	4. A ação social é incorporada na cultura da empresa e envolve todos os colaboradores.
5. Os resultados resumem-se à gratificação pessoal de poder ajudar.	5. Os resultados são preestabelecidos e há preocupação com o cumprimento dos objetivos propostos.
6. Não há preocupação em associar a imagem da empresa à ação social.	6. Busca-se dar transparência à atuação e multiplicar as iniciativas sociais.
7. Não há preocupação em relacionar-se ao Estado.	7. Busca-se complementar a ação do Estado, numa relação de parceria e controle.

Fonte: PELIANO, 2001.

O Quadro 4 traça um paralelo entre as mudanças de atitudes próprias da filantropia empresarial e aquelas que caracterizariam o maior engajamento social.

As ações para esse engajamento social são protagonizadas por empresas, fundações ou instituições vinculadas às empresas de forma direta ou em parceria com organizações da sociedade civil, a partir da mobilização de interesses coletivos e objetivos compartilhados (ANDION; BECKER; VICTOR, 2012).

3.3 Desenvolvimento Humano

Em 1990, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicou o “Relatório do Desenvolvimento Humano”, cujo objetivo era ampliar as discussões sobre o termo *desenvolvimento humano*. O foco no crescimento econômico (renda) começa a dividir espaço com o bem-estar do ser humano, considerando suas oportunidades e capacidades. Representou um ponto de mudança na discussão teórica sobre o desenvolvimento humano. O PNUD definiu assim este conceito: “Desenvolvimento humano é o processo de ampliação das liberdades das pessoas, no que tange suas capacidades e as oportunidades a seu dispor, para que elas possam escolher a vida

que desejam ter” (PNUD 2013, p. 23). Essa nova conceituação trouxe a perspectiva da melhoria da qualidade de vida, mediante a apropriação do ser do indivíduo, em que ele passa a ter a oportunidade de se desenvolver para o que deseja ser.

O crescimento econômico é uma estratégia necessária para gerar os recursos essenciais capazes de proporcionar o desenvolvimento humano. Os recursos financeiros são importantes, pois são determinantes para algumas escolhas e para permitir o acesso a bens e serviços, como educação, empreendimentos e capacitação profissional. Todavia, a ligação entre crescimento e desenvolvimento não é direta, o que torna essencial dar atenção à estrutura e à qualidade do crescimento (PNUD, 1996).

É importante entender que a ampliação da visão social do processo de desenvolvimento brasileiro está acompanhando um movimento em nível mundial e que o termo *desenvolvimento* não é mais caracterizado como fenômenos ou processos prioritariamente econômicos:

Nos últimos quarenta anos, pelo menos, este conceito tem sofrido uma ampliação da extensão do seu conteúdo. Há muito, o termo “desenvolvimento” deixou de denotar somente fenômenos e processos estritamente econômicos, tais como o aumento do produto real per capita ou o aumento da produtividade dos fatores de produção. A partir dos anos 1970 incorporam-se ao conceito de desenvolvimento diversas noções, que passam, inclusive, a justificar o aparecimento de novas expressões associadas ao desenvolvimento, como “desenvolvimento sustentável” e “desenvolvimento humano”. Grande parte dessas noções contribuiu para ampliar sobremaneira o conteúdo normativo do conceito de desenvolvimento, bem como para diminuir o seu grau de precisão (PINHEIRO, 2012 p. 08).

Segundo o PNUD (1996), para se ter um desenvolvimento equilibrado, as ligações entre crescimento e desenvolvimento humano precisam ser fortalecidas. Os pontos significativos que determinam como o crescimento pode contribuir para o desenvolvimento são: equidade, oportunidade de emprego, acesso aos ativos produtivos, igualdade entre os sexos, política populacional, bom governo e uma sociedade civil ativa.

Para Fukurada-Parr (2002), Amartya Sen, economista indiano, foi um dos principais integrantes da equipe que elaborou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH),

passando a assumir importante papel na reestruturação do conceito e na proposta de um novo paradigma de desenvolvimento humano. Segundo ele, a influência de Amartya Sen contribuiu para enriquecer os conceitos e instrumentos de mensuração de desenvolvimento humano, que teve seu início no IDH, na medição de igualdade de gênero e desenvolvimento humano e, posteriormente, na definição e medição de pobreza humana, entre outros. Foi sua teoria do desenvolvimento como ampliação das capacidades que se tornou o ponto de partida para a avaliação do desenvolvimento humano.

Sen (2000) procura analisar o conceito de desenvolvimento contra-argumentando as noções de crescimento de Produto Interno Bruto, industrialização e avanço tecnológico. O crescimento econômico não deve ser visto como um fim em si mesmo, mas atentar-se, sobretudo, para a expansão da liberdade e a melhoria das condições de vida dos indivíduos, sendo que estes ocupam lugar central em todo o desenvolvimento de sua teoria.

O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo (SEN 2000, p. 29).

Essa nova perspectiva de desenvolvimento humano traz a ideia de melhoria das condições de vidas dos indivíduos, a qual só se efetivará com a expansão das possibilidades de ser e de fazer o indivíduo, de sua liberdade. Dessa forma, o desenvolvimento está relacionado à redução de obstáculos como: analfabetismo, falta de saúde, impossibilidade de acesso a recursos e ausência de liberdades civis e políticas (Fukuda-Parr, 2002).

Bresser-Pereira (2014) considera que os conceitos de progresso e de desenvolvimento humano são equivalentes, embora tenham origens e conotações diferentes. Segundo o autor, o desenvolvimento humano está associado ao desenvolvimento econômico, envolve mudança estrutural e relaciona-se a determinado Estado-nação. Já o progresso é um conceito universal e, geralmente, visto como um ideal, como o permanente avanço da razão e do conhecimento, enquanto o desenvolvimento costuma ser visto como um processo histórico de realização dos direitos humanos.

Para Sen (2000), no conceito de desenvolvimento existem duas razões diferentes para a importância da liberdade individual, apontadas como *avaliação* e *eficácia*. Na primeira razão, o sucesso da sociedade deve ser avaliado de acordo com as liberdades que os membros desta sociedade desfrutam. Tal avaliação da liberdade pelos membros da sociedade pode ser vista como mais liberdade para fazer coisas importantes para si mesmos para a liberdade global da pessoa. É importante porque auxilia na oportunidade de a pessoa ter resultados valiosos (SEN, 2000). Na segunda razão, a eficácia, ter mais liberdade é determinante para que as pessoas cuidem de si mesmas e possam influenciar o mundo. Estes são quesitos para o processo de desenvolvimento, o que se pode chamar de “condição de agente” das pessoas (SEN, 2000). O sentido do termo *agente* aqui mencionado é “de alguém que age e ocasiona mudança e cujas realizações podem ser julgadas de acordo com seus próprios valores e objetivos, independentemente de as avaliações ou não também segundo algum critério externo” (SEN, 2000, p. 33).

O processo de expansão das liberdades visa garantir uma variedade de oportunidades para as pessoas, com o objetivo de proporcionar um ambiente para o exercício de seu potencial. Inclui a atuação social, política, econômica e ambiental (PNUD, 2013). Dessa forma, o desenvolvimento humano deve estar centrado nas pessoas e considerar seu bem-estar, conquistado por meio da ampliação do escopo das escolhas e da capacidade e liberdade de escolher (PNUD, 2013).

O significado de liberdade individual está intrinsecamente ligado a valores humanos (responsabilidade, poder, vontade, escolha etc.), que dependem, necessariamente, de um entendimento social. Os significados desses valores se formam nas práticas de uma comunidade. Assim, tanto as liberdades individuais como as crenças e os valores que lhes dão suporte se constituem na esfera pública do discurso coletivo (PINHEIRO, 2012).

Sánchez (2019) sugere um exame crítico das diferentes teorias do desenvolvimento econômico e humano e propõe a mensuração qualitativa do desenvolvimento humano a partir da subjetividade e a geração de significado pelos indivíduos envolvidos. Dessa forma, “sustenta-se que a percepção subjetiva do desenvolvimento é tão ou mais

importante que as questões objetivas, pois reafirma a possibilidade de senti-lo e vivê-lo da perspectiva do sujeito, ou seja, de suas apreciações de suas condições de vida” (SÁNCHEZ, 2019, p. 115).

Diante dessa perspectiva, o desenvolvimento humano e a qualidade de vida não estão associados apenas ao acúmulo de bens e ao acesso a determinados serviços, como educação e saúde, sendo medidos pelas taxas de alfabetização e expectativa de vida.

Segundo Sánchez (2019, p. 124), é necessário

[...] conhecer e ser capaz de determinar as implicações que esses elementos têm no bem-estar das pessoas, é necessária uma análise precisa das condições socioeconômicas e culturais predominantes em um determinado contexto. Isso nos permite entender como isso influencia a maneira como as pessoas usam esses recursos, a maneira como seu próprio bem-estar é percebido, o peso que é dado a cada um desses itens e dependendo de como esses pesos são feitos.

As autoavaliações dos indivíduos sobre seu bem-estar e a satisfação com as condições de vida que elas levam são consideradas na avaliação de desenvolvimento.

3.4 Desenvolvimento Econômico

O desenvolvimento econômico é um fenômeno histórico que ocorreu nos países ou Estados-nação que passaram por revolução capitalista. É caracterizado por Bresser-Pereira (2006, p. 1) como um:

[...] processo de sistemática acumulação de capital e de incorporação do progresso técnico ao trabalho e ao capital que leva ao aumento sustentado da produtividade ou da renda por habitante e, em consequência, dos salários e dos padrões de consumo de uma determinada sociedade.

Segundo Bresser-Pereira (2006), o capitalismo é um sistema econômico coordenado pelo mercado, em que a competição entre empresas e Estados-nação ocorre em nível mundial e seu sucesso é entendido como desenvolvimento econômico. Essa competição ficou evidente após a globalização e a abertura de todos os mercados. Entretanto, desde a revolução capitalista o objetivo político central das nações é o desenvolvimento econômico, e um Estado só será realmente bem-sucedido se estiver alcançando taxas razoáveis de crescimento (BRESSER-PEREIRA, 2006).

Berlinckl e Cohenll (1970) apresentam a distinção entre crescimento econômico, modernização e desenvolvimento da seguinte forma: crescimento econômico é um processo em que ocorre um persistente aumento da renda real de uma economia; modernização é um processo de mudança do comportamento social de uma população em que os novos parâmetros culturais da estrutura são fornecidos pela Revolução Industrial; e desenvolvimento significa aqui um processo de mudança da divisão do trabalho na base da qual a maioria ou uma parcela substancial da população de uma sociedade passa a se beneficiar (por meio da melhoria de suas condições de vida) do crescimento econômico ocorrido.

Para Bresser-Pereira (2006), o sucesso do desenvolvimento econômico está na capacidade que a nação tem de formular estratégias de desenvolvimento ou de competição e na força e união de sua sociedade para a participação desta competição internacional, aproveitando seus próprios recursos naturais e humanos. O crescimento da economia está intrinsecamente relacionado a estratégias de desenvolvimento. É o sinal de que governo, empresários, técnicos e trabalhadores estão em sintonia e preparados para a competição econômica com as demais nações. O contrário é sinal de que a nação perdeu sua coesão e solidariedade, (BRESSER-PEREIRA, 2006).

Segundo Souza (2005), o desenvolvimento econômico é definido pelo aumento contínuo dos níveis de vida, o que implica maior consumo de produtos e de serviços básicos, mas o valor da renda per capita é insuficiente para refletir corretamente os diferenciais de desenvolvimento entre países ou regiões. Portanto, é necessário considerar indicadores adicionais que possam refletir melhorias sociais e econômicas. Para a autora, estes indicadores podem ser caracterizados como: alimentação de qualidade, atendimento médico e odontológico, educação qualificada, mais segurança e melhor qualidade do meio ambiente.

Para Bresser-Ferreira (2006), o desenvolvimento econômico pressupõe do ponto de vista apenas da oferta o crescimento da produtividade de um país, o qual depende da acumulação do capital humano – ou seja, da melhoria dos níveis de saúde, educação e competência técnica da população, além da acumulação de capital físico (qualquer ativo não humano) a ser operado por esta mão de obra cada vez mais capacitada.

Quando há evidências de desenvolvimento econômico, presume-se que a qualidade técnica dos trabalhadores melhorou e que os empresários investiram e inovaram em treinamentos e desenvolvimento.

Para Souza (2005), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), pode resumir os indicadores de desenvolvimento. Trata-se de uma “medida resumida do progresso em longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde” (PNUD 2020).

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) criou o IDH com o objetivo de oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento.

4 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentam-se: tipo, abordagem, método, unidade de análise, unidade de observação e sujeitos da pesquisa, utilizados como fio condutor para investigar o tema da pesquisa, e coleta e análise dos dados obtidos neste estudo.

4.1 Tipo da pesquisa

A pesquisa realizada foi de natureza descritiva, uma vez que se trata de descrever a origem e características de um projeto social de geração de renda e seus desdobramentos em relação aos participantes.

Segundo Gil (2002), o objetivo de uma pesquisa descritiva é descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Dentre as pesquisas descritivas, encontram-se aquelas que pretendem estudar características de determinados grupos ou aquelas que têm por objetivo identificar atitudes, crenças e opiniões de determinada população, por exemplo. Para o mesmo autor, algumas pesquisas descritivas vão além de estabelecimento de relações entre variáveis quando procuram a busca pela natureza dessas relações.

Pretende-se descrever e analisar o projeto social em questão, considerando suas características, assim como as expectativas e percepções da população beneficiária, estabelecendo relações entre desenvolvimento humano e desenvolvimento econômico de seus beneficiários e sua inserção no projeto (VERGARA, 2003).

4.2 Abordagem da pesquisa

A pesquisa possui abordagem qualitativa, cujo objetivo foi identificar e analisar os impactos do projeto social de incentivo à apicultura no desenvolvimento humano e no desenvolvimento econômico dos apicultores, na ótica deles, abrindo espaço para a compreensão e interpretação deste fenômeno.

Segundo Godoy (1995), o fenômeno pode ser mais bem compreendido se analisado no contexto em que ele ocorre. Para tal, é importante que o pesquisador vá a campo para buscar informações a partir da perspectiva dos indivíduos envolvidos, com o intuito de identificar pontos relevantes que irão sustentar ou não o problema apresentado.

Para Demo (2009, p.146), não há conflito entre quantidade e qualidade, pois “qualidade provém também de bases quantitativas, como mostra o fenômeno não linear da emergência”. Segundo ele, “há realidades que talvez pudéssemos chamá-las de mais qualitativas, e outras mais quantitativas, mas todas são mescla de ambas as dimensões”. Considerando o objetivo do estudo ora supracitado, percebeu-se a necessidade de entender a realidade vivida pelos participantes e captar o que essa informa para além dos indicadores, abordando-as na profundidade das experiências vividas e percebidas por eles.

As ciências sociais lançam mão de metodologias alternativas, como a qualitativa, para ter acesso ao lado subjetivo do fenômeno, que não é possível ser medida em métodos formais de mensuração, obtendo-se, assim, depoimentos que se transformam em dados relevantes e que possibilitam ampliar o conhecimento da complexidade da realidade (DEMO, 2009).

4.3 Método da pesquisa

O método utilizado para a pesquisa foi o estudo de caso, que, desde a sua origem, nas mais diversas áreas do conhecimento, segundo Chizzotti (2006), teve seu uso ampliado para o estudo de eventos, processos, organizações, grupos, comunidades etc. O estudo de caso busca estudar a vida em sociedade e se aplica a situações específicas, com potencial para revelar experiências subjetivas e complexas que envolvem os seres humanos em suas relações sociais.

No estudo de caso, é possível fazer um levantamento de dados com mais detalhes e profundidade de determinado caso ou grupo utilizando diferentes técnicas de pesquisa, para conhecer determinada situação e descrever a complexidade de um fato. Dessa forma, ele não pode ser generalizado (LAKATOS; MARCONI, 2009).

Para Yin (2005), o estudo de caso e a pesquisa histórica se sobrepõem em vários aspectos, sendo que o primeiro conta com fontes de evidência adicionais que contribuem substancialmente para a credibilidade dos resultados da pesquisa.

O foco de um estudo de caso, segundo Harrison *et al.* (2017), é na investigação em por menores de uma unidade de análise como um sistema limitado (o caso), em seu contexto em um determinado período de tempo. No caso em questão, o objetivo é identificar e analisar os impactos do projeto social de incentivo à apicultura. Portanto, o projeto social se torna o caso analisado.

4.4 Unidade de análise, observação e sujeitos da pesquisa

A unidade de análise desta pesquisa é um projeto social de geração de renda, por meio da atividade apícola, implantado e gerenciado por uma empresa de reflorestamento no Norte de Minas, desde 2004, proporcionando áreas de reflorestamento para a instalação de colmeias de abelha para a exploração de mel e seus derivados.

A unidade de observação da pesquisa foi a APIBOC, localizada no Norte de Minas Gerais, criada em 1999, cujo objetivo é organizar os apicultores do município e desenvolver a apicultura na região. A referida associação é responsável pela organização dos apicultores, com objetivo de provocar o desenvolvimento da apicultura na região, mediante a formação profissional, a constituição de parcerias e o incentivo à comercialização dos produtos.

Os sujeitos da pesquisa foram oito apicultores, devidamente associados à APIBOC, que utilizam a área da empresa como pasto para o desenvolvimento de sua atividade apícola. Atualmente, a associação conta 19 associados no projeto de apicultura da empresa. Destes, somente 15 puderam participar da primeira fase da coleta de dados, quando foi possível aplicar um questionário de recrutamento para levantar as características dos apicultores participantes do projeto e obter informações para estruturar o roteiro das entrevistas em profundidade. Os demais participantes ou não estavam no município ou estavam em atividades de campo, e por isso não puderam ir ao local da pesquisa. Todos os participantes tiveram acesso e estavam cientes das

condições estabelecidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice A).

O questionário de recrutamento (Apêndice B) foi composto por 10 perguntas, sendo 5 sobre a caracterização dos respondentes e 5 sobre o projeto e seus impactos. Os dados obtidos por meio do questionário de recrutamento permitiram traçar o perfil dos apicultores participantes do projeto e elaborar o roteiro de entrevista (Apêndice C), para realizar a segunda fase da pesquisa, além de definir os critérios de identificação dos apicultores convidados a participar da pesquisa.

Como critérios para a participação das entrevistas, definiram-se: tempo de participação no projeto social, considerando que quanto mais longo o tempo de projeto maior seria a possibilidade de obter informações que poderiam auxiliar na consecução do objetivo do estudo, que era captar a percepção do desenvolvimento por parte dos apicultores; e participação ativa em algum cargo na APIBOC ou COOPEMAPI, considerando que este envolvimento poderia trazer mais clareza ao desenvolvimento da atividade e dos apicultores.

Dos 19 apicultores participantes do projeto, 13 se enquadraram nos critérios para participar das entrevistas (tempo de projeto social e participação na APIBOC ou COOPEMAPI) e foram convidados, mas apenas 8 tiveram disponibilidade para participar das entrevistas na data planejada, sendo estes os sujeitos deste estudo (Quadro 5).

Quadro 5 - Caracterização dos entrevistados

(continua)

Entrevistado	Idade	Escolaridade	Posição na APIBOC	Posição na COOPEMAPI	Tempo de atividade apícola	Tempo de projeto
Apicultor 1	40	Ensino Médio Técnico	Associado	Conselho fiscal	9	8
Apicultor 2	50	Ensino Médio	Conselho fiscal	Cooperado	35	15
Apicultor 3	50	Ensino Médio	Presidente	Diretor	18	16
Apicultor 4	46	Ensino Fundamental	Conselho fiscal	Cooperado	31	15
Apicultor 5	51	Ensino Médio Técnico	Tesoureiro	Cooperado	15	15

(conclusão)

Apicultor 6	46	Ensino Fundamental	"sem vínculo"	Cooperado	14	14
Apicultor 7	59	Ensino Médio	Associado (fundador)	"sem vínculo"	30	16
Apicultor 8	54	Ensino Superior	Conselho fiscal	Presidente	9	6

Fonte: elaborado pela autora desta dissertação, com base em dados da pesquisa.

Todos os entrevistados são do sexo masculino. Percebe-se que a participação feminina no projeto de apicultura é pouco expressiva, considerando que há apenas a participação de uma apicultrora nos 16 anos do projeto. A experiência de todos os entrevistados na apicultura variou de 9 a 35 anos e a participação no projeto de apicultura variou de 6 a 16 anos. Todos os entrevistados possuem alguma posição na APIBOC ou na Coopemapi, sendo que 6 possuem cargos em uma das duas organizações e 2 possuem cargos nas duas organizações.

Dos entrevistados, 2 estão no projeto desde o seu início e 3 entraram para o projeto no segundo ano de implementação. O entrevistado com menor tempo de participação do projeto está há 6 anos. Quanto à escolaridade, 6 possuem ensino médio ou superior. O único entrevistado que possui ensino superior é o que tem menos tempo de atividade e de projeto, além de já ter sido eleito presidente da Coopemapi.

4.5 Coleta de dados

Para a elaboração do estudo, realizou-se na empresa um levantamento de dados sobre a origem e o desenvolvimento do projeto. Foram analisados documentos como o projeto, ofícios, convites, listas de presença, registros de encontros realizados com parceiros e comunidades, registro de benchmarking com associações e cooperativas já estabelecidas a época, foram analisados também contratos estabelecidos com as associações. Este material é de propriedade da empresa e se encontra no setor de Relações com Comunidades da Vallourec Tubos do Brasil S.A. – Unidade Florestal.

Realizou-se também, por meio de encontros com lideranças da Associação dos Apicultores de Bocaiuva, o levantamento de informações sobre a origem e o desenvolvimento da referida associação. Tais encontros proporcionaram maior ambientação com a unidade de observação, o que auxiliou na elaboração do projeto.

A pesquisa documental, realizada nesta dissertação, é um instrumental bastante utilizado para pesquisas em Administração, segundo ROESCH (2009). Esta fonte de dados complementa os demais dados coletados com outros instrumentos de coletas de dados. Para o projeto em questão, esta pesquisa contribuiu como fonte para a elaboração do projeto, a compreensão do tema e a análise dos dados.

Para Lakatos e Marcone (2015), a pesquisa documental é útil por fornecer conhecimento que servem de *background* ao campo de interesse, por evitar o desprendimento de esforços desnecessários, por sugerir problemas e hipóteses e por orientar para outras fontes de coletas. Dessa forma, ela é essencial para o apoio na estruturação do estudo.

Após o levantamento de dados do projeto de apicultura e da associação dos apicultores, encontros com representantes da associação e associados foram agendados para a apresentação do estudo e convite à participação da pesquisa. Posteriormente, foram feitos agendamentos individuais para a realização das entrevistas em profundidade.

A coleta de dados ocorreu em dois momentos distintos. No primeiro, aplicou-se um questionário de recrutamento aos 15 apicultores, cujo objetivo era coletar informações capazes de caracterizar o grupo e auxiliar na identificação dos respondentes e na elaboração e condução do roteiro de entrevista em profundidade.

As informações levantadas no questionário de recrutamento apresentaram a caracterização da população envolvida no projeto e foram estruturantes na elaboração e condução do roteiro de entrevistas em profundidade.

Posteriormente, foram agendadas as entrevistas com os associados da APIBOC, para que a segunda parte da coleta de dados fosse realizada com os participantes que se enquadravam nos critérios para participação das entrevistas em profundidade.

4.5.1 Instrumentos e estratégia de coleta de dados

Foram realizadas entrevistas em profundidade com apicultores, tendo em vista que a entrevista é entendida por Lakatos e Marcone (2003) como um encontro de duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza informal, podendo ser realizada com pessoas-chave, em grupo e individualmente.

Na entrevista realizada neste estudo, foi utilizado um roteiro de perguntas que norteou a coleta de dados. O entrevistador teve a flexibilidade em sua condução. Para Selltiz *et al.* (1974, p. 271), a flexibilidade possibilita ao entrevistador “explorar áreas nas quais existe pouca base para saber quais as perguntas que devem ser feitas ou qual maneira de fazê-las”.

Para Manzini (1990), a entrevista semiestruturada é capaz de produzir informações de forma livre, sem respostas condicionadas a um padrão já estabelecido de alternativas. Portanto, ela foi direcionada para a identificação e percepção das mudanças ocorridas no comportamento dos participantes após a sua inserção no projeto, extrapolando as informações obtidas no primeiro roteiro de caracterização, mas, ao mesmo tempo, tomando-as por base, de forma a obter dados específicos e individualizados sobre o impacto do projeto na vida dos participantes.

Duarte (2004) afirma que a entrevista, quando bem realizada, permite ao pesquisador mergulhar em profundidade, coletando dados dos modos com que cada um daqueles sujeitos percebe e significa a sua realidade, o que é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

As entrevistas em profundidade foram realizadas pessoalmente pela pesquisadora. O roteiro de entrevista continha 24 perguntas, divididas entre o histórico do apicultor na atividade e no projeto, sua percepção sobre as instituições de apoio, os benefícios, o futuro e o significado da apicultura para os mesmos.

Para a seleção dos entrevistados, foram utilizados dois critérios: maior tempo de permanência no projeto; e ter algum cargo ou ser liderança na APIBOC ou Coopemapi, com a intenção de obter o máximo de informações de um grupo representativo de apicultores, considerando sua percepção do período anterior e posterior à implantação do projeto. Partindo desses critérios, em janeiro de 2020 foi feito um levantamento com o presidente da APIBOC, para, dentre os 19 apicultores participantes do projeto social, identificar quais apresentavam os critérios acima. Foram identificados 13 apicultores, ainda ativos nas áreas da empresa, sendo 12 homens e 1 mulher.

Destes 13 apicultores, 10 foram convidados a participar da pesquisa, mediante de contato telefônico, feito pela própria autora deste estudo. Já com 3 não foi possível fazer o contato (telefone fora de área ou desligado) e eles também não retornaram a ligação. A autora disponibilizou a opção de três dias para a realização das entrevistas, no município de Bocaiuva, em um hotel localizado na região central, o que facilitaria o acesso de todos. Dos 10 apicultores convidados, 8 tiveram disponibilidade de agendamento da entrevista durante o período.

Com relação à quantidade de entrevistados, optou-se pela utilização de dois critérios, mutuamente excludentes: saturação; e quantidade. Segundo Thiry-Cherques (2009), “não existem instrumentos matemáticos ou lógicos de delimitação prévia do ponto de saturação e, por consequência, do número de observações requerido”. A forma de utilização do critério de saturação está na aplicação de entrevistas semiestruturadas, com respostas abertas. Após determinado número de entrevistas, não são identificados novos dados ou informações diferentes daquelas já apresentadas. Considera-se, então, que já houve uma saturação dos dados. Para a quantidade, há indicação de um número mínimo de 6 pesquisados (Wertz & Greenbert, 1985) ou, mesmo, de 10 (Lanabee, Bolden, & Kright, 1998). Foram, portanto, realizadas 8 entrevistas com apicultores ativos no projeto, cujas idades variavam de 40 a 59 anos.

As entrevistas em profundidade foram realizadas de forma presencial e gravadas, mediante autorização dos entrevistados, com duração média de 44 minutos.

Como a transcrição de entrevistas é considerada uma mudança da fala para a escrita, as transcrições foram realizadas pela própria autora, a fim de manter a fidelidade dos dados recebidos, conforme orienta Gibbs (2009).

4.6 Análise dos dados

Para a análise dos dados, utilizou-se o método de análise de conteúdo, considerando que fornece meios pelos quais o analista consegue sistematizar e organizar os dados obtidos com a pesquisa. Contudo, a análise de conteúdo não apresenta o resultado da pesquisa; apenas orienta o olhar do pesquisador (LEITE, 2017). Para a autora, a análise de conteúdo e o referencial teórico é que darão o apoio para o analista chegar ao resultado da pesquisa.

Para a análise de conteúdo das entrevistas, realizou-se a categorização *a posteriori* das informações obtidas no diagnóstico. Esta categorização é também uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação ou analogia (BARDIN, 2006).

A categorização é realizada a partir da análise e verificação dos temas mais recorrentes dentre os citados nos depoimentos do diagnóstico. A partir deste critério, buscou-se estabelecer a descrição e análise dos resultados da pesquisa, ressaltando-se que dos depoimentos dos participantes do diagnóstico emergirão subcategorias. (BARDIN, 2006).

4.6.1 Procedimentos para a análise dos dados

Concluídas as entrevistas, foram feitas as transcrições e deu-se início à primeira etapa da análise, com a leitura detalhada de todas as entrevistas. Isso possibilitou conhecer o material e habituar-se ao linguajar dos entrevistados e os termos específicos da apicultura mencionados durante a entrevista.

A transcrição das entrevistas foi orientada pela metodologia dos pesquisadores do projeto NURC/SP, que argumentam que deve ser de base ortográfica e procurar manter os fenômenos pragmáticos que ocorrem em maior quantidade na fala do que na escrita,

considerando as indicações de pausa, hesitação, silabação, ênfase, prolongamento de vogais e consoantes, truncamento e cortes de palavras (PRETI, 2009). Para essa transcrição, foi necessário limitar sinais típicos da escrita, como: parágrafos, vírgula, ponto e vírgula, pontos de exclamação e letras maiúsculas no início das frases (PRETI, 2009).

Após o conhecimento do material, foi possível chegar à segunda etapa, consistiu em organizá-lo e sistematizar as ideias principais de cada resposta, iniciando, assim, a compreensão das informações registradas, e conduzir a um esquema de desenvolvimento das próximas operações, segundo um plano de análise. Esta fase de organização corresponde a uma pré-análise, que teve por objetivo organizar e sistematizar as ideias iniciais e planejar um esquema das futuras análises (BARDIN, 1977).

O material de análise obtido foi organizado de acordo com o roteiro das entrevistas e dividido em grupos como: passado e presente da atividade apícola; capacitação/formação profissional; apoio/parcerias; projeto de apicultura; e reflexões. Essa organização objetivou produzir uma análise clara e compreensível dos dados coletados, por meio de procedimentos analíticos, garantindo a originalidade do estudo (GIBBS, 2009).

A elaboração do plano de análise permitiu iniciar a terceira etapa, com a identificação das coincidências e divergências entre as manifestações dos entrevistados, conforme sugere Godoy (1995). A partir desse momento, foi possível fazer a *codificação* (que compreende a escolha de unidades de análise) dos temas comuns às respostas e, posteriormente, a definição de *códigos analíticos* e *categorização*. A codificação é o tratamento dos dados das entrevistas, o qual representa a transformação dos dados brutos em códigos, permitindo uma representação do conteúdo do material de análise (BARDIN, 1977).

A análise do material empenhou-se em compreender as contribuições de cada entrevistado com relação a sua percepção sobre o projeto, sem que houvesse o aprofundamento de manifestações psicológicas ou de afloração do consciente, devido à incompreensão do tema por parte da pesquisadora (BARDIN, 2011).

O Quadro 6 apresenta a síntese da proposição da metodologia adotada.

Quadro 6 - Síntese da proposição metodológica

Elementos da metodologia	Descrição	Autores
Tipo de pesquisa	Descritiva	Gil (2002), Vergara (2003)
Abordagem da pesquisa	Qualitativa	Godoy (1995), Demo (2009)
Método da pesquisa	Estudo de caso	Chizzotti (2006), Marconi e Lakatos (2009), Yin (2005), Harrison (2017)
Unidade de análise	Projeto social de geração de renda	
Unidade de observação	Associação de Apicultores de Bocaiuva - APIBOC	
Sujeitos da pesquisa	Apicultores	
Coleta dos dados	Pesquisa documental com dados secundários e entrevista	Roesh (2009), Lakatos e Marcone (2015), Lakatos e Marcone (2003), Selltiz et al. (1972, Manzini (1990/1991), Duarte (2004)
Análise de dados	Análise de conteúdo	Bardin (1977), Godoy (1995), Bardin (2006), Gibbs (2009), Bardin (2011), Leite (2017)

Fonte: elaborado pela autora, 2020.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção contém cinco seções, organizadas de acordo com o roteiro de entrevista: primeira, refere-se ao passado e ao presente da atividade apícola; segunda, à capacitação profissional dos apicultores do projeto; terceira, aos apoios institucionais que proporcionaram o desenvolvimento da apicultura; quarta, à avaliação dos apicultores sobre o projeto de apicultura; e quinta, à reflexão do apicultor sobre o futuro da apicultura e seu significado em sua vida.

A partir da análise de conteúdo realizada, foram identificados 12 códigos analíticos, compostos por suas categorias, colocados na ordem como foram apresentados no roteiro de entrevista.

Para analisar os resultados deste estudo, foi necessário proceder a uma revisão ampliada da literatura, com o objetivo de explicar os fatos que emergiram da análise dos resultados das entrevistas. Algumas lacunas sobre os achados do estudo foram preenchidas, o que contribuiu para melhorar a compreensão desses resultados (Quadro 7).

Um revisão ampliada da literatura foi realizada após a análise dos dados, visto que os entrevistados trouxeram uma realidade não prevista no referencial teórico. Estes conceitos que foram acrescidos proporcionaram uma ampla reflexão, por parte da pesquisadora, sobre a percepção dos entrevistados quanto aos impactos do projeto e da atividade apícola na realidade dos mesmos.

Quadro 7 – Códigos analíticos e categorias

(continua)

Seção		Código analítico	Categoria
O passado e o presente da atividade apícola	5.1.1	QUANDO	(a) Idade
	5.1.2	MOTIVADORES	(a) Grupos de referência
			(b) Oportunidade
			(c) Curiosidade
			(d) Bel-prazer

(conclusão)

Passado e o presente da atividade apícola	5.1.3	EQUIPAMENTOS/ MATERIAIS	(a) Adequados
			(b) Inadequados
			(c) Custo alto
			(d) Dificuldade de acesso
	5.1.4	TÉCNICAS	(a) Adequadas
			(b) Inadequadas
	5.1.5	CAPACITAÇÃO	(a) aprimoramento do manejo
			(b) Novas técnicas
			(c) Profissionalismo
	5.1.6	RENDA	a) Antes
			(b) Depois
	5.1.7	CONHECIMENTO	(a) Antes
(b) Depois			
(c) Como			
Capacitação profissional dos apicultores do projeto	5.2.1	PROFISSIONALIZAÇÃO	(a) Inúmeras opções de trabalho com a apicultura
			(b) Arranjo Produtivo Local (APL)
			(c) Aumento de produtividade
			(d) Melhoria de vendas
			(e) Aumento de profissionais
			(f) desempenho
Apoios institucionais que proporcionaram o desenvolvimento da apicultura	5.3.1	INSTITUIÇÕES DE APOIO (inclui desenvolvimento da região)	(a) Associação APIBOC
			(b) Cooperativa COOPEMAPI
			(c) CODEVASF
			(d) demais parceiras
Avaliação dos apicultores quanto projeto de apicultura	5.4.1	CONSEQUÊNCIAS DO PROJETO	(a) produção - antes e depois
			(b) conhecimento
			(c) Segurança
			(d) aumento de vendas
Reflexão do apicultor	5.5.1	EXPECTATIVAS DE FUTURO	(a) profissão em risco de extinção
			(b) Pesquisas
			(c) desenvolvimento
	5.5.2	SIGNIFICADO	(a) qualidade de vida
			(b) segurança financeira
			(c) status
			(d) consciência ambiental
(e) gratidão			
(f) admiração			
(g) inspiração			

Fonte: elaborado pela autora, com base em dados da pesquisa.

5.1 O passado e o presente da atividade apícola

5.1.1 Quando

O código analítico “quando” possui uma categoria: *idade*. Refere-se a quando os entrevistados conheceram a apicultura e a partir de quando iniciaram a atividade apícola.

Foi possível identificar que alguns deles conheceram a apicultura ainda criança ou jovem e que a partir daí tenderam à atividade apícola ainda de forma extrativista, sem técnicas de manejo, e, quando adultos, decidiram por se tornarem apicultores. Segundo o apicultor 3, “desde criança desde mais jovem eu já tirava abelha no mato. Então eu já tinha conhecimento do que era zangão rainha... Eu só não tinha muito conhecimento [...]”.

Outros entrevistados conheceram a apicultura na idade adulta, por diversos motivos, como, aquisição de propriedade rural, convite de amigos, necessidade de mudança de ramo de atividade e aquisição de material proveniente de familiares, passando a entender que a atividade apícola poderia ser uma oportunidade de renda. Então, decidiram investir na atividade de forma profissional.

Iniciei em 2011 mesmo... É... Meu pai comprou uma propriedade né que era do irmão do [Citado1] que também é sócio e o Citado 1] tinha esse comércio. Aí eu vi naquela oportunidade também que daria para começar a trabalhar com apicultura. [Apicultor 1]

Foi até por necessidade de renda mesmo, sabe. É... Eu morava lá no [local] e eu criava gado. Tinha um... poço artesiano... Aí o poço artesiano secou [...] Aí eu tive de mudar de gado para apicultura. Então foi uma oportunidade de melhor renda. [Apicultor 6]

Martiniano *et al.* (2014), em seu estudo sobre o diagnóstico da prática sustentável da apicultura, identificaram que grande parte dos apicultores é formada por indivíduos que já trabalhavam com a agricultura desde cedo, por herança dos pais, e seguiram o perfil da família na agricultura.

5.1.2 Motivadores

O código analítico “motivadores” possui quatro categorias: *grupos de referência*, *oportunidade*, *curiosidade* e *bel-prazer*. Refere-se às motivações que levaram os entrevistados a desenvolverem a atividade apícola.

Por *grupos de referência*, entendem-se neste estudo: familiares, conhecidos e instituições de desenvolvimento. Esta categoria foi citada por cinco entrevistados que iniciaram suas atividades motivados por familiares e conhecidos. Um deles mencionou que sua motivação foi a parceria com uma instituição de desenvolvimento instalada no município – no caso, a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater/MG) – e outro mencionou o incentivo da empresa com o projeto social. Para o apicultor 7, “[...] olha, eu iniciei assim é ... 1990, nós, a gente, tinha uma parceria com o pessoal da EMATER né... aí nós fundamos a associação, a APIBOC.

[...] o [Citado 2], a pessoa que há muitos anos que mexe na apicultura, foi ele que mais incentivou a apicultura aqui em Bocaiuva entendeu [...] Aí começou o [Citado 2], o [Apicultor 7], o [apicultor 4]. Meu irmão começou um pouco antes do que eles. Aí eu vi eles mexendo nós fomos e compramos umas caixinhas. Saiu o projeto. Aí ele deu, nos parece, umas cinco caixas. Aí nós iniciou. [Apicultor 2]

[...]é ... eu já tinha pessoas da família né... que já mexia... colegas né.... e o motivo foi a oportunidade de eu ter renda ... de eu nivelar minha renda ... de eu ter uma renda mais rápida uma coisa mais fácil ... uma resposta mais rápida porque no meio rural apicultura é uma coisa que dependendo da hora que você entra se você entra na área na época da produção é uma renda imediata se você entra hoje daqui quinze vinte dias você já tendo colheita ... foi o que aconteceu comigo eu entrei no projeto né.... [Apicultor 6]

[...] olha, o que motivou de mexer com apicultura é que a gente já gostava só que a gente não tinha conhecimento, a empresa... que é Vallourec ela deu um convite de apicultura pra todo mundo que limitava com ela e a gente não sabia nem por onde começar, não existia curso, a gente não tinha noção, foi pra onde a gente entrou pro projeto Vallourec [...] aí eu e todo pessoal conhecido em torno dela, ela deu o convite pra trabalhar com apicultura dentro dela, foi aí que a gente deu tanta sorte que conseguiu fazer o primeiro curso, depois começou a trabalhar dentro dela. [Apicultor 4]

O grupo de referência está presente na fala de 6 dos 8 entrevistados. Dessa forma, foi possível identificar a presença marcante dessas relações como motivação para o início da atividade apícola.

A categoria *oportunidade* foi subdividida em dois critérios: geração de renda; e conhecimento, citados por 5 e 1 entrevistado, respectivamente. A oportunidade de geração de renda, presente na maioria dos discursos desta categoria, apresenta-se como código analítico em seção posterior. Quanto à oportunidade de conhecimento, 1 entrevistado, que é graduado em Engenharia de Produção, vislumbrou na apicultura a possibilidade de contribuir com seu conhecimento para o aperfeiçoamento e as inovações em técnicas e produtos.

[...] A oportunidade de conhecer um pouco né eu procurei também o [Apicultor 3]... os meninos me ensinaram muito eu fui no campo a primeira vez com o [Apicultor 3] mas foi na verdade a precisão na hora que eu tava desempregado e precisava trabalhar também. [Apicultor 1]

[...] é porque eu sempre gostei muito de mel em Bocaiuva eu tinha muita dificuldade de acesso de mel pra minha família foi um dos motivos e eu ... peguei uma época boa que as colmeias produzia rápido eu falei este negócio é bom dá pra ganhar dinheiro com isso e o mel tava num preço bom era bom na época que eu comecei a mexer pela paixão também pela própria apicultura por assim dizer é uma profissão muito prazerosa [Apicultor 3]

[...] era uma atividade que não era conhecida né... é uma oportunidade como engenheiro de produção também, porque é... depois que eu fui pesquisar mais... eu fiquei sabendo que vendia mel, exportava mel, que tinha um valor agregado diferente e não era explorado também... então tinha muita coisa pra ser feito na atividade apícola e da minha engenharia eu poderia ajudar nisto também. Como tinha produção de colmeias, eu poderia testar aqueles produtos, testar alguma coisa que a gente poderia fazer. [Apicultor 8]

Aqui, chama a atenção o fato de o projeto oferecido pela empresa ter por objetivo gerar renda e a percepção dos apicultores da possibilidade de renda. Na maioria das falas, percebe-se que os entrevistados tinham a visão de que a apicultura era uma atividade lucrativa tanto que chegaram a utilizar o termo *lucrativo*. Entendiam que por meio da apicultura poderiam obter renda e/ou ampliar a que tinham com outras atividades.

A categoria “curiosidade” está relacionada à menção que um entrevistado que fez sobre a extração de mel no mato, sem técnica apropriada e de modo semelhante ao de um urso. Essa associação entre o apicultor sem técnicas e o urso é comum entre os profissionais que desenvolvem a atividade, pois este animal é reconhecido pelo apreço ao mel.

[...] é era um urso por assim dizer era um meleiro eu tirava o mel no mato tem uma expressão que você usa de meleiro urso né ... eu mesmo tirava o mel não tinha nenhuma qualificação igual eu te falei não tinha centrifuga a partir disso

aí eu fiz minhas colmeias comprei maquinário comprei enxames em Santos Dumont aprendi a transportar abelhas sem o curso do SENAR aí depois fui fazendo cursos. [Apicultor 3]

A categoria “bel-prazer”, mencionada por quatro entrevistados, permitiu identificar a satisfação em exercer a atividade apícola, expressa pelas palavras *paixão*, *prazer* e *gosto*. A atividade de apicultura é vista de forma positiva e motivadora pelos entrevistados:

[...] eu comecei a mexer pela paixão também pela própria apicultura por assim dizer é uma profissão muito prazerosa. Aí, eu mudei, era serralheiro, automaticamente quando eu (aprendi) parei porque era muito prazerosa apicultura do que serralheria ... serralheria é estressante barulhenta eu não tinha não queria nem dizer lixadeira por causa do barulho então ... barulhinho de abelha é muito melhor do que barulho de lixadeira. [Apicultor 3]

[...] então neste início destas cinco colmeias que eu comprei aí eu fui com ele adquirir assistência técnica pra estas cinco caixas tomei gosto e apaixonei por abelha e sou completamente apaixonado até hoje. [...] fora do horário batia o cartão e corria pra abelhas até hoje sou assim sábado domingo. [Apicultor 5]

Eu iniciei porque em 1990 quando nós começamos assim pra ajudar a região ... e outra coisa eu sou muito apaixonado por mexer com a área de mato ... mato meio rural mais neste sentido [...] aí nós fomos estudar pegar livro biografia e fomos estudando e tudo fazer vários cursos seminários cursos congressos aí você vai apaixonando pela criação de abelha. [Apicultor 7]

O fator *acesso a produto*, manifestado por apenas um entrevistado, refere-se ao consumo do mel como alimentação, considerando que no passado havia dificuldade para adquirir o produto na região.

[...]o motivo ... é porque eu sempre gostei muito de mel em Bocaiuva eu tinha muita dificuldade de acesso de mel pra minha família foi um dos motivos e eu ... peguei uma época boa que as colmeias produzia rápido eu falei este negócio é bom dá pra ganhar dinheiro com isso e o mel tava num preço bom era bom na época [Apicultor 3]

A motivação pela atividade apícola foi bem diversificada na fala dos entrevistados. Percebe-se que a maioria foi influenciada por parentes ou amigos que já desenvolviam a atividade e outros, por necessidade de renda. Predomina nas falas que, no decorrer do contato com a atividade apícola, realizando o manejo adequado, os entrevistados foram conhecendo melhor a dinâmica das abelhas e se encantaram pelo inseto, pela organização destes e pelo trabalho que desenvolviam, o que os motivou, e ainda motiva, a permanecer na atividade.

5.1.3 Equipamentos e materiais

O código analítico “equipamentos e materiais” possui três categorias: *inadequados*, *custo alto* e *dificuldade de acesso*. Este código diz respeito aos equipamentos e materiais utilizados na prática da atividade apícola no início da vida profissional dos entrevistados.

Para 6 entrevistados os equipamentos e materiais utilizados por eles no início da atividade apícola eram inadequados, por não atenderem plenamente ao desenvolvimento das atividades.

Na verdade a gente pegava estes caixotinhos de feira coisa assim e armava eles lá e pegava não tinha quadro não tinha nada a gente ia lá com uma faca cortava colocava numa peneira penerava este mel e tal e naquela época não tinha comércio assim de para a gente vender ai a gente colocava no litro né e no litro normal mesmo trazia pá pá feira pro mercado pá pá vender [...]. [Apicultor 2]

[...] é no início não foi nada fácil porque a gente não tinha ajuda com entidade nenhuma né então a gente adquiriu madeira bruta em Joaquim Felício e a gente tinha aquele a ... faziam escola que tinha o material de serraria e aí a gente fazia uma parceria com as pessoas a gente comprava um caminhão de madeira contratava um carpinteiro e começava a fabricar as caixas. [Apicultor 7]

[...] sim quando eu entrei as pessoas como uma palavra ... as pessoas estavam na era do caixote ... era coletar a colmeia coletar as abelhas os enxames nos próprios caixotes nem sabiam o que era isto depois que eu fui entender o que era isto [...] as roupas também era diferente uma roupa mais grossa do que existe hoje mais quente do que existe hoje é. [Apicultor 8]

De modo geral, os equipamentos utilizados no início da atividade apícola eram de qualidade inferior aos atuais. Os entrevistados reconhecem que na época eram adaptados para a atividade apícola, como o uso de peneiras, facas e caixotes.

As categorias *custo alto* e *dificuldade de acesso* foram citadas pelos entrevistados, que relataram, simultaneamente, terem adquirido equipamentos e materiais de baixa qualidade a um preço elevado e que em algumas circunstâncias, devido à logística, o prazo para a entrega dos produtos era longo. O custo com o transporte era alto e onerava as aquisições, o que também dificultava o acesso.

[...] olha era muito difícil em 2005 quando nós começamos você não tinha aqui em Bocaiuva assim ... os equipamentos adequados você ia comprar uma roupa

de apicultura você tinha que ir lá em Janaúba lá no [nome] ou tinha que encomendar eles e ficar esperando então você utilizava a roupa comercial fraquinha roupa ruinzinha mesmo luvas NOSsa era uma dificuldade de você comprar uma luva sabe era muito difícil você ter esse acesso assim de materiais um garfo um trem mais simples você tinha que encomendar e demorava quinze dias pra chegar quando chegava você usava duas três vezes e o garfo quebrava aí cadê não tinha mais ... era difícil hoje os equipamentos os materiais naquela época era muito difícil colmeia era muito difícil não tinha ninguém que fabricava colmeias tinha que vir de fora e era muito caro transporte pra você trazer tudo caro. [Apicultor 5]

[...] o primeiro lote meu que comprei vinte colmeias foi em Turmalina e ... pra vir esta caixa de Turmalina foi tão difícil porque não tinha transporte de Turmalina pra cá direto de ônibus o [nome] trouxe pra mim o frete que eu tive que pagar um valor com acréscimo lá e ... arame também não tinha aqui não tinha material aqui ... só tinha luvas né ... se o produtor comprava aqui nas lojas de material de construção ... o arame galvanizado você não comprava [...]. [Apicultor 8]

Ponciano *et al.* (2013) identificaram em seus estudos, por meio da análise fatorial, aplicada a um conjunto de variáveis relacionadas ao emprego de tecnologias, que o nível tecnológico dos apicultores ainda é relativamente baixo, o que podem impactar o desenvolvimento da atividade apícola. Isso reforça a manifestação dos entrevistados sobre a dificuldade que tinham no cotidiano da apicultura.

Lourenço e Cabral (2016) ressaltam que, em estudos realizados sobre a sustentabilidade da apicultura em Sobral/CE, quando do início das atividades, em 2004, o manejo das abelhas na região era predominantemente extrativista e que eram frequentes as mortes causadas pelas abelhas. Então, os apicultores foram capacitados e “encaminhados ao Banco do Nordeste para efetuarem um financiamento destinado à aquisição de material e equipamentos apícolas individuais”. Percebe-se similaridade com os relatos dos entrevistados com reação ao início das atividades.

5.1.4 Técnicas

O código analítico “técnicas” possui duas categorias: *adequadas* e *inadequadas*. Considerou-se para discussão deste código o modo como eram desenvolvidas as atividades de apicultura no tocante às técnicas utilizadas pelos entrevistados quando iniciaram a vida profissional.

A categoria “adequada” foi citada por 1 entrevistado e a “inadequada”, por 6. O único entrevistado que mencionou ter-se iniciado na apicultura com técnicas adequadas declarou que fez o curso antes de iniciar a atividade apícola, pois estava em período de transição de profissão. Alegou que o conhecimento e as técnicas não eram suficientes para um bom manejo. Os demais entrevistados mencionaram ter iniciado a atividade sem capacitação profissional e com técnicas e práticas inadequadas.

[...] o que eu fiz... eu procurei a associação que tinha esse projeto de apicultura ... eu já tinha um histórico e tinha... busquei assistência técnica ... e.... me formei na apicultura e iniciei minha transição de profissão [...] naquela época a gente... meio ficava contando com a sorte... colocava os material no mato no campo e ... esperava as abelhas vir ... ai a gente ficava contando com elas... muitas produziam... muitas não produziam... então a gente assim não tinha uma seleção a gente ficava mais contando com a sorte mesmo ne ... as técnicas eram poucas... o conhecimento era bem pouco. [Apicultor 6]

A categoria “inadequada” apresentou uma realidade de pouco conhecimento por parte dos entrevistados sobre a dinâmica das abelhas no início das atividades. Como os entrevistados desconheciam o comportamento das abelhas, principalmente o modo como se organizavam e reagem aos fatores climáticos e suas doenças, o desenvolvimento das atividades era “às cegas”, sem a possibilidade de planejamento ou controle da produtividade.

[...]naquela época não tinha técnica nenhuma entendeu ... a gente não tinha um curso na verdade faltava treinamento mais depois quando a gente fez este curso ... em 2004 aí foi surgindo outros cursos entendeu já bem mais avançado entendeu então sempre a gente teve foi em 2010 pra cá sempre a gente teve um técnico acompanhando a gente. [Apicultor 4]

[...] muito diferente sabe... naquela época a gente... meio ficava contando com a sorte... colocava os material no mato no campo e ... esperava as abelhas vir ... ai a gente ficava contando com elas... muitas produziam... muitas não produziam... então a gente assim não tinha uma seleção a gente ficava mais contando com a sorte mesmo ne ... as técnicas eram poucas... o conhecimento era bem pouco. [Apicultor 6]

[...] sim quando eu entrei as pessoas como uma palavra ... as pessoas estavam na era do caixote ... era coletar a colmeia coletar as abelhas os enxames nos próprios caixotes nem sabiam o que era isto depois que eu fui entender o que era isto [Apicultor 8]

Reforçando a percepção dos entrevistados, Neto (2012) relata em seus estudos que não somente a produtividade, como também a qualidade e a diversificação dos produtos, a conquista de mercado e a rentabilidade da apicultura ficam comprometidas quando a atividade é praticada sem conhecimentos técnicos sobre o assunto.

5.1.5 Capacitação

O código analítico “capacitação” possui três categorias: *aprimoramento do manejo*, *novas técnicas* e *profissionalismo*. Relaciona-se às questões relativas ao desenvolvimento das atividades e se os apicultores percebem mudanças no desenvolvimento das atividades no passado e no presente.

Para a análise deste código analítico, o termo *capacitação* foi aqui compreendido como a preparação ou formação técnica do apicultor para o aprimoramento de suas habilidades e a execução da atividade de apicultura com eficiência e para as demandas do mercado.

Dos apicultores, 4 manifestaram que houve mudanças no desenvolvimento de suas atividades de apicultura devido ao conhecimento de novas técnicas e, conseqüentemente, do aprimoramento do manejo, melhorando seu desempenho e a sua produção. O profissionalismo foi citado por 1 apicultor, para quem as parcerias com as empresas e os programas do Governo Federal e o conhecimento adquirido em cursos e eventos da área contribuem para a profissionalização dos apicultores.

[...] hoje é totalmente diferente pra gente trabalhar com mel...ficou mais fácil...pra gente trabalhar a gente posicionou as colmeias em pontos estratégicos [...] locomover é... então ficou mais fácil e... então com ajuda de novas técnicas de assistência técnica a gente mudou...mudou muito mesmo deu um avanço muito grande no meu caso específico da apicultura... é porque hoje eu faço os enxames de abelha, a gente tem mais técnica também seleciona os enxames mais produtivos... a gente já fala em genética [...] seleção entra produção mais por menos e também mais fácil este projeto mais evoluído... a gente trabalha com colmeias... as mais evoluídas... os blocos são referenciados então a gente traça uma rota...então fica mais fácil o manejo...[Apicultor 6]

[...] hoje não... hoje já né divide o enxame depois começou uma técnica na época que eu entrei tinha uma técnica da caixa isca, ainda tem a técnica da caixa isca, hoje tem uma técnica que tá mais avançada do que você precisar de enxame a troca de cera agora é constante também ... necessidade de alimentação também nos apiários né ... os apiários antes era oh :::... eu tinha vinte colmeias ela tinha cinquenta e seis pontos para aquelas vinte colmeias hoje é ... os apicultores perceberam que tem que ter as colmeias mais próximas né ... então uma rota por onde a gente passa...[Apicultor 8]

[...] ah, sem dúvida hoje as coisas mudaram demais que além de você ter parcerias com as empresa igual tem com a Vallourec que era antiga Mannesmann né ... tem parcerias com as com as outras empresas reflorestadora tem aí ... é ... programa de governo federal que ajuda também os apicultores então as coisas hoje melhorou num contexto muito grande pra

beneficiar os apicultores. [...] A gente não tinha experiência né é como você sabe veio na tora hoje não... hoje através de cursos seminários congressos estudo palestra você vai desenvolvendo a apicultura mais profissionalmente mesmo [Apicultor 7]

Khan, Matos e Lima (2009) analisaram a competitividade e o nível tecnológico da apicultura no estado do Ceará. Identificaram que o avanço do nível tecnológico foi determinante para a competitividade dos apicultores, sendo a colheita a área que mais sofreu impacto da tecnologia. Concluíram que os fatores que contribuíram para o aumento do nível tecnológico dos apicultores foram: grau de instrução, objetivo com a atividade e acesso à assistência técnica e acesso ao crédito.

Em sua pesquisa sobre o nível tecnológico dos apicultores do Rio de Janeiro, Ponciano *et al.* (2013) constataram que o grau de escolaridade influenciou positivamente o desenvolvimento dos apicultores, assim como o conhecimento de novas técnicas, por meio da assistência técnica, do manejo da troca de rainha e da prática da apicultura migratória.

5.1.6 Renda

O código analítico “renda” foi dividido em duas categorias, temporais, na visão dos apicultores sobre sua renda: o “antes”; e o “depois”.

No antes, alguns apicultores entrevistados enxergavam a apicultura como uma atividade lucrativa, mas não a ponto de considerá-la uma profissão, senão um complemento de renda. No depois, parte dos entrevistados considera a apicultura como a renda principal, sendo que para muitos, a única renda.

A apicultura antes a gente via ela assim como a gente colocava umas caixas assim mas não tinha nem noção assim que era uma coisa muito sabia que o mel que a gente colhia a gente vendia mais não sabia que era tão lucrativo que nem a visão que a gente tem hoje né. [Apicultor 2]

[...] assim eu não dependia muito da apicultura esta formação técnica a apicultura sempre foi uma atividade pra ajudar atividade extra ... extra naquela época atividade extra então era considerado como uma atividade extra ... de um tempo pra cá nós percebemos que esta atividade se tornou uma fonte de renda lucrativa não é só por hobby por gostar ... dá dinheiro ... [Apicultor 5]

[...] eu buscava a atividade apícola como complementação de renda a gente pensava em alguma coisa de até quinhentos quilos de mel né... aí depois me organizei e achava que o teto era uma tonelada de mel é... a gente se coisou pra isto...depois eu percebi que no meu caso específico que era bem interessante a renda o retorno [...] e eu percebi que dava pra mim crescer e com isso ia dar pra aumentar minha renda que era um complemento e... passa a ser minha renda principal apicultura....basicamente eu vivo hoje da apicultura qualquer atividade ligada a apicultura não só a coisa do mel fazer caixas fazer quadros vender enxames própolis. [Apicultor 6]

Khan, Matos e Lima (2009, p. 673) revelam em pesquisa sobre desempenho da apicultura que “os indicadores de rentabilidade revelaram que a atividade apícola é bastante rentável” e que essa rentabilidade é potencializada pelo uso adequado das tecnologias de manejo, pós-colheita e gestão. Isso reforça a fala dos apicultores entrevistados, de que após o uso de técnicas adequadas sua rentabilidade aumentou e seus custos reduziram.

5.1.7 Conhecimento

O código analítico “conhecimento” possui três categorias: *antes*, *depois* e *como*. Considera a visão de que o apicultor tinha sobre seu conhecimento para o desenvolvimento das atividades passado e nos dias de hoje.

Para a análise do referido código, o termo *conhecimento* foi entendido como a capacidade do apicultor de aprender e compreender a dinâmica da atividade apícola por meio de cursos de capacitação e por experiência prática do desenvolvimento da atividade. Este conhecimento proporciona a criação de práticas que atendam à realidade vivida, experimentando o novo

Na categoria *antes* do código analítico “conhecimento”, é possível identificar a dificuldade dos apicultores para desenvolver a atividade, devido ao pouco conhecimento sobre práticas apícolas. Na maioria das vezes, desenvolviam atividades de forma extrativista, sem a presença de técnicas para um bom manejo de forma desorganizada.

Sim em 2011 as coisas eram um pouco difícil né? é... você não tinha muito conhecimentos da forma que nós temos hoje, é... a aplicação de novas tecnologias... apoios eram poucos né mas...para mim era sim um pouco mais difícil, né... porque eu não tinha nem curso. [Apicultor 1]

[...] oh, a apicultura de antigamente a gente não tinha visão do apicultor mas ... a gente não tinha aquela visão da gente fazer a própria abelha produzir mais e hoje a gente já tem essa visão diferente hoje a gente sabe e tem aquela visão de produzir mais e mais e mais entendeu ... [...]. [Apicultor 4]

[...]evoluiu em termos de organização também porque na época a gente tinha pouca organização ... e muita gente ... mas nós não tinha uma reunião uma pratica no campo a gente não tinha os apiários não era organizado na época não tinha emplacamento e esta tecnologia foi passada pra o espaço que hoje a gente tem [Apicultor 8]

A dificuldade que os apicultores enfrentaram no início da atividade de apicultura no município – pouco conhecimento de técnicas, dificuldade de acesso a equipamentos, pouco apoio e desorganização – ocasionou desestímulo em algumas pessoas já envolvidas com a apicultura.

Oh! Quando nós iniciamos até os apicultor fala isto pra mim tudo na época era animado depois desanimaram total e eu nunca desisti você não pode desistir né e aí naquela época a gente foi mexendo e as coisas foi andando e depois o pessoal foi animando e voltando hoje você vê que é completamente diferente [...]. [Apicultor 7]

Na categoria *depois*, é possível identificar que houve mudança na visão do apicultor e, conseqüentemente, uma melhora no desenvolvimento das atividades, devido aos cursos e técnicas realizadas, assim como possibilitou a diversificação da exploração da atividade apícola, como polinização, e venda de abelhas. A organização foi um ponto salientado por um dos entrevistados, para quem houve uma evolução na organização.

[...] através de curso que a gente fez teve uma que até a Vallourec que deu entendeu então hoje em dia logo após destes cursos a gente veio pegando mais conhecimento né e na atividade a gente vai passando a enxergar as coisas mais diferente né as coisas a apicultura com outros olhos. [Apicultor 2]

[...]eu tenho outros leques outras opções eu posso trabalhar com polinização de rainha eu posso vender abelha eu posso fazer rainha eu me qualifiquei igual na época que eu só sabia produzir mel eu produzia enxames transportava enxame vendia enxame você tá entendendo [...]. [Apicultor 3]

[...] hoje por exemplo oitenta por cento dos meus enxame é tudo preparado é coisa que há três quatro anos atrás a gente nunca teve [...] hoje você tem a mente aberta que você sabe trabalhar você sabe fazer o manejo você sabe como fazer ela produzir mais como eu falei anterior então hoje ... a coisa é totalmente diferente que hoje quem tá entrando na apicultura além de conhecimento que demora três quatro cinco anos pra ter conhecimento [...]. [Apicultor 4]

[...]basicamente eu vivo hoje da apicultura qualquer atividade ligada a apicultura não só a coisa do mel fazer caixas fazer quadros vender enxames própolis caixas vazias para poder as ... mesas percoladoras então...a gente

abriu um leque de possibilidades e... isto tudo é uma fonte de renda da....apicultura... não só colher o mel a apicultura não é só colher o mel tem mais coisa do que isto. [Apicultor 6]

[...]assim a apicultura no meu ponto de vista evoluiu ... evoluiu em termos de organização também porque na época a gente tinha pouca organização ... e muita gente ... mas nós não tinha uma reunião uma pratica no campo a gente não tinha os apiários não era organizado na época ... [Apicultor 8]

A categoria *como* está relacionada à formação inicial. A maioria dos apicultores declarou que iniciou suas atividades por influência de familiares e amigos. Com pouca ou nenhuma técnica, alguns entrevistados chegaram a se comparar com uma atividade extrativista ou predatória.

A formação inicial ((risos)) como diz o causo do outro a gente era meleiro né falava apicultor não era meleiro ((risos)) coisa que a gente tirava do pau né cupim eu ia lá e (desmanchava) aquelas colmeias lá e retirava o mel já.. logo após [...] que a gente ficou conhecendo as caixas de abelha eu achei a coisa mais bonita aquelas caixinhas as abelhinhas entrando lá ((riso)) [...] [Apicultor 2]

[...] ah :::::: tá olha igual eu te falei quando era criança eu já mexia com meu irmão mais velho e mais tarde eu fui mexer sozinho ... o ser humano é uma pessoa perceptiva eu via ... eu via ... eu aprendi com o bicho né ... segundo é ... mais tarde eu aprendi com pessoas que me ensinou mais sobre apicultura [...] [Apicultor 3]

[...] no início antes da gente ter uma formação um curso meu pai meu avô ia pro mato que antigamente na nossa região era só mata nativa a gente tirava o mel e vendia nas feiras aí meu pai meu avô faleceu a gente continuou eu e meu irmão [...] [Apicultor 4]

[...] abelha sempre teve na minha vida desde pequeno é uma coisa extrativista mesmo coisa predadora que você vai lá e coleta sem técnica nada... a gente vai lá e coleta o mel e.... depois eu busquei o curso existente né... o SENAR por exemplo [...] [Apicultor 6]

Para Silva e Binotto (2014), sobre o conhecimento e a aprendizagem numa organização rural, à luz do modelo de Nonaka e Takeuchi (1997), a primeira etapa do conhecimento se dá pela socialização. O processo de compartilhamento das experiências e habilidades técnicas é repassado de um indivíduo a outros, que podem aprender por meio da observação, imitação e prática. Segundo os entrevistados, o conhecimento sobre a atividade apícola foi adquirido por intermédio de familiares ou outros apicultores que desenvolviam a atividade na região, mas que, com o tempo, foi preciso adaptar-se a novas técnicas que atenderiam à realidade de um manejo adequado e que oferecesse um retorno em produtividade.

Com base nos achados de sua pesquisa sobre a importância do conhecimento para o desenvolvimento das atividades apícolas de forma adequada e produtiva, Ponciano *et al.* (2013) declaram que

[...] a modernização dos apicultores no sentido de melhorar o nível tecnológico, expandir a produtividade e diversificar sua produção passa necessariamente pelo nível de conhecimento do apicultor e pela situação socioeconômica.

Percebe-se que para os entrevistados o conhecimento adquirido também trouxe melhorias tecnológicas e, com isso, aumento de produtividade, novos produtos e novos mercados.

5.2 Capacitação profissional

5.2.1 Profissionalização

O código analítico “profissionalização” possui seis categorias: *inúmeras opções de trabalho com a apicultura, arranjo produtivo local (APL), aumento de produtividade, melhoria de vendas, aumento de profissionais e desempenho*. Representa resultados, na percepção dos entrevistados, sobre as melhorias no desenvolvimento da atividade apícola.

Os entrevistados foram positivos com relação aos cursos de formação profissional que fizeram e às instituições que ministraram. Na maioria das manifestações, a formação profissional é percebida como importante para o desenvolvimento da apicultura. Eles sugerem que essa formação deve ocorrer no início da atividade e ser atualizada constantemente. A inovação está presente na atividade apícola devido à necessidade de criar técnicas e de introduzir tecnologias capazes de aumentar a produtividade e a qualidade e reduzir as perdas de enxames. A inovação também está presente na criação de equipamentos que facilitem a atividade e proporcionem ganhos na produção.

SENAR SEBRAE EMATER todos os cursos de apicultura que a gente teve chance de fazer que a gente foi [...] a apicultura a gente não pode parar sempre tá inovando sempre aparece uma coisa nova entende [...] ué MUito importante hoje você ter um curso por exemplo seja em qual área que for que seja se você tiver uma formação se você não tiver conhecimento você só ir da sua mente você não consegue prosperar eu por exemplo se eu tivesse com apicultura hoje no que eu aprendi no mato com meu pai hoje eu tava lá na roça ainda morando

no que é do outro trabalhando pro outro não tinha nada porque eu não ia ter conhecimento [...] [Apicultor 4]

Khan, Matos e Lima (2009, p. 673) identificaram que “o nível tecnológico é um fator determinante da competitividade dos apicultores”. Neste caso, apontam que as inovações tecnológicas são fundamentais para os ganhos de lucratividade e competitividade do setor. Eles recomendam dar atenção especial a: fornecimento de assistência técnica, acesso a crédito e capacitação e treinamento dos apicultores. Os mesmos pontos de atenção foram identificados na percepção dos entrevistados, em que a assistência técnica e a capacitação foram fundamentais para o desenvolvimento da atividade.

Segundo os entrevistados, a profissionalização da apicultura possibilita a diversificação das atividades e serviços apícola, com inúmeras opções de trabalho. Mel, própolis, cera e pólen estão presentes nos produtos comercializados pelos entrevistados, mas foi identificada a produção de materiais (caixas e cera) e produção de abelha-rainha para manter os enxames fortes e produtivos, assim como a prestação de serviço caracterizada pela locação de caixas povoadas por abelhas para a polinização de alguns frutos.

Hoje produção mesmo minha é só o mel mas eu tenho também paralelo a polinização. é... eu trabalhei juntamente com o [Apicultor 6] em Pirapora, é um projeto grande lá era 200 hectares de plantação de melancia a gente alugava as colmeias lá nós alugamos 150 colmeias lá. [Apicultor 1]

[...] não eu só produzo eu só trabalho com mel uma pequena produção de própolis pra uma clientela local e eu produzo vendendo enxames na entre safra [...] vendo abelha trabalho com cera também na produção de cera. eu produzo minhas rainhas eu multiplico meus enxames e mais é isso. [Apicultor 3]

[...] sim trabalho sim trabalho no ramo na cadeia inteira do mel a própolis a cera eu trabalho e...agora eu tô iniciando já o pólen que é interessante também [...] a própria venda de enxames que no ano passado ganhei mais dinheiro na venda de enxames fazendo vendendo do que com mel [...] áreas produtivas não é pertinha não ... é... próxima do rio São Francisco tem uns pivô e a gente leva as abelhas pra lá pra fazer POLINização e... fizemos um contrato ano passado::...um contrato interessante que também deu um bom retorno era fora da época de safra e deu nós um retorno bem interessante também [...] [Apicultor 6]

[...] a gente trabalha com mel com pólen né ... a gente tem um produtor nosso de própolis, eu mesmo não ... só mexo com mel e também com cera e com caixa também ... neste caso aí eu tenho eu desenvolvi eu tenho uma fabriquinha de caixa que eu tenho pra mim e comercializo também. [Apicultor 8]

Segundo Imperatriz-Fonseca e Nunes-Silva (2010), as abelhas prestam serviços à natureza, à polinização e à fertilização cruzada das plantas. A polinização é considerada um serviço de valor inestimável ao ecossistêmico regulatório e tem grande importância para a produção de alimentos (flores bem polinizadas produzem frutos de melhor qualidade, peso e sementes em maior número) e de biocombustíveis e, principalmente, para a manutenção da biodiversidade em áreas naturais. Parte dos entrevistados considera este serviço como uma forma de geração de renda e o apontam como opção de trabalho.

Um entrevistado mencionou o arranjo produtivo local (APL) da apicultura como facilitador do acesso a equipamentos, antes adquiridos de outras regiões, de baixa qualidade, possibilitando que a atividade apícola se torne ainda mais viável na região, assim como a manutenção destes equipamentos.

[...] hoje ... a gente tem a produção de roupas em Bocaiuva né ... que é o resultado do APL pessoal centrífuga de Montes Claros centrífuga decantador e ... mesa desoperculadora também tem em Montes Claros também ... tem produção de caixas em Bocaiuva né ... então hoje ficou mais próxima mais barato mais próxima de manutenção [...]. [Apicultor 8]

Em seu estudo, Ribeiro et al. (2013) também identificaram que a APL é propulsora do desenvolvimento territorial e que os atores locais são os protagonistas desse processo de mudanças, a partir da qualidade das relações entre eles. Está presente nas falas dos apicultores que muitos fornecem equipamentos (colmeias) e insumos (cera) para o mercado local por intermédio da cooperativa e que os demais produtos são vendidos pelo preço justo.

As categorias *aumento de produtividade* e *melhoria de vendas* foram citadas nas entrevistas, considerando que houve grande aumento da produção, mediante o acesso às áreas de reflorestamento, e a possibilidade de vendas para o mercado interno e externo, por intermédio da COOPEMAP e de atravessadores. Os entrevistados comercializam os produtos da apicultura (mel, pólen e própolis) de forma fracionada, em frascos de diversos volumes, para supermercados e comércio varejista. Em 2020, foi possível exportar mel também de forma fracionada, o que agrega mais valor ao produto.

[...] temos um parceiro que chama [nome] a partir do momento que ele chegou pra comprar mel as coisas melhorou isto assim pra atravessador [...] hoje se eu tivesse cem toneladas de mel eu vendia tudo graças a Deus a isto também ... ele começou a comprar aí entrou outras empresas também aí veio outras grandes empresas comprando aí descobriram nosso mel viram que o mel é bom tem potencial tem qualidade começou a chegar começou a comprar e veio ... aí começaram a disputar o nosso mercado aí melhorou através disso deu outra visão e previsão de fazer investimento nossa o tiquinho de colmeia que nós tinha não dava nem pro cheiro que nós precisava e aí [...] [Apicultor 5]

[...] sem dúvida ela só veio a somar viu depois que você vê que hoje tem um selo de apicultor alta produtividade então antigamente era pouco o pessoal ... mexia com apicultura por mexer as vezes não tinha nem comprador hoje não ... hoje por ser você tem a cooperativa COOPEMAP tem várias associações em várias regiões aqui então hoje já é um negócio assim já é no meu ponto de vista já é um negócio mais profissional mesmo que só vai somar na região de Bocaiuva agregar valores pra as pessoas rendas pra sobreviver sem dúvida . [Apicultor 7]

[...] um avanço muito grande um crescimento de produção muito grande é ... isso é muito grande é ... as pessoas eles compraram veículos compraram muitas colmeias eles tiveram uma capacitação muito mais aprofundada eles tiveram opções de pasto apícola em toda região de um modo geral eles tem sala de mel que eu não tinha ele tem mais opção ... entreposto tem possibilidade de exportação então cresceu muito não dá pra lembrar todos os detalhes falando rapidamente. [Apicultor 8]

Em estudo realizado na comunidade de Jeremoabo-BA, Neto (2012) identificou a mesma percepção dos entrevistados da APIBOC quanto à segurança e tranquilidade que a cooperativa fornece a eles, assim como os incentivos e o apoio de órgãos públicos para a produção e escoamento, por exemplo, o SEBRAE, que é um parceiro na ampliação de conhecimento de gestão e mercado.

Em uma das falas, foi mencionado que nos últimos anos houve ocorreu aumento no número de apicultores do município. Segundo o entrevistado, no passado era possível identificar todos os apicultores do município, mas hoje, diante do aumento do número de apicultores, não é possível identificar todos, mas apenas os que têm vínculo com a associação ou a cooperativa.

[...] percebo muito é uma coisa fantástica até aqui na região sabe...é...é...diria vem dando um bum de uns dois anos pra cá não sei se é a expressão certa de dizer mas, quando a gente começou a gente sabia quem era os apicultores a gente tinha eles listados e sabia quantos hoje é impossível falar quantos apicultores tem na cidade no momento os formal sim, mas tem muitos informal muitos que tá mexendo [...]. [Apicultor 6]

Parte dos entrevistados entende que a formação profissional é que os torna profissionais da apicultura, possibilitando-lhes deter o conhecimento das técnicas.

Aplicar no cotidiano este conhecimento está voltado para entender e compreender as questões relacionadas à apicultura, o que, além de facilitar a atividade amplia o desempenho dos entrevistados. A partir desse conhecimento, eles conseguem inovar na prática.

O conhecimento adquirido também aprimorou as técnicas de gestão do negócio. Os entrevistados manifestaram que hoje sabem o valor que eles têm investido no campo e como podem explorar este investimento, para maximizar lucros.

[...] olha eu fui muito beneficiado com os cursos muito beneficiado extremamente importante os cursos tanto que eu te falei eu melhorei nos meus conhecimentos quando eu fiz curso pelo SENAR e eu preciso melhorar mais preciso entender muito mais genética ... [...] muito necessário pra quem tá iniciando a apicultura [...] [Apicultor 3]

[...] os cursos só veio a somar né Kelly só somar mesmo porque tem coisas que você não sabia ... as vezes igual a tratar fazer migração a gente trabalhava naquela época só transportando abelha a noite que é um sofrimento aí veio as técnicas você vai modernizando com os equipamentos que você usa pra fazer este trabalho mais profissional. [Apicultor 7]

Todos os entrevistados manifestaram que percebem mudanças em seu desempenho. A maioria citou exemplos práticos de que, contando com técnicas e conhecimento de gestão, pôde alcançar melhorias em sua produção, otimizou processos e reduziu custos, minimizando as perdas. Nas falas, foram apontadas técnicas utilizadas para melhorar esse desempenho, como: sequenciamento, troca de cera, troca das abelhas rainhas e migração das abelhas.

Para alguns entrevistados, a participação no projeto colaborou para a organização e o aprendizado do grupo, fatores determinantes para a melhoria de seu desempenho, mediante o uso de técnicas adequadas na prática da apicultura. A organização é citada tanto no desenvolvimento prático da atividade apícola quanto em relação aos apicultores, que, de forma organizada, conquistaram apoios e parcerias, que resultaram no crescimento da apicultura da região.

Mudou muito Kelly por exemplo lá antes talvez eu era um criador de abelha você colocaria lá colocava as caixas lá abelha entrava neste ano você contava dez chegava já não tinha mais né... perdia elas é... eles ensinam como sequenciar que você tem que trocar cera aproveitar essa cera né que a gente jogava fora assim deixava traça comia essa importância e com essas consultoria é... com os cursos a gente vê de um olhar diferente e nós temos no

campo um valor altíssimo e antes simplesmente compravam colocava as caixas lá e você não dava nem... nem... fazia este cálculo de quanto dinheiro que você tem no campo... [...] [Apicultor 1]

[...] consigo sim com certeza minha produção aumentou meu manejo aumentou meu sofrimento diminui eu ... eu uso técnicas mais modernas para não sofrer tanto né desgastar tanto no dia a dia é... quando fala de transportar migrar abelha eu migro muita abelha por exemplo o pessoal tem um sofrimento grande pra amarrar colmeias eu uso técnicas extremamente fáceis e eu não sofro mais. [Apicultor 3]

NOSsa consigo Muito é uma DIFerença MULto grande... o que acontece ... naquela época quando iniciei mesmo no curso a gente pegava um enxame mas ... a gente não sabia mesmo o que era então ... a gente tinha que esperar ali um ano pra ver aquele enxame virar alguma coisa entendeu ... hoje eu consigo abrir uma colmeia minha e dar um diagnóstico preciso ou quase preciso então ... [Apicultor 6]

Contrapondo-se aos estudos de Silva e Binotto (2013) no contexto rural, em que elas destacam que os produtores têm ciência de que a atividade agrícola envolve riscos e, conseqüentemente, precisam tomar decisões com base na experiência da vida real, os entrevistados manifestaram que, para obter o desempenho adequado sobre investimentos e para minimizar as perdas, precisam de conhecimento específico. Nesse sentido, os assessores de extensão atuam como agentes intermediários, servindo de ponte entre os agricultores e os órgãos de assistência rural, pois levam as informações especializadas por meio dos treinamentos e cursos.

Para um dos entrevistados, a organização exigida pelo projeto proporcionou a conquista de novas áreas apícolas, também conhecidas como “pastos apícolas”, com outras empresas da região, o que proporcionou ainda mais o aumento da produção, devido ao volume de área e a diversidade de florada.

5.3 Apoio

5.3.1 Instituições de apoio

O código analítico “instituições de apoio” possui quatro categorias: *associação APIBOC*, *cooperativa COOPEMAPI*, *CODEVASF* e *demais parceiras*. Representa a percepção do apicultor quanto à importância das instituições que firmaram parcerias e apoiaram o desenvolvimento da apicultura na região. O estabelecimento de parcerias para o

desenvolvimento da atividade apícola foi apontado como uma das diversas formas de impulsionar a atividade na cidade.

Essas instituições foram associadas ao ensino, à ampliação do conhecimento sobre a atividade apícola, à cessão de áreas para o desenvolvimento prático da atividade e às iniciativas do Governo Federal, que apoiaram por intermédio dos programas de assistência técnica, dos cursos de capacitação, dos projetos técnicos para crédito rural e do projeto de repasse de equipamentos à associação dos apicultores. Esta assumiu papel fundamental na condução dessas parcerias e na organização dos apicultores e da cooperativa, que hoje é responsável pelo mercado de mel na região.

Com certeza várias melhorias em diversas formas, através dos conhecimentos né... das parcerias é... o apoio da Vallourec, SENAR, SEBRAE é teve a CODESVASF que trouxe mais conhecimentos para gente outros tanto e que outras pessoas também investiram na apicultura com essas melhorias [...]
[Apicultor 1]

Com o desenvolvimento da apicultura na região, diversificou-se a necessidade de apoio, como, assistência técnica, linhas de crédito para ampliar os negócios, certificações e selos de qualidade e de inspeção estadual e federal. Com isso, houve a necessidade de promover articulação com o Poder Público nas esferas municipal, estadual e federal.

A categoria “associação APIBOC” foi mencionada de forma positiva por todos os entrevistados: 3 apontaram-na como a base para construir toda a estrutura de atividade apícola que eles têm hoje no município e na região, com referência à organização dos apicultores, à informação e à inovação, assim como para incentivar laços de solidariedade entre os apicultores. É possível identificar que durante todo o desenvolvimento da apicultura a associação esteve presente e ocupou um espaço de integração dos apicultores, por meio do diálogo e da troca de informações, além de firmar parcerias de diversas naturezas, como, programas do governo, empresas estatais de apoio a desenvolvimento regional.

Com respaldo nas falas dos entrevistados, percebe-se que a associação é responsável pela parceria com as empresas e os fazendeiros para a utilização do pasto apícola. Essas parcerias foram citadas por vários entrevistados como decisivas para o

desenvolvimento da atividade, que depende de áreas plantadas para a coleta do pólen. A associação também tem uma função de benchmarking sobre a gestão da apicultura na região. Muitas associações da região procuram a APIBOC para obter informações e apoio.

A associação foi mencionada por ser a responsável por fomentar a instalação do entreposto e a organização da COOPEMAPI. Também é a responsável pela articulação e pelo contrato da assistência técnica que nivela o conhecimento e padroniza a técnica entre os apicultores.

É... a APIBOC é a base de tudo... A associação porque é ela que faz todos os contratos né... como... colocar como a Vallourec por exemplo o pasto apícola é um patrimônio da associação, da APIBOC seu tô lá se eu posso produzir meu mel lá é por causa da APIBOC [...] ela eu acho que a base é de suma importância para todos nós apicultores. [Apicultor 1]

A associação é a base de tudo porque com a associação a gente conseguiu apoio do pasto apícola da Vallourec e conseguiu outras empresas [...]. É muito importante o apoio da associação, logo após da associação veio a cooperativa complementar aí a parte de venda de mel. [Apicultor 2]

[...] sim a APIBOC teve grande importância se não fosse ela a apicultura de Bocaiuva não estava como está hoje quando nós começamos em 1990 meio desacreditado mais a gente persistiu aí chegou no patamar que tá aí hoje e tem associações cooperativas né no caso. [Apicultor 7]

[...] APIBOC buscou o negócio do entreposto que acho que foi uma coisa inovadora pra buscar o entreposto pra o norte de Minas também ela buscou novos espaços pra ela não ficar só ... só ... com a tecnologia que ela conseguiu e ela aprendeu dentro da Vallourec pasto apícola com outras empresas mas buscou pasto apícola particular né [...]. [Apicultor 8]

Sena *et al.* (2017, p. 401) afirmam que “as associações desempenham um papel muito importante, pois acabam sendo um instrumento para o alcance de objetivos mútuos, mas para os produtores rurais essa oportunidade significa um acesso maior a bens e serviços”.

No estudo com os apicultores, a associação foi mencionada pelos entrevistados como responsável pelo alcance de grandes conquistas e pela função de articular e firmar parcerias que colaboraram para fortalecer a atividade na cidade e na região, cumprindo seu papel de gerar alternativas de desenvolvimento local.

Para os entrevistados, a associação cumpriu papel fundamental no desenvolvimento da atividade na região, considerando que ela foi responsável pelas parcerias com as empresas, para que tivessem acesso à área para produzir, tornando-se necessário estabelecer novas parcerias, para fortalecer suas ações.

A categoria *cooperativa COOPEMAPI*, na visão os entrevistados, destaca-se como responsável pela venda do mel e seus produtos. É grande a expectativa com relação à venda de mel (fracionado ou atacado) e à exportação de produtos com valor agregados. Com isso, a questão financeira dos entrevistados sofrerá um impacto positivo, sendo vista por alguns entrevistados como uma unidade de apoio à apicultura e ao pequeno produtor da região.

Apesar de já estarem sendo beneficiados pela cooperativa no tocante às vendas e à aquisição de equipamentos e materiais, os entrevistados manifestaram que têm clareza de que a cooperativa é “nova” e que vai precisar de um tempo para dar os resultados esperados.

Dos entrevistados, 2 mencionaram que a COOPEMAPI impulsionou a APL e hoje fornece equipamentos e materiais a preço de mercado no município, sem ter que os mesmos tenham que procurar o material em outro município ou até região.

É.. a COOPEMAPI ela veio para somar junto com a APIBOC a associação não pode comercializar então eu posso produzir mel através da associação mas tem quem comercializa meu mel é a cooperativa a COOPEMAPI então são duas coisas casadas uma eu sou sócio a outra sou sócio proprietário que é a cooperativa. [...] [Apicultor 1]

É importante sim a cooperativa só que a cooperativa esta iniciando agora ela começou fracionar o mel este ano passado que o valor agregado no mel é no fracionamento que ai a pessoa vai lá leva o seu mel e recebe seu quatro e cinquenta de adiantamento. [...] [Apicultor25]

[...] mais melhorou muito tá melhorando muito a gente na comercialização de mel por exemplo vender o mel mais a expectativa da gente é ir mais além a gente pensa num dia chegar na exportação pra gente agregar mais valor entendeu ... no momento tá começando a exportar mais tá meio acanhado mais a expectativa da gente é muito grande muito grande mesmo em cima da cooperativa né a cooperativa ela veio pra somar valores pra gente e era um sonho que a gente tinha e acredito que daqui dois três anos a coisa vai mudar bastante de figura em termos financeiros [...] [Apicultor 4]

[...] eu sei que ela melhorou em muitos aspectos compra de material ... só ir lá e comprar preço de mercado mais tem se eu precisar de um fumegador aqui

agora eu vou lá e compro que tem ... senão tinha que pedir por internet dez quinze dias pra chegar sabe se eu precisar de uma roupa tem preço de mercado mais tem tá ... venda de mel me compra meu mel lá a vista então assim é nesse aspecto em relação por exemplo crescimento lucros coisa que a gente pensou no início ainda não vi isto acontecer sabe ainda não vi quero ver mais ela é nova tem dois quatro anos né [...][Apicultor 5]

Para Binotto *et al.* (2012), as cooperativas exercem papel importante como ferramenta de desenvolvimento do setor agrícola, dando condições a seus cooperados de progredir, com base em informações e orientações, assumindo o papel de estimuladora da criação de conhecimento junto aos seus associados. A COOPEMAPI ainda é vista pela maioria dos entrevistados apenas como responsável pela compra e comercialização dos produtos da apicultura, e não como desenvolvedora de conhecimento.

A categoria CODEVASF foi mencionada pelos entrevistados como a instituição responsável por aproximá-los de outras que, até então, não tinham acesso. Eles atribuem à CODEVASF a responsabilidade pela articulação de parcerias para a aprovação de projetos com recursos financeiros para o fomento à apicultura, que foram investidos em materiais e equipamentos e alavancaram a atividade apícola no município e na região.

Na fala de dois dos entrevistados, é possível identificar termos afetivos para mencionar a CODEVASF. Um dos técnicos que acompanham a apicultura citou *mãe/ pai e parceirona*. Foram atribuídas também a ela as características de ser uma instituição “justa” e “confiável”. A mobilização realizada pela CODEVASF também foi mencionada como positiva, no sentido de mobilizar apicultores, técnicos e políticos em prol do desenvolvimento da apicultura.

[...] olha não tem ninguém nenhuma empresa que tem uma estrutura que tem um conhecimento é ... de investimento de mobilização que nem a CODEVASF pra apoiar a apicultura governamental ... ela mobiliza técnico ela mobiliza deputado e ela repassa de uma forma muito justa muito confiável [...][Apicultor 3]

[...] oh :::: moça na verdade a CODEVASF pra apicultura ela a gente fala que tem várias mães ela foi uma mãe que pra maioria dos apicultor da nossa região foi tudo ela alavancado pela CODEVASF entendeu [...] a CODEVASF foi ela que colocou MUITO MATERIAL apícola caixa centrifuga mesa ela colocou muito Material na nossa região entendeu então a maioria dos apicultor eu mesmo me

alavanquei com o material da CODEVASF material doado da CODEVASF [...][Apicultor 4]

[...] a CODEVASF foi uma das grandes um dos grandes parceiros no desenvolvimento da apicultura aqui em Bocaiuva e acredito no norte de Minas sem dúvida viu ... porque eles acreditavam também é tanto que quando nós fomos quando fundamos a associação APIBOC em 1990 foi depois de alguns anos pra frente que eles começaram a interagir com a gente e naquela oportunidade e veio só a SOMar... SOMar absolutamente uma parceria e tanto na região de Bocaiuva em prosperidade da apicultura do norte e eu creio que seja não só de Bocaiuva da apicultura do norte de Minas no geral [...][Apicultor 7]

Os entrevistados entendem que a CODEVASF desempenhou sua função no fomento ao desenvolvimento da região e que sua atuação foi fundamental para alavancar a atividade, devido às articulações com os atores da cadeia produtiva da apicultura. Isso, mediante a oferta da assistência técnica e dos projetos para a aquisição de materiais, o que contribuiu para ampliar o conhecimento e aumentar a produtividade.

Sena (2017 p. 401) relata que o apoio do governo é uma forma de impulsionar o desenvolvimento regional e “de contribuir para que os indivíduos se sintam realmente parte da sociedade”, sendo que este desenvolvimento deve ocorrer em vários âmbitos, como, econômico, político, social, ambiental e rural.

A categoria *demais parceiras* foi reconhecida pelos entrevistados como de grande importância para ampliar o conhecimento de técnicas apícolas e de gestão, alavancando o desenvolvimento da apicultura em função dos apoios. Os apicultores reconhecem que a diversidade de parcerias foi fundamental para ampliar o conhecimento do manejo na ampliação e qualidade e produção, na gestão dos recursos financeiros, no planejamento e na cessão não só de espaços para a produção apícola, áreas de reflorestamento, como também de espaços para reuniões e encontros, que possibilitaram a integração e o diálogo entre os entrevistados.

A assistência técnica também foi citada como um espaço de aprendizado e de troca de conhecimento entre os entrevistados. É também reconhecida pelo aumento da capacidade produtiva dos entrevistados.

[...] veja só é ... quando nós começamos nos tinha pouco parceiros na época era ... é ... é ... EMATER e ... as firmas de reflorestamento que é nossas ... parceiras pilares e ... [...] o SEBRAE nas vendas o SENAR na formação técnica

as empresas de reflorestamento no pasto apícola sem o pasto nós não consegue produzir então ... o Banco do Brasil pra nós é um orgulho muito grande entendeu ... [...] nós estamos na busca de parceiros Universitários pra nós apoiar na pesquisa é muito importante a área de pesquisa nós temos produtos riquíssimos Maravilhosos que ainda não foram descobertos [...] [Apicultor 6]

[...] oh ::... a parceria que foi outra mãe pra gente pra apicultura na nossa região aqui foi a Vallourec se hoje você não tiver uma área de eucalipto pra você trabalhar a apicultura não sobrevive porque a mata nativa por exemplo a apicultura não sobrevive na mata nativa [...] se não fosse a empresa Vallourec a gente não tinha como trabalhar [...]. e até hoje pra mim é a Vallourec ela deu um suporte enorme pra gente deu e tá dando até hoje entendeu até hoje no momento tá dando [...] [Apicultor 4]

[...] o pilar do desenvolvimento da apicultura foi o pasto é o principal ... desenvolveu oitenta por cento do mel das áreas de pasto a apicultura e também estas parcerias que a gente fez porque eles nos ensinaram a trabalhar e ensinaram a gente buscar o mercado então ... isto é uma grande coisa também ... não pode esquecer do entreposto que nos compra o mel que também é muito importante é ... porque é o que eu falo tem que escoar a produção se você consegue produzir tem que escoar [...] assistência técnica passa por técnica também a vontade dos apicultores e organização aqui ou em lugar nenhum do mundo ou projeto algum não tem parceiro algum que consiga fazer uma entidade a apicultura dar certo sem a união dos apicultores [...] [Apicultor 6]

Um dos entrevistados escalonou o motivo do sucesso da apicultura na região e, apontou como grau de maior importância a determinação dos apicultores e o quanto eles são “unidos”, “batalhadores”, “guerreiros”, e na sequência dos parceiros.

[...] olha eu vou falar no contexto dos apicultores vou colocar ... colocar eles em primeiro lugar nós somos batalhadores somos guerreiros e a turma da apicultura aqui é muito boa muito unida trabalhadora rala pra caramba ... segundo lugar o pasto apícola veio acrescentar demais ... terceiro lugar assistência que nós temos como da CODEVASF e do SENAR ... SENAR EMATER estes foi fundamental pra fazer pesquisa trazer coisa nova ensinando a gente estes quatro aí ... apicultor pasto apícola SENAR com CODEVASF estes daí foi fundamental [...] [Apicultor 5]

Um ponto de fragilidade dos apicultores era a utilização de materiais e equipamentos adequados, e segundo os mesmos as parcerias foram responsáveis pela aquisição dos materiais e equipamentos, através de doação pela CODEVASF e por acesso ao crédito em instituições bancárias em programas de incentivo.

[...] a primeira Vallourec e CODEVASF isto aí não esqueço nunca ... a Vallourec com pasto apícola se não fosse o pasto apícola também não tinha nada ... [...] aí depois veio a CODEVASF a gente era carente de material não tinha caixa não tinha nada a gente tinha que fazer ... tinha pouco material centrifuga quem tinha centrifuga aqui era o [Citado 3] e [Citado 2] [...] então assim a CODEVASF e a Vallourec é que foi o grande pilar deste negócio alavancar e ir embora pasto apícola e um pouquinho de material [...] SEBRAE já pegou nós

assim já né como diz o outro ... do meio pra frente a importância do SEBRAE ... SEBRAE tem uma forma de administração ... SEBRAE ensina a você a administrar né. [...] [Apicultor 5]

Segundo os entrevistados, no início das atividades na região havia pouco apoio para o desenvolvimento da apicultura, apesar de contarem com a APIBOC para a organização dos apicultores e a EMATER/MG para a capacitação profissional. Hoje, eles identificam parcerias de várias outras instituições, empresas e órgãos do governo. Reconhecem que esse apoio foi fundamental para a continuidade do desenvolvimento da atividade realizada por eles.

Com o apoio de órgãos do governo para facilitar o acesso a projetos de desenvolvimento, como, assistência técnica, entreposto, doação de equipamentos e materiais, e o apoio de empresas de reflorestamento, com a disponibilidade de áreas para o desenvolvimento da atividade, os entrevistados tiveram melhores condições para se desenvolver e produzir.

Estudo realizado por Ribeiro *et al.* (2013) aponta que as parcerias e a constante inter-relação entre as instituições permitiram a concepção de fomento e de diversos serviços, como, consultoria, treinamento, cursos e assistência técnica, que se adequam à realidade local. Isso foi relatado pelos entrevistados deste estudo, revelando que as parcerias impulsionaram a atividade na cidade.

Os entrevistados mencionam o SENAR e o SEBRAE como grandes parceiros, os quais contribuíram para a capacitação tanto técnica quanto de gestão, impulsionando a atividade e os meios de organização e negociação dos produtos.

Lourenço e Cabral (2016) relatam em seus estudos que a parceria com o SENAR e SEBRAE foi responsável pela capacitação em apicultura, pelo cooperativismo e pelo associativismo.

5.4 Projeto

5.4.1 Consequências do projeto

O código analítico “consequências do projeto” possui cinco categorias: *produção - antes e depois, conhecimento, segurança no trabalho e aumento de vendas*. Sinaliza a percepção do apicultor quanto às contribuições do projeto de apicultura para o desenvolvimento da apicultura na região.

A categoria *produção* foi relatada pela maioria dos entrevistados. Para eles, antes de ingressarem no projeto a produção era bem tímida e após o ingresso no projeto passou a ser em “grande escala”. É possível identificar nas falas que a disponibilidade de área cedida pela empresa por meio do projeto aumenta consideravelmente a produção quando comparada com as áreas que utilizavam de mata nativa. A renda também foi citada como resultado desse aumento da produção em consequência do acesso a área da empresa.

[...] duas caixas não dava mas logo no ano seguinte que eu aumentei fui para o projeto é... foi que eu fui ver a diferença sem o projeto sem área da Vallourec a gente não produz não ... você pode produzir um pouco de mel de aroeira naquele tempo ali... tudo mas para produzir em grande escala bastante... é na área de reflorestamento na área lá da [...] o que eu produzia no ano todo se reproduzia praticamente uma safra lá uma colheita na área da Vallourec não tem na região não tem é... produtor sem área da Vallourec não. [...] [Apicultor 1]

[...] a gente trabalhava na mata nativa então quer dizer que a gente não tinha produção e quando a gente passou pra dentro da empresa a gente percebeu que podia investir naquilo que era certo ... entendeu [...] o pessoal achava que era mel de açúcar hoje não hoje através do desenvolvimento qualquer lugar que você chega fala a APIBOC COOPEMAP tudo mundo sabe que é uma associação séria que a COOPEMAP é uma empresa séria entendeu todo mundo hoje é totalmente diferente chegar em Bocaiuva lá todos conhece o pessoal da APIBOC [...] [Apicultor 4]

[...] sim porque eu não tinha nem local pra colocar uma colmeia eu colocava era na propriedade que o Antônio arrumou pra mim colocar eu tinha dez colmeias aí depois chegou as vinte aí ficou mais difícil arrumar né [...] quando eu entrei pra Vallourec aí eu comecei articular com ele e com o [nome] aí eu ia mais ele ... nos fazia o dele e o meu aí a logística já sabia que era três apiários né ... [...] então a colheita pra mim era muito mais fácil [...] na pratica e na renda também [...] [Apicultor 8]

A categoria *conhecimento* esteve presente na fala de todos os entrevistados quando se referiram às contribuições do projeto. O conhecimento influenciou a logística do

manejo, otimizando os percursos, o planejamento das atividades e a produção nas técnicas de manejo e no uso de equipamentos adequados para o desenvolvimento da atividade, como é possível perceber nas falas dos entrevistados mencionadas adiante.

Alguns entrevistados relataram momentos de dificuldade vividos durante a prática da atividade apícola, como: captura das abelhas, distância entre os apiários e movimentação de apiários dentro da área. Mencionaram que tais dificuldades foram estão superados graças ao conhecimento que adquiriram a partir dos cursos, seminários e congressos de que participaram.

É possível identificar nas falas dos apicultores que o uso de técnicas adequadas e a interação com o grupo, como a troca de experiências e ensinamentos entre os apicultores, têm um peso considerável no desenvolvimento das atividades e, conseqüentemente, no sucesso dos resultados. Além disso, o aprendizado contínuo foi um aspecto presente na fala dos entrevistados. Alguns manifestaram que estão sempre aprendendo como resultado dessa troca de informações e ensinamentos entre os apicultores do projeto.

[...] melhorou muito melhorou muito hoje por exemplo antes o que que acontecia antes você ia no mato caçando enxame pra capturar [...] você pegava aquilo e ficava o dia inteiro capturando enxame e naquele sofrimento aquele trem subindo em arvore aquela confusão toda pra começar o nosso entendimento era aquele hoje não hoje você arma e dentro do seu plantão você faz as abelhas que você quiser faz seu enxame com menor custo você não precisa tá indo lá no mato você faz uma divisão uma multiplicação você faz um manejo de uma você faz duas né de duas faz três quantas você quiser você consegue fazer isto [Apicultor 5]

[...] muito mais muito mesmo sabe é... até um pouco assim suspeito falar é... que tá tão seguro né que você acha que sabe muito né... daí é um pouco suspeito a gente falar mais... as abelhas nos ensinaram muito... então... melhorou muito melhorou mil por cento é uma coisa assim extraordinária sabe ... a gente é ... você ficar sonhando com abelhas e colmeias ai depois você pode planejar e ter a quantidade de colmeias que você quiser ter a qualidade e quantidade que planejar é um avanço muito grande sabe ... então de uma faço duas faço três eu posso planejar eu vou trabalhar então cem enxame este ano ... eu consigo fazer até cem enxame ... antes do período de florada então eu já entro na florada já... com estes enxames produzindo [Apicultor 6]

[...] assim é só falar da apicultura o dia todo né... então a gente aprende todo dia eu não sabia da florada não sabia direito né... sabia que tava entrando mas não sabia o que era este negócio todo então olhar a questão de ... então isto tudo eles me ensinaram [...] cada um tem seu jeito de explicar né mas só na pratica você aprende mesmo se você não for você não aprende então tem aquele que ficava calado mas chegava lá de repente ensina mais que os outros

que tava falando demais e aprendi muito e aprendo ainda hoje tanto é que a gente tem que tá sempre aprendendo né a gente tá [Apicultor 8]

Silva e Binotto (2013), em seu estudo sobre conhecimento e aprendizagem em meio rural, também identificaram que os meios mais utilizados para repassar a experiência são as conversas e os diálogos. Por intermédio deles, é possível repassar suas orientações e explicações aos demais envolvidos na atividade. Reforçam que esses meios conduzem a uma ação de ensino e de acompanhamento da prática da atividade, refletindo de modo positivo a ocorrência de compartilhamento do conhecimento tácito mediante a interação pessoal.

Na categoria *segurança*, os aspectos mais apontados pelos entrevistados foram: equipamentos de proteção individuais (EPIs), sinalização da área e transporte seguro. Em suas falas, percebe-se que os EPIs utilizados (macacão e luvas) não ofereciam a proteção necessária e que eles estavam cotidianamente em risco, principalmente de ferroadas. Todavia, no decorrer do tempo, em razão dos cursos realizados, eles foram buscando e desenvolvendo equipamentos mais seguros e que ofereciam uma condição ergonômica mais adequada.

A sinalização foi mencionada como uma ação que resguarda não só os apicultores e empregados da empresa que adentram aquela área, como também outros transeuntes que porventura transitem pelos locais onde os apiários estão instalados. Segundo os apicultores, a área sinalizada com indicação de que existem abelhas naquele espaço evita que curiosos acessem as caixas e que ocorram acidentes. Em se tratando de área de acesso restrito, o risco é minimizado.

Alguns entrevistados relataram que os veículos que utilizavam (motos) ofereciam risco de acidente de trânsito e de dispersão das abelhas, pois as caixas eram transportadas em um reboque acoplado a eles. Com o decorrer do tempo, tiveram condições de adquirir veículos que oferecem não só condições de segurança no trânsito, como lhes permitem ir ao campo em grupo de dois ou três, ficando mais seguros no caso de acidente com as abelhas.

Na parte da segurança do trabalho teve muita melhoria porque a gente muitas vezes comprava aquelas roupinhas muito fininhas e levava muita picada, hoje

em dia a gente já tem umas roupas melhor a pessoa vai fazer uma atividade desta mexe várias vezes e não leva uma picada de abelha e muito identificado também o nosso apiário tanto faz dentro da empresa ou fora da empresa, dos vizinhos a gente coloca placa de sinalização e tal e sempre avisa algumas pessoas que estão por perto o dia que nós vamos mexer lá para não ocorrer nenhum incidente. [Apicultor 2]

[...] sim até porque a gente também já tem mais conhecimento do que é uma segurança até pra gente [...] algumas coisas tem que evitar assim por exemplo de ir pra o mato sem usar o óculos a botina de cano longo a bolsa a peneira entendeu ... evitar peso que antigamente você colocava uma caixa na cacunda você andava cinquenta cem metros você chegava lá quase morrendo de tanto peso hoje já tem os carrinhos já tem tudo [...] ... transporte por exemplo mudou muito hoje por exemplo quase todo mundo tem seu veículo mais ou menos bom pra trabalhar antigamente ia trabalhar de moto era aquela confusão [...] [Apicultor 4]

[...] mas melhorou demais também muito porque é ... igual eu falei eu trabalhava ... numa área muito próxima do ... do... eucalipto então a gente trabalhava com carrinho de mão muitas vezes a gente improvisava né ... pra a gente tá trabalhando nas colmeias com moto era uma coisa perigosa com moto e carretinha quando eu vi que eu tinha aquele vasto pasto para trabalhar ai tive a ideia que poderia ir mais longe para trabalhar e ... [...] ... trabalhar de moto não da segurança pra gente então ... não dava segurança tive queda acidente já cai e agora quando eu conseguir ir mais longe e introduzir o carro tenho uma caminhonete então ... eu consigo trabalhar muito melhor melhorou Demais muito mesmo esta questão de trabalho ai sem contar que de moto eu tinha que ir produzir sozinho senão não trazia a (placa) e agora com carro eu consigo ir de dois de três e a segurança é outra coisa [...] [Apicultor 6]

A categoria *aumento de venda* permitiu constatar que os apicultores, após sua inserção no projeto, retomaram o aspecto da disponibilidade da área da empresa, que, devido à oferta de florada, oferece condições de aumentar a produção do mel e derivados e, conseqüentemente a venda destes produtos. Hoje, não existe mais o problema de escoamento. Segundo os entrevistados, o mercado pelos produtos advindos da apicultura está aquecido e toda produção é absorvida pela COOPEMAPI ou pelos atravessadores (empresas de exportação) que coletam o mel na região.

Concorrência e organização dos apicultores também foram fatores citados pelos entrevistados como responsáveis pelo aumento das vendas. Nas falas, é possível identificar que influenciaram no aumento das vendas: organização dos apicultores enquanto grupo e capacitação sobre gestão, especialmente para a prospecção de novos mercados. Dessa forma passaram a ter maior poder de negociação e a obter maior vantagem nas vendas dos produtos. A concorrência também possibilitou o acesso a outros mercados, ampliando a oferta de novos produtos, como mel de outras floradas (pequi, café, velame e aroeira, entre outras), e de produtos compostos por mel,

como, barras de cereal e sabonetes, favorecendo, conseqüentemente, o aumento das vendas.

Outro ponto abordado pelos entrevistados foi a qualidade do mel produzido na região, um diferencial competitivo que agrega valor às vendas, considerando a disponibilidade de áreas de preservação permanente e de reserva legal, o que possibilita a produção de mel orgânico isento de agrotóxicos ou de transgênicos. As abelhas da região também têm uma característica peculiar: são resistentes a determinadas doenças, tornando desnecessária a aplicação de medicamentos. Dessa forma, o mel apresenta a característica de maior pureza e, conseqüentemente, de qualidade.

[...] sim eu tive uma melhoria de renda muito [...] ... colhe o mel centrifuga mel chega na cooperativa sempre vende na cooperativa (....) que era outra empresa que a gente tem parceria também o mel qualquer quantidade que você colheu você entrega um tambor que você faz nos entreposto então a gente não tem problema na circulação de produção não tem ... [...] hoje você chega na cooperativa ali eu recebi quinze quilos de mel na hora faz a notinha tira foto da notinha manda pra empresa no outro dia o dinheiro cai na sua conta ou então no mesmo dia então a facilidade é muito boa muito boa mesmo isso aí a gente não tem problema de escoar produção a gente não tem problema [Apicultor 4]

[...] tá bem melhor bem melhor ... no início a gente ficava com mel parado sem comprador hoje tudo que você produzir vende ... [...] o consumidor quer um mel hoje praticamente orgânico isento de agrotóxicos ou de transgênicos né querem um mel orgânico pra você produzir mel orgânico na nossa região é mais fácil do que em outras regiões nossa abelha ela não adoce abelha muito rustica você não precisa de dar antibiótico nenhum remédio pra abelha então não deixa resíduo no mel é um mel praticamente quase orgânico o mundo hoje quer este mel orgânico nós tamo com esta vantagenzinha pequena hoje todo mel que eu vendo hoje ele é orgânico () comercio rustico então nós temos uma certa preferência ... hoje eu consigo vender meu mel ... [Apicultor 5]

[...] e olha melhorou assim o que que melhorou ... quando eu entrei pra o projeto eu tive dificuldades de vender o mel era dificuldade de mercado da organização nossa é ... [...] juntava o mel dos apicultores nos era organizado nesta parte enchia o caminhão quando o caminhão tava cheio de mel é ... cerca de cinquenta e cinco cinquenta tambores de mel é ... mandava pra depósitos em São Paulo e aquela dificuldade naquela época a gente não sabia que dia ia receber não sabia quanto ia receber então ... ficava aquela coisa meio no escuro e causava uma expectativa muito grande e ai depois a gente foi fazendo parceria com SENAR com mais inteligência nós buscamos novos compradores ai ... gerou uma concorrência de comprar nós não vendemos só para um ai nós passou a atingir mercados diferentes também e com mais organização mais qualidade mais informação mais parceria a gente é ... [Apicultor 6]

Para Silva e Binotto (2013), as alterações decorrentes da abertura de novos mercados e das transações econômicas entre países incentivam a proliferação tecnológica e o aumento de concorrentes, além de fomentarem a corrida para a produção de novos

produtos. Este fenômeno é percebido pelos entrevistados deste estudo, que investem na gestão e na produção almejando este novo mercado.

5.5 Reflexão

5.5.1 Expectativas de futuro

O código analítico 'expectativas de futuro' possui 3 categorias: **profissão em risco de extinção**, **pesquisas**, **desenvolvimento**, e considera quais são as perspectivas do apicultor quanto ao futuro da atividade apícola.

Não há um consenso entre os entrevistados sobre o futuro da apicultura, enquanto alguns têm a perspectiva de ampliar os negócios, agregar valor ao produto da apicultura, dedicar a atividade, outros entrevistados acreditam que a profissão está em risco de extinção para os próximos 15 ou 20 anos.

Para 2 entrevistados, a profissão de apicultor está em risco de extinção, pois há poucos apicultores jovens na região. Apesar de nos últimos anos algumas iniciativas terem sido realizadas para aumentar este número, os jovens se capacitaram e iniciaram a atividade, mas não persistiram na profissão.

Nesta parte eu vejo o futuro para a apicultura, mas só eu vejo o outro lado o acabamento da apicultura porque os jovens de hoje eu tenho um filho mesmo fez curso fez tudo mas aí a apicultura ele ((risos)) () de serviço entendeu então os apicultores que segue mesmo já estão tudo acima de quarenta acima de cinquenta o jovem hoje tá pouco o que tá interessando pela apicultura esta parte aí eu fico até triste viu por que a gente vez eu mesmo to com cinquenta anos daqui dez quinze anos a gente não aguenta não trabalhar na apicultura mais não e esta apicultura vai ficar para quem entendeu [Apicultor 2]

[...] oh ::::... Kelly a gente já tá meio de idade a gente luta pra sobreviver mais alguns anos a gente tá trabalhando com apicultura minha preocupação sobre apicultura é o seguinte é pouco jovem que tá seguindo a apicultura a apicultura tá ficando velha hoje estes menino novo hoje você incentiva e incentiva mais eles não tem interesse pela apicultura a gente já teve reunião inclusive até ontem teve reunião que a gente tava conversando sobre isto a gente tá preocupado daqui a quinze vinte anos que hoje é raro você ver um jovem entrar na apicultura é raro raro raro nem filho de apicultor hoje quer entrar na apicultura a atividade de apicultura não é uma atividade simples ela é muito pesada então você vê jovens hoje ... já teve uma fase de uns dois atrás que entrou muito jovem na apicultura o jovem que entrou saiu ... [...] no meu pensamento que ela daqui a uns dez quinze anos a gente os apicultor que já não vai tá mais aguentando trabalhar com a atividade a apicultura ela tá expirando a extinção mesmo ela é perigoso acabar ... [Apicultor 4]

Outros entrevistados demonstraram preocupação com a pequena quantidade de jovens na profissão, mas não a ponto de entender que a profissão será extinta. Ao contrário, acreditam que podem atrair jovens para a profissão e manifestaram que estão discutindo esta questão e buscando formas de motivar os jovens para que ingressem e permaneçam na atividade. Para outros entrevistados, apesar de ser relativamente simples, a atividade é “pesada”, devido aos esforços empenhados na movimentação dos apiários, pelo fato de grande parte da atividade ser artesanal e de o planejamento e o preparo de materiais permitirem antecipar a época de floradas. Outro motivo apontado para a pouca adesão dos jovens refere-se à oportunidade de retornarem aos estudos, o que requer que, na maioria das vezes, tenham de sair da cidade.

[...] olha ::... a gente olha isso com muito carinho mesmo não só hoje a gente olha o amanhã é ... meus filhos tão inseridos na apicultura a gente tá buscando jovens a gente trabalha com jovens pra que eles continuem na apicultura não é uma atividade muito fácil mais uma vez que nós consegue provar pra eles que é rentável é ... com técnicas é ... a gente consegue introduzir estes jovens na apicultura é ... precisa continuar o estudo da apicultura precisa agregar mais valor ne ... [Apicultor 6]

Sarmento (2018), em seu estudo sobre o perfil da atividade apícola, identificou que a idade dos apicultores predomina entre 46 e 60 anos de idade. Martiniano et al. (2014) relatam que a maioria dos apicultores entrevistados situa-se acima dos cinquenta anos, o que reforça a percepção dos entrevistados deste estudo de que não há jovens envolvidos na atividade apícola.

Uma categoria que se destacou neste código está relacionada foi *pesquisa*. Abrange tanto a pesquisa com abelhas com relação a doenças e a genética dos clones de eucalipto, para que eles produzam árvores com mais flores e, conseqüentemente, mais pólen, que é o produto principal para a produção do mel, quanto à inovação, para que se possa agregar valor aos produtos da apicultura. O tema “meio ambiente” também esteve presente em algumas falas no que diz respeito à preocupação decorrente das incertezas quanto ao futuro.

pesquisa para este tipo de produto tomar mais valor agregado pra que a gente consiga trabalhar menos e ter mais valor ... me preocupo com apicultura meio ambiente né ... uma coisa que tenho muita preocupação é com meio ambiente a gente não consegue ter noção como é que vai ser daqui dez anos vinte anos

né... eu tenho uma preocupação muito com isso por exemplo a gente tem as variedades do eucalipto ... [...] mas o clima não tem ajudado aqui sabe ... o clima tem dado um coro mais um coro bem grande [...] [Apicultor 6]

A preocupação dos entrevistados com pesquisas com relação a doenças faz sentido, considerando que há um fenômeno ocorrendo em diversos países que ocasiona severa redução na população de abelhas, conhecido como “Desordem do colapso da colônia” (BALBINO; BINOTTO; SIQUEIRA, 2015). Os mesmos autores destacam que essa doença está provocando o risco de extinção das abelhas, na medida em que modifica seus genes e, conseqüentemente, afeta seu comportamento. Isso impacta o meio ambiente e a sociedade, considerando que centenas de espécies de plantas existentes no mundo são polinizadas pelas abelhas, podendo impactar também a biodiversidade.

A necessidade de realização de pesquisas científicas para agregar valor ao mel também é discutida por Vidal (2020) quando sugere estudos que apontem os benefícios dos vários méis existentes no País e que este produto deixe de ser comercializado apenas por suas características físico-químicas, para também ser comercializado como alimento funcional, o que lhe agregaria mais valor.

Surgiram nas falas dos entrevistados dois itens: mudanças climáticas e meio ambiente. Ambos impactam diretamente o comportamento das abelhas, exigindo dos apicultores maior dedicação, para perceberem alterações em seus apiários, e a busca por alternativas capazes de minimizar esse impacto nos apiários.

A maioria dos entrevistados mencionou a categoria *desenvolvimento* como expectativa de futuro para a apicultura. Foi mencionado o desejo de maior dedicação à apicultura como forma de proporcionar a ampliação dos negócios. Mencionaram também uma tendência de aumento e de individualização das associações, no sentido de que elas comecem a conquistar mais espaço.

Nas falas dos entrevistados, é possível identificar que a organização dos apicultores será fundamental para o futuro da apicultura. Foram consideradas questões como: busca por novas áreas para a exploração apícola, parcerias com universidades para a

realização de pesquisas na área, planejamento e incentivo à inserção de jovens na atividade.

Oh! Eu hoje acredito eu trabalho na recepção do hotel a noite eu só não sai de lá até hoje porque a patroa não deixa a minha ideia é crescer com a apicultura viver só de apicultura... hoje se eu sair do hotel se eu sair de lá eu desenvolvo com a apicultura eu tenho lá ao meu espaço na área da empresa eu já tenho várias formações, é... o que falta mesmo é eu dar o meu tempo para a apicultura... [...] [Apicultor 1]

[...] olha eu sempre via o futuro incerto a verdade é essa justamente por isso ... se eu perder o pasto apícola aí eu voltar quase à estaca zero apesar de que a gente já tem saídas [...] o futuro ele não tá totalmente certo eu tenho que fazer ele ficar mais certo então a gente já vem procurando outras alternativas igual a gente foi na Serra do Cabral justamente pra gente ter um pouco mais de previsão certeza nós temos uma condição de trabalho igual na TTG Grão Mogol aqui que é um espetáculo [...] a gente tá sempre procurando mais pasto apícola do que a gente tem você pensa ... [...] olha eu acho que a apicultura não acaba nunca acabar ela não acaba ... ela pode ficar melhor ou pior acabar não né mais ela é a natureza ... apicultura é a natureza se a natureza vai bem apicultura vai bem né ... [...] então assim eu vou te falar que tem muita gente nova começando mais tem muito filho que desistiu tem filho de amigo nosso que começou alavancou daí largou pra lá abelha é uma atividade difícil Kelly não é qualquer um que encara abelha não tudo é pesado e é tudo grande você entra numa safra daqui a um mês tenho que tá preparando aqui sem brincadeira nenhuma eu tenho que tá com pelo menos cem melgueiras prontas são dez mil quadros eu tenho que tá com tudo pronto [Apicultor 5]

Sobre os desafios da produção mediante a adoção de práticas socioambientais responsáveis, Balbino, Binotto e Siqueira (2015) ressaltam que a preocupação com o meio ambiente está presente em todas as atividades. Na apicultura, ela se mostra essencial, uma vez que a diminuição drástica do pasto apícola e a degradação do meio ambiente atingem diretamente a abelha e o apicultor e indiretamente toda a humanidade. A questão da preocupação com as modificações do meio ambiente e a necessidade de áreas para pasto apícola esteve presente na fala de alguns entrevistados da APIBOC.

5.5.2 Significado

O código analítico “significado” possui sete categorias: *qualidade de vida*, *segurança financeira*, *status*, *consciência ambiental*, *gratidão*, *admiração* e *inspiração*. Este Representa o significado da apicultura na vida dos apicultores entrevistados. Alguns aspectos da categoria *depois* foram traduzidos em significados, como: gratificante, prazer, paixão, alegrias, animo e motivado.

Na categoria *qualidade de vida*, os aspectos viver melhor e mudança de vida estiveram presentes na fala de vários entrevistados, que relataram os benefícios da apicultura não só na questão financeira como também em uma condição de vida e trabalho melhor, como, trabalhar no campo em contato com a natureza, com as flores, sem ter compromisso de horário, desenvolver as atividades sem cobrança e de acordo como ela se apresenta na natureza, na safra ou fora dela. Na fala de um dos entrevistados, em momentos de estresse na cidade ele vai ao campo para “cuidar” das abelhas e abstrai deste sentimento a partir da observação delas.

Para mim é... vamos se dizer o que significa... significa.. viver melhor eu vivo melhor hoje depois que eu entrei na apicultura não é só pelo financeiro não em todo investimento você tem que ter retorno mas a gratificação de tá no campo trabalhando com apicultura para mim é... é ... até difícil falar eu gosto daquilo né... então pra mim....[...] eu não vejo eu não fico mais assim as vezes a gente tá aqui na cidade já se estressa com uma coisa e outra eu saio para o campo às vezes eu vou perto de casa mesmo...,lá eu tenho umas colmeias aí eu vou cuidar dela passa perde no tempo ali você fica olhando, admirando “cê” observar elas chegarem com que que tá trazendo com pólen ou se é... então eu acho que é isso... uma qualidade melhor de vida não só em termos financeiros mas... é no geral a gratificação sua... você viver bem você se sentir bem ali na apicultura com abelhas isto acho que é a minha visão é esta [Apicultor 1]

Para Tomazini e Grossi (2019), no agronegócio a apicultura tem desempenhado importante papel nos aspectos econômico e social, contribuindo para a geração de renda, a melhoria da qualidade de vida e a ocupação e fixação do homem no meio rural, o que corrobora com as manifestações dos entrevistados.

Os sentimentos paixão e prazer também estiveram presentes nas falas dos entrevistados, refletindo o encantamento pela atividade. Pode-se entender encantamento pela abelha como um propulsor para que eles se mantenham dispostos e interessados na atividade, que, mesmo quando pesada, torna-se prazerosa. Alguns entrevistados chegaram a mencionar que o interesse pela atividade vai além da renda, contemplando também o prazer que oferece.

Existe consenso em relação ao fator *segurança financeira*. A renda foi citada por todos os entrevistados, quando não diretamente, nas entrelinhas, como: “Aquilo que te deu seu padrão de vida” ou “Você vive daquilo”. Este fator vai ao encontro do objetivo do projeto de ampliar a renda de moradores do entorno da empresa e, conseqüentemente,

da região. Dois entrevistados desenvolviam a atividade apícola paralelamente a outras atividades laborais. Em determinado período, porém, as duas atividades estavam demandando maior dedicação de tempo e tiveram que optar para a que mais gerava renda. Os dois seguiram com a atividade apícola.

[...] muita coisa né vamos dizer aqui que olha difícil conseguir palavras pra expressar isso aí ... mais olha é segurança é a segurança me deu assim [...]eu tenho uma certa segurança financeira é ...até status antigamente apicultor era tratado como sei lá não era uma profissão você falava que era apicultor o que que é isto? AH:::.... isto é tipo assim você põe as abelhas pra trabalhar pra você e ficava ali só tirando mel ... hoje não com estas assistências divulgação trabalho que a gente tem diariamente hoje você já tem um certo status apicultor já é visto diferente ... é como se fosse um fazendeiro hoje tá comparado com fazendeiro criador de gado aí você não perde pra eles não então assim ... no comercio por exemplo onde é que a gente compra eles confiava antes só na padaria perto lá de casa que que as vezes vai lá pega um pãozinho lá e depois paga é coisa antiga mais confiava sempre ... agora quando eu chego no armazém na loja eles me recebem muito bem ... bem tratado porque você compra e paga à vista então tudo isto foi a apicultura ah [...] ... minha irmã você tá doida eu deixo o mel pra ela lá em casa ela vai correndo lá no mel e toma aqui o seu dinheiro é o seu trabalho ... não eu te dou de presente ... de jeito nenhum é o seu trabalho ... então assim você vê que isto é importante né ... já reconhecem seu trabalho e o trabalho dá frutos dá renda cuida da família né estuda os filhos então eu vejo esta importância muito mesmo [Apicultor 5]

O aspecto *consciência ambiental* se destaca quando os entrevistados relatam preocupações com a sustentabilidade e o meio ambiente. Houve uma mudança de comportamento de pessoas. Se antes provocavam incêndios ou desmatavam, hoje promovem a preservação. Então, o conhecimento adquirido no decorrer do tempo sensibilizou os apicultores, que hoje estão provocando a mudança de um costume, um hábito, da cultura local.

[...] assim apicultura como diz ... primeiramente você apaixonada por mexer com abelha é muito bom quando você vai colher mel quando você chega lá tá tudo lacrado é muito bom e vem só somar que você tá trabalhando é ... o serviço não é muito fácil mas você tá exercendo atividades honestas e veio a somar profissionalmente financeiramente também vem ajudar muito então acho que [...] assim ela só veio a somar agregar financeiramente vem te ajudar é ... você ter consciência para com o meio ambiente para com a natureza então ... assim só veio a somar aquelas pessoas que tava acostumado a pôr fogo aquele povo hoje já não põe a gente tem parceria com fazenda onde o povo morre de medo de abelha a gente chega e conversa com eles ... [Apicultor 7]

Neto (2012), afirma que é comum entre os apicultores a preocupação com o ambiente. Afirmarões referentes ao desmatamento como uma prática rotineira têm prejudicado

bastante a atividade apícola. Segundo o mesmo autor, os apicultores afirmam que têm conhecimento da importância das plantas para a criação e preservação das abelhas.

O sentimento de orgulho pela profissão foi um dos aspectos mencionados por um dos entrevistados. Nota-se uma grande satisfação pelo reconhecimento da profissão no município, que confere um status aos apicultores pelo comércio e pelas instituições do município. Entende-se que ser apicultor no município atribui status, ou valor, que se assemelha ao de outros profissionais.

As entrevistas revelam que os entrevistados sinais de *gratidão* pela atividade apícola, o reconhecimento de que a apicultura trouxe benefícios e novas oportunidades para os apicultores e região. Hoje, eles estão em uma situação melhor do que no passado graças ao sucesso das iniciativas da apicultura.

[...] é mudança de vida porque apicultura se você conversar com os apicultores você vê um apicultor que desmatava e hoje em dia preserva ... você vê uma mulher que levava colmeia nas costas depois passou pro carrinho depois carroça depois tem um carro né ... tem muita coisa bonita neste negócio entendeu você vê as flores você vê a vida né então é uma mudança de vida é o que dá sustentabilidade pra nós hoje ... nós tamo numa região que tem muita seca né apicultura exige água mas é muito pouca água do que os animais então a gente tem que saber conviver com a nossa região também né ... eu não tenho nada contra o gado gosto muito do gado da carne e tudo mas acho que a abelha ela chega pra agregar valor na cidade e no campo porque ela ajuda a produzir mais porque através da polinização muita gente não sabia que ela polinizava café mesmo ... igual com o produtor de café mesmo que a abelha aumenta trinta e sete por cento a produção do café né [...] mudança de visão de vida porque eu não via apicultura antes eu não conhecia isto eu não sabia aquilo antes eu nunca reparava até os meus dezoito anos que eu falei eu nunca reparei nem a zueira que abelha faz eu nem sabia o que ela tava fazendo entendeu ... não sabia ... não sabia então [Apicultor 8]

Os termos admiração e inspiração também foram identificados nas falas dos apicultores, demonstrando apreço e veneração pela atividade e os impactos que tais sentimentos exercem e influenciam a permanência dos entrevistados na atividade apícola. Esses impactos estão presentes nas falas persistentes dos entrevistados sobre ampliar o conhecimento e estimular novas pesquisas que venham ampliar e inovar os trabalhos. Em uma delas um entrevistado manifestou interesse de dedicar-se à disseminação do conhecimento da atividade apícola e ao desenvolvimento de novas metodologias de trabalho.

[...] hoje ela significa tudo eu pretendo ainda igual eu te falei fazer um curso superior eu pretendo é ... ajudar mais pessoas ter mais conhecimento igual eu te falei tem pessoas que tão começando agora precisam de pessoas com conhecimento porque o conhecimento tem que ser passado ainda que você viva do seu conhecimento mais conhecimento tem que ser passado eu vivo da apicultura construir meu (passe) mas eu posso como eu tô ficando não sou criança mais eu posso também lecionar eu posso é ... dar cursos eu posso criar outras metodologias de trabalho então assim a apicultura ela pode me proporcionar isto de futuro eu vejo desta forma eu não vou parar com apicultura posso é ... igual outras pessoas no Brasil fazem então orientar mais pessoas é TUDO pra mim porque eu vivo dela eu não vou sair dela eu tenho intenção de Crescer de ajudar mais pessoas neste campo entendeu [Apicultor 3]

Os entrevistados declararam que estão nesta atividade por escolha pessoal, por um desejo de trabalhar com as abelhas. Ficou claro também que há um interesse em permanecer na atividade. Chegaram a mencionar que a apicultura é uma atividade transformadora, que se sentem realizados e que é assim que desejam viver. Essa escolha em ser apicultor e a busca por melhorias corroboram com a teoria de capacidade de Sen (1993) quando ele afirma que “a capacidade reflete a liberdade pessoal de escolher entre vários modos de viver”.

[...] apicultura é tudo e você tem que gostar você tem que ser apaixonado por apicultura se você tiver ... é ter assim é chato a gente falar por causa que eu gosto da apicultura eu gosto de lidar com abelha entendeu minha vida é todo dia levanto cedo tô no mato tô no mato é só abelha eu gosto quando chega na entre safra por exemplo todo dia eu tô no mato então todo dia eu tô vivendo aquilo e parece que quando você chega em casa você já deita pensando que amanhã você vai voltar de novo pra outra região ... então apicultura pra mim é tudo ((risos)) então quando combina sua vida com aquilo e é aquilo que te deu seu padrão de vida então você acaba tendo né paixão né você vive daquilo te estimula é um prazer você tá no meio daquilo é aquilo que vai colocar sua comida dentro de casa vai dar seu padrão de vida pra dar uma passeada você deita na cama e não pensa em outra coisa é pensar assim amanhã vou fazer isto e é pra mim não tem aquela hora ... você não tem hora marcada pra levantar pra ir pro serviço trabalhar assim com uma pessoa se você chegar atrasado e a pessoa te recebe com cara fechada ... a gente não ... a gente levanta de cabeça erguida o dia que você tiver cansado fala hoje vou descansar o sábado entendeu [...]. [Apicultor 4]

Maslow, em sua teoria das necessidades, defende que a motivação emerge da noção de necessidade e que esta age como fonte de energia para as motivações existentes no interior dos indivíduos (MASLOW, 1943). Para ele, as necessidades que as pessoas sentem, geralmente, emergem quando as necessidades do nível anterior são reconhecidas. Apoiando-se nesta teoria, é possível afirmar que os entrevistados já alcançaram ciclos de necessidades básicas e que a maioria apresenta dois dos maiores níveis de necessidades: de estima e de autorrealização. Em termos de estima,

identificaram-se nas falas: autoconfiança, respeito, status, autonomia e prestígio. Como autorrealização, identificaram-se: gratidão, inspiração, prazer e paixão.

[...] é conhecimento :::... conhecimento que foi uma coisa que mudou muito extremamente por causa da apicultura e renda em duas palavras ... conhecimento abriu um horizonte muito grande através do amigo através dos parceiros é ... é ... então conhecimento e renda que mais mudou na minha vida eu acho que é uma coisa que transforma o ser humano ... duas que transforma é isso conhecimento e renda [...] é a apicultura foi isto ... é a apicultura acho que se não fosse a apicultura eu era servente de pedreiro é ... qualquer coisa nessa área neste trabalho bem informal ... mesmo ... entendeu é ... talvez eu não estaria nem aguentando mais trabalhar não sei ... mas a gente não teria visto este horizonte tão enorme que é este [Apicultor 6]

Coda e Fonseca (2004) identificaram vários significados atribuídos ao trabalho. Muitos deles estão relacionados a vivência, história e experiências de cada um. Ficou evidenciado no estudo que, “na medida em que a atividade profissional consegue cumprir o significado a ela atribuído pelo indivíduo, surge em decorrência um sentimento de gratificação e prazer em relação à mesma” (CODA e FONSECA, p. 17, 2004).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi alcançado de forma satisfatória, na medida em que foi possível identificar e analisar os impactos do projeto social de incentivo à apicultura no desenvolvimento humano e no desenvolvimento econômico dos apicultores, segundo sua percepção. Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se pela pesquisa de natureza descritiva; Utilizou-se a abordagem de estudo qualitativa, tendo como estratégia o estudo de caso e como metodologia a entrevista em profundidade. Para a análise de dados, adotou-se o procedimento de análise de conteúdo. Foram entrevistados 8 apicultores vinculados à Associação dos Apicultores de Bocaiuva participantes do projeto, fomentado por uma empresa de reflorestamento. A experiência profissional variou de 9 a 31 anos e o tempo de participação no projeto, de 6 a 16 anos. A maioria das falas dos entrevistados apresentou uma uniformidade de respostas, permitindo inferir que há concordância entre as opiniões e percepções.

Com relação às mudanças ocorridas em relação ao desenvolvimento da atividade apícola, foi possível identificar que após a inserção no projeto elas foram significativas. Isso considerando que o acesso às áreas da empresa para a produção e o conhecimento adquirido por meio dos inúmeros cursos ofertados pelos parceiros proporcionaram o aprimoramento aos apicultores no manejo das abelhas e a aquisição de técnicas de boas práticas de colheita e de processamento de mel e outros produtos advindos da apicultura.

Apurou-se que o conhecimento obtido e produzido pelo grupo sobre apicultura durante o período do projeto não ficou limitado ao grupo. Ele foi compartilhado com outras associações ou grupos de apicultores, em um ambiente de aprendizagem mútua. Tal compartilhamento desenvolveu a atividade não só no município, como também na região.

Outro item identificado como uma evolução ocorrida na prática dos apicultores está prende-se à segurança do trabalho. Constatou-se a ampliação do conhecimento, bem como a percepção do risco decorrente da atividade apícola, o que despertou nos apicultores a necessidade de prestarem mais atenção ao uso de equipamentos de

proteção individual, à sinalização da área dos apiários e à utilização de veículos que oferecessem mais segurança no transporte dos materiais.

Ficou evidente no estudo que os entrevistados, após ingressarem no projeto, tiveram acesso a diversas ferramentas de capacitação profissional (cursos e assistência técnica). Isso ocasionou o desenvolvimento do capital humano e o consequente desenvolvimento de novos conhecimentos, competências e habilidades, para que eles pudessem desempenhar a atividade de apicultura de forma aprimorada, além do crescimento pessoal para o enfrentamento dos desafios da atividade e dos negócios. O desenvolvimento econômico, do ponto de vista apenas da oferta, pressupõe o crescimento da produtividade, que depende da acumulação do capital humano – ou seja, da melhoria dos níveis de saúde, educação e competência técnica da população (BRESSER-PEREIRA, 2006).

Quanto à percepção dos apicultores com relação a seu desenvolvimento econômico após a inserção neste projeto social, os resultados indicaram que a cessão de área para a instalação dos apiários e a consequente produção de mel e derivados da apicultura foi um fator decisivo para a manutenção da atividade no município e para a adesão de parceiros. Considerando que, a partir do momento em que eles tinham disponibilidade de área com várias floradas durante o ano, teriam as condições de produção que garantiriam um retorno financeiro atraente, foi possível permanecer na atividade e fortalecer a associação, que estava em decadência, devido à desistência de associados, desanimados com a atividade. A parceria com a empresa é vista como um “patrimônio” da associação, atribuindo-lhe o valor de referência ao desenvolvimento da atividade.

Emergiu dos resultados do estudo a melhoria das condições financeiras dos entrevistados, assim como do poder de compra. Foi possível identificar que ocorreram investimentos na atividade apícola, como: ampliação do número de colmeias para o aumento da produção; aquisição de veículos, o que melhorou a questão da segurança e ofereceu melhores condições de logística; e otimização de serviços. Também foi possível identificar: aquisição de bens imóveis, manutenção de filhos em universidades, reforma de residências e uma vida mais confortável do que aquela que eles tinham

antes de iniciar a atividade apícola no projeto. O desenvolvimento econômico é definido pelo aumento contínuo dos níveis de vida, o que implica o maior consumo de produtos e de serviços básicos, considerando indicadores os adicionais que possam refletir melhorias sociais e econômicas (SOUZA, 2005). Esta teoria foi confirmada com o resultado do estudo.

Em relação à percepção dos apicultores sobre seu desenvolvimento humano após a inserção neste projeto social, foi possível identificar o quanto o projeto significou em termos de oportunidades, impactando positivamente sua qualidade de vida e suas decisões sobre seu futuro, principalmente quanto à escolha por ser apicultor. Considerando a teoria de liberdades de Amartya Sen, em que “o desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos” (SEN, 2000 p. 29), é possível inferir que hoje os participantes do projeto têm uma vida financeira tranquila e que eles dispõem de condições de atuarem como seres sociais, interagindo e influenciando o mundo em que vivem.

A busca por conhecimento e pesquisas destacou-se no resultado do estudo, considerando que a ele foram feitas referências ao sucesso do desenvolvimento da apicultura na região. O reforço desse destaque veio com o período de pandemia, em que as associações e instituições de apoio e pesquisa realizaram vários encontros virtuais, via “lives” e reuniões, no sentido de divulgar novas técnicas, resultados de pesquisas e troca de experiências, inclusive cursos na área da apicultura, proporcionando a interação entre eles e a ampliação do conhecimento.

Na avaliação geral, o projeto proporcionou a integração dos apicultores. O fato de estarem juntos na mesma área facilitou a troca de informações e experiências. Essa integração colaborou para que eles se organizassem e procurassem melhorar o manejo (técnicas), a segurança e a qualidade do produto, proporcionando a evolução da atividade apícola no município e, conseqüentemente, mudanças no ambiente em que eles vivem. Nesse aspecto, é válida a teoria de “agente” de Amartya Sen, que considera que a “liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento” (SEN, 2000, p. 33).

Neste cenário, a questão do meio ambiente está presente, considerando que é nítida a preocupação com a sustentabilidade da atividade apícola, que está diretamente relacionada ao meio ambiente e às interferências que este sofre em decorrência de mudanças climáticas, com potencial para impactar negativamente a atividade. Ressalta-se, também, que de todos os atores envolvidos na cadeia produtiva da atividade apícola no município, a APIBOC foi a grande propulsora da apicultura e esteve presente ativamente durante todo o percurso do projeto, reforçando valores como solidariedade, responsabilidade e democracia.

Em resumo, os resultados alcançados apontam que os apicultores da APIBOC que participaram do projeto de geração de renda apresentam condições de definir e atingir seus objetivos de realização pessoal e profissional, mediante o exercício pleno de liberdade, podendo controlar suas vidas de acordo com suas escolhas. Identificou-se também que os objetivos do projeto foram alcançados considerando que os resultados afirmam melhorias na qualidade de vida através da geração de renda e o desenvolvimento local já mencionado.

Com base nos resultados gerais, esta atividade desperta interesse por se tratar de uma atividade que corresponde ao tripé da sustentabilidade social–econômico– ambiental. Social, por se tratar de uma forma de geração de ocupação e emprego no campo; econômico, por, além da geração de renda, possibilitar a obtenção de bons lucros; e ambiental, pelo fato de as abelhas atuarem como polinizadores naturais de espécies nativas e cultivadas, preservando-as e, conseqüentemente, contribuindo para o equilíbrio do ecossistema e a manutenção da biodiversidade.

Diante dos resultados obtidos a partir deste estudo, o projeto social de incentivo à apicultura objeto de análise pode ser considerado uma iniciativa de responsabilidade social da empresa, levando-se em conta que propõe ações capazes de estimular o desenvolvimento individual e coletivo no território em que está instalada, considerando todos os envolvidos, numa dimensão econômica, ambiental e social.

● Limitações da pesquisa

Constituiu-se como principal limitação deste estudo a ocorrência de dois acontecimentos não programados durante a fase de coleta de dados (Calado Dias *et al.*, 2011). Primeiro, a seleção dos entrevistados, pela dificuldade de comunicação com os apicultores que residem na zona rural e têm dificuldade de acesso a sinal de telefone celular. Segundo, o início do isolamento social no mês de março/2020 devido à pandemia de COVID19, o que impossibilitou a realização de viagens por parte da pesquisadora e o contato com os apicultores que ainda não tinham participado da pesquisa, apesar do interesse em sua participação.

● Contribuições da pesquisa

Os resultados apresentados por esta pesquisa configuram importantes contribuições para o ambiente corporativo, a partir das evidências dos impactos positivos do projeto na vida de seus participantes. Isso reforça o compromisso social da empresa com o desenvolvimento local, traduzindo-se como um instrumento positivo para a empresa e para a sociedade, mediante a geração de valores para ambas as partes, e reforçando as ações de responsabilidade social por parte das empresas perante suas partes interessadas.

Os resultados do estudo do projeto de geração de renda, por meio da apicultura em áreas de reflorestamento atenderam à expectativa da empresa no sentido de que seu investimento social contribuiu para a promoção de uma sociedade mais justa e prospera, por meio do protagonismo deste seu grupo de interesse, que assumiu o compromisso de transformar a realidade em que ele se encontra e de apresentar evidências de melhorias de qualidade de vida.

Outra contribuição consistiu na possibilidade de identificar impactos positivos capazes de mudar o comportamento dos participantes e de promover sua emancipação, por meio das transformações pessoais e profissionais relatadas por eles, em razão das oportunidades de desenvolvimento oferecidas pelo projeto social, sendo esta uma relevante contribuição para a sociedade.

A apicultura é uma importante fonte de geração de trabalho e renda. Destaca-se por ser uma alternativa sustentável, considerando o meio econômico, o ambiental e o social, podendo ser desenvolvida com baixo custo inicial. Dessa forma, a disseminação e o incentivo da prática da apicultura para os produtores rurais podem ser uma forma de incremento das atividades no meio rural, mediante a ampliação da renda e a fixação do homem no campo.

A contribuição da apicultura para a sociedade não se limita à questão da geração de emprego e renda, estendendo-se também à manutenção e preservação de ecossistemas existentes e à melhoria das condições do meio ambiente em que ela está inserida, considerando a função de polinização das abelhas e a característica de ser um bioindicador de qualidade do ar.

Este estudo contribuiu para a comunidade acadêmica, notadamente, em relação à área de investimento social privado, por meio de ações de responsabilidade social voltadas para resultados de transformação social. Outra contribuição importante para o meio acadêmico refere-se à demanda dos entrevistados quanto à aproximação da comunidade acadêmica para o desenvolvimento de estudos na área, como: doenças das abelhas, clones de árvores com floradas abundantes, propriedades terapêuticas de determinadas espécies de plantas e desenvolvimento de equipamentos que melhorem o desenvolvimento da atividade.

● **Sugestões para trabalhos futuros**

Como sugestão para a realização de pesquisas futuras, cita-se o aprofundamento dos estudos sobre o APL da apicultura na região, no sentido identificar o potencial de crescimento da apicultura, para que a APIBOC, junto com seus associados, permaneça desenvolvendo competências e habilidades para o progresso da cadeia produtiva do mel no território Norte de Minas Gerais.

Sugere-se também a realização de um estudo sobre participação de gênero na atividade apícola na região, haja vista o número inexpressivo de mulheres na atividade apícola, considerado o projeto em estudo.

A integração de jovens na atividade apícola também aparece como uma questão de grande relevância, considerando a perpetuação da atividade na região. Por isso, propõem-se aqui estudos que possam incentivar os jovens a se inserirem e permanecerem na apicultura. Ainda, o estudo apontou, por parte dos apicultores envolvidos no projeto, a percepção de melhoria na qualidade de vida. e então, sugere-se o aprofundamento tema “Qualidade de vida” considerando o desenvolvimento humano e econômico após a inserção no projeto.

Por fim, destaca-se a presença da teoria voltada para o prazer e a realização profissional, em que a maioria dos apicultores tem que desenvolver a atividade apícola. Neste sentido, recomenda-se explorar estudos orientados para o trabalho dos apicultores.

REFERÊNCIAS

AGENCIAMINAS. Demanda por mel e derivados aumenta 30% durante pandemia. Disponível em: < <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/demanda-por-mel-e-derivados-aumenta-30-durante-pandemia>>. Acesso em: 12 de jun. 2020.

ALVES, E. A. Dimensões da responsabilidade social da empresa: uma abordagem desenvolvida a partir da visão de Bowen. **Revista de Administração**, São Paulo, v.38, n.2, p.37-45, 2003.

ALVES, J. A. C; FERRAZ, F. T; KAMEL, J. A. Gestão do investimento social privado em projetos de desenvolvimento local – o caso de uma escola de turismo no estado do Espírito Santo. **Sistemas & Gestão**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.262-273, 2012.

ANDION, C; BECKER, Y; VICTOR, I. Is Private Social Investment a form of public goods coproduction? An Overview of the brazilian reality. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 83, n. 3, p. 407-433, 2012.

ASHLEY, P. A. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2003.

BALBINO, V. A; BINOTTO, E; SIQUEIRA, E. S. Apicultura e responsabilidade social: desafios da produção e dificuldades em adotar práticas social e ambientalmente responsáveis. **REAd. Rev. eletrôn. adm.** Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 348-377, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-23112015000200348&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jul. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, D. S; *et al.* Mapeamento e Caracterização Ambiental das Áreas Apícolas dos Municípios de Mucajaí e Cantá do Estado de Roraima. **Revista agro ambiente on-line**, v. 2, n. 1, p. 77-87, 2010. Disponível em : < <https://revista.ufr.br/agroambiente/article/view/164>>. Acesso em: 11 de jun. 2020.

BERLINCK, M.T; COHEN, Y. Desenvolvimento econômico, crescimento econômico e modernização na cidade de São Paulo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.10, N.1, p.45-64, 1970.

BINOTTO, E; *et al.* A contribuição do conhecimento no espaço das propriedades rurais. **Revista Gestão & Planejamento**, Salvador, v. 13, n. 1, p. 106-125, 2012.

BRESSER-PEREIRA, L. C. Desenvolvimento, progresso e crescimento econômico. **Lua Nova**, São Paulo, n. 93, p. 33-60, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452014000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2010.

BRESSER-PEREIRA, L. C. O Conceito Histórico de Desenvolvimento Econômico. (2006) Disponível em: <<http://www.bresserpereira.org.br/papers/2006/06.7-ConceitoHistoricoDesenvolvimento.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

CALADO DIAS, S. M. R; PATRUS, R; MAGALHAES, Y. T. Quem ensina um professor a ser orientador? Proposta de um modelo de orientação de monografias, dissertações e teses. **Administração: ensino e pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 697-721, 2011.

CATAPAN, A; *et al.* Responsabilidade Social Corporativa: uma análise das publicações em periódicos nacionais. **FACESEI – Faculdade do Centro educacional Santa Isabel**, Viamão/RS, v.5, n.2, p. 1-12, 2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes; 2006.

CODA, R; FONSECA, G. F. Em busca do significado do trabalho: Relato de um estudo qualitativo entre executivos. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, São Paulo, v. 14, n. 6, p. 1-16, 2004.

CODEVASF. Montes Claros (MG) sedia 16º Seminário de Apicultura do Norte de Minas na quinta-feira (10). Disponível em: <<https://www.codevasf.gov.br/noticias/2019/montes-claros-mg-sedia-16o-seminario-de-apicultura-do-norte-de-minas-na-quinta-feira-10>>. Acesso em: 12 de jun. 2020.

CORREIA-OLIVEIRA, M. E; *et al.* Apicultores do Estado de Sergipe, Brasil. **Scientia plena**, Sergipe, v. 6, n. 1, P. 1-7, 2010.

CUSTODIO, A. M; MOYA, R. **Indicadores ETHOS de responsabilidade social empresarial 2007**. São Paulo: Instituto Ethos, 2007.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

DIAS, R. **Responsabilidade Social: fundamentos e gestão**. 1.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

FISCHER, R. M. **O desafio da colaboração: práticas de responsabilidade social entre empresas e terceiro setor**. São Paulo: Gente, 2002.

FISCHER, R. M; FEDATO, M. C. L; BELASCO, P. F. Sustentabilidade sócio-ambiental através de alianças estratégicas intersetoriais: um estudo de caso sobre comunidades extrativistas na região da Amazônia. In Multiculturalidad, participación, ciudadana y desarrollo, 2005, Lima **Anais...** Lima: International Society for Third-Sector Research, 2005, 1-16.

FUKUDA-PARR, S. Operacionalizando as idéias de Amartya Sen sobre capacidades, desenvolvimento, liberdade e direitos humanos - o deslocamento do foco das políticas

de abordagem do desenvolvimento humano. Disponível em: <<http://sergiorosendo.pbworks.com/f/Fukuda-Parr+2002+Sen.pdf>>. Acesso em 10/04/2020.

GENTIL, D; FERREIRA, G. T. C. Como as Empresas Integrantes da Carteira ISE Avaliam o Retorno do Investimento Social Privado. **Revista Organizações em Contexto**, v. 15, n. 29, p. 97-123, 2019. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/52099/como-as-empresas-integrantes-da-carteira-ise-avaliam-o-retorno-do-investimento-social-privado->>. Acesso em: 02 jun. 2020.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. A pesquisa qualitativa e sua utilização em administração de empresas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.4, p. 65-71, 1995.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GRUPO DE INSTITUTOS FUNDAÇÕES E EMPRESAS. Alinhamento entre investimento social e o negócio. Disponível em: <https://gife.org.br/agendas-estrategicas/alinhamento-entre-investimento-social-e-o-negocio/>. Acesso em: 11 de out. 2018.

_____. Sobre o GIFE. Disponível em: <https://www.gife.org.br/>. Acesso em: 02 de dez. 2019.

HARRISON, H. *et al.* Case Study Research: Foundations and Methodological Orientations. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, [S.l.], v. 18, n. 1, jan. 2017. ISSN 1438-5627. Disponível em: <<https://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/2655>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

IDIS. Avaliação de Impacto Social metodologias e reflexões. Abril, 2018. Disponível em: <https://www.idis.org.br/avaliacao-de-impacto-social-metodologias-e-reflexoes/>. Acesso em: 02 de dez. 2019.

IMPERATRIZ-FONSECA, V. L; NUNES-SILVA, P. As abelhas, os serviços ecossistêmicos e o Código Florestal Brasileiro. **Biota Neotropica**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 59-62, 2010. Disponível em; <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4118084/mod_resource/content/1/Texto%203.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. Disponível em: <www.ethos.org.br>. Acesso em: 15 de nov. 2019.

INSTITUTO ETHOS. Indicadores Ethos de responsabilidade social. São Paulo: Instituto Ethos, 2013. Disponível em; <<https://www3.ethos.org.br/wp->

content/uploads/2013/07/IndicadoresEthos_2013_PORT.pdf>. Acessado em: 15 de abr. 2019.

JONES, S. L; JONES, H. R; THRASYVOULOU, A. Disseminating research about bee products. A review of articles published in the Journal of Apicultural Research over the past fifty years. **Journal of ApiProduct and ApiMedical Science**, v.3, n. 3, p. 105 – 116, 2011.

KHAN, A. S; MATOS, V. D; LIMA, P. V. P. S. Desempenho da apicultura no estado do Ceará: competitividade, nível tecnológico e fatores condicionantes. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 47, n. 3, p. 651-676, 2009.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Técnicas de Pesquisa**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.

LANABEE, J. H; BOLDEN, L. V; KRIGHT, M. R. The lived experience of patient prudence in health care. **Journal of Advanced Nursing**, USA, v. 28, n. 4, p. 802-808, 1998.

LEITE, R. F. A perspectiva da análise de conteúdo na pesquisa qualitativa: algumas considerações. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v.5, n.9, p. 539-551, 2017.

LOURENÇO, M. S. M; CABRAL, J. E. O. Apicultura e Sustentabilidade: Visão dos Apicultores de Sobral (CE). **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 93-115, 2016.

MANOELA, L. Investimento social privado e sua aplicabilidade nas empresas. Dialogus Consultoria, Fortaleza, 5 jan. 2014. Disponível em: <<https://www.dialogusconsultoria.com.br/investimento-social-privado-e-sua-aplicabilidade-nas-empresas/>>. Acesso em: 30 de dez. 2018.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26, p. 149-158, 1990.

MARTINIANO, J. E. M. S; *et al.* Diagnóstico da prática sustentável da apicultura no perímetro irrigado em Pau dos Ferros – RN: o caso ACAFPA. **INTESA**, Pombal, v. 8, n. 2, p. 15-30, 2014.

MELO NETO, F. P; FROES, C. **Gestão da Responsabilidade Social Corporativa: o caso brasileiro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

NOGUEIRA, F. A; SCHOMMER, P. C. **Quinze anos de investimento social privado no Brasil: conceito e práticas em construção**. São Paulo, ANPAS/ENANPAD, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, M. A. L. **SA 8000**: modelo ISO 9000 aplicado à responsabilidade social. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora Ltda, 2003.

PELIANO, A. M. T. **Bondade ou Interesse?** como e por que as empresas atuam na área social. Brasília: IPEA, 2001.

PERIA, M. L; SANTOS, D. F. L; MONTORO, S. B. A Responsabilidade Social Corporativa e os Desempenho Financeiro e Econômico de Empresas Estabelecidas no Brasil. **Desafio Online**, Campo Grande, v. 8, n. 1, p. 91-114, 2020. Disponível em: < <https://desafioonline.ufms.br/index.php/deson/article/view/9190/7279>>. Acesso em: 02 jul. 2020.

PINHEIRO, M. M. S. **As Liberdades Humanas como Bases do Desenvolvimento**: Uma Análise Conceitual da Abordagem das Capacidades Humanas de Amartya Sen. Rio de Janeiro, IPEA, 2012.

PONCIANO, N. J; *et al.* Caracterização do nível tecnológico dos apicultores do estado do Rio de Janeiro. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília, v. 51, n. 3, p. 499-514, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 jul. 2020.

PRETI, D. (Org.) Oralidade em textos escritos. **Projetos Paralelos – NURC/SP**. V.10. São Paulo: Humanitas, 316p. pág. 305-316, 2009.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). Índice de desenvolvimento humano municipal brasileiro. Brasília, DF, 2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/>>. Acessado em: 11 de out. 2018.

RIBEIRO, K. A. *et al.* Arranjo produtivo local (APL) como estratégia de potencializar as fronteiras mercadológicas do apicultor no perímetro de irrigação senador Nilo coelho em Petrolina-PE. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, Salvador v. 3, n. 2, p. 99-120, 2013.

ROESCH, S. M. A; BECKER, G. V; DE MELLO, M. I. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso**. São Paulo, Editora Atlas SA, 2000.

SÁNCHEZ, J. R. Desenvolvimento e qualidade de vida. Uma perspectiva crítica do pensamento de Amartya Sen. Aletheia. **Revista Contemporânea de Desenvolvimento humano, Educacional e Social**, Grécia, vol.11, n.2, p.107-126. ISSN 2145-0366, 2019.

SARMENTO, W. E. Perfil da atividade apícola desenvolvida no alto sertão da Paraíba – Pombal. **INTESA**, Pombal, v. 8, n. 2, p. 15-30, 2014.

SELLTIZ, C. *et al.* **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1974.

SEN, A. S. O desenvolvimento como expansão de capacidades. **Lua Nova**, São Paulo, n. 28-29, p. 313-334, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451993000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: em: 20 jul. 2020.

SEN, A. S. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SENA, T. M; SENA T. M; SILVA FILHO, L. G. Associação dos produtores rurais, uma forma de organização e desenvolvimento local. **Revista Includere**, Mossoró, v. 3 n. 1, p. 398-406, 2017

SILVA, I. F; BINOTTO, E. O conhecimento e a aprendizagem organizacional no contexto de uma organização rural. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, Paraíba, v. 3, n. 1, p. 132-156, 2013.

SOUSA, L. C. F. S. **Sustentabilidade da apicultura**: aspectos socioeconômicos e ambientais em assentamentos rurais no semiárido paraibano. 2013, 78f. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Campina Grande, Pombal, 2013.

SOUZA, N. J. **Desenvolvimento Econômico**. 5^o edição revisada. São Paulo: Atlas, 2005.

THIRY-CHERQUES, R. H. **Saturação em pesquisa qualitativa**: estimativa empírica de dimensionamento. Af-Rev PMKT[Internet]. 2009[cited 2016 Oct 15]. v. 4, n. 8, p. 20-7. Disponível em: <http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003_02.pdf> Acesso em: 11 fev. 2019.

TOMAZINI, C. G; GROSSI, S. de F. A importância da apicultura para o agronegócio brasileiro. In: **SIMTEC** - Simpósio de Tecnologia da Fatec, 2019, Taquaritinga, v. 6, n. 1, p. 48-61, 2019.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2003.

VIDAL, M. F. Evolução da produção de mel na área de atuação do BNB. **Caderno Setorial**, Fortaleza, a. 5, n. 112, abril, 2020. Disponível em: <https://www.bnb.gov.br/documents/80223/6943261/112_Apicultura.pdf/78cc0645-0dea-3556-0b3e-7817306851d7>. Acesso em: 10 jun. 2020.

WERTZ, F. J; GREEMBERT, J. M. A. Psychology of buying: demonstration of a phenomenological approach in consumer research. **Advances in Consumer Research**, 12, 566-570, 1985.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3 Edição. Porto Alegre: Ed Bookman, 2005.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

PREZADO (a) ENTREVISTADO (a) _____

Eu, Kelly Medeiros Cortezão do Carmo, aluna do mestrado Acadêmico em Administração do Centro Universitários Unihorizontes, situado na cidade de Belo Horizontes, MG, estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada em: **CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO SOCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO E ECONÔMICO DE APICULTORES DO NORTE DE MINAS**, orientada pela professora Dra. Belintani Shigaki. A pesquisa tem como objetivo identificar e analisar os impactos de desenvolvimento humano e econômico promovidos pelo Projeto de Apicultura, segundo a perspectiva dos apicultores.

Nesse sentido e para que o objetivo seja alcançado, gostaria de convidá-lo a para participar da pesquisa, tendo em vista a importância de sua manifestação quanto aos resultados do projeto.

Caso aceite, o procedimento adotado para a coleta de dados da pesquisa, será por meio de questionário semiestruturados e/ou gravação para posterior transcrição. Ressalto que todo conteúdo e a identificação do respondente serão tratados com absoluta segurança no sentido de garantir a confidencialidade, privacidade e anonimato em todas as etapas do estudo.

Enfatizamos também que os resultados da pesquisa serão utilizados apenas para fins científicos e após o decorrer de cinco anos todo o material coletado será destruído. Lembramos também que a qualquer momento, você terá a liberdade para recusar, interromper e se retirar da entrevista, ficando a seu critério a decisão de retirar seu consentimento a qualquer momento ou fase de estudos.

Assinatura do entrevistado: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Bocaiuva, ____ de _____ de 2020.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DE RECRUTAMENTO

QUESTIONÁRIO DE RECRUTAMENTO PARA A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES						
Pesquisadora: Kelly Medeiros Cortezão do Carmo Orientadora: Prof. ^a Dr. ^a Helena Belintani Shigaki.						
Público: Integrantes da Associação de Apicultores de Bocaíuva (APIBOC) participantes do projeto de apicultura mantido pela empresa X						
O objetivo deste roteiro de entrevista semiestruturada será coletar dados sobre o desenvolvimento e percepção dos participantes do projeto de geração de renda implantado por uma empresa de reflorestamento.						
Gênero: () Masculino () Feminino () Outros Idade: () 18 a 29 anos () 30 a 39 anos () 40 a 49 anos () 50 a 59 anos () 60 a 69 anos () Acima de 70 anos Escolaridade: () 1º a 5º ano () 6º a 9º ano () Ensino Médio () Superior Grupo Familiar: () De 02 a 03 pessoas () De 04 a 05 pessoas () de 06 a 07 pessoas () Acima de 08 pessoas Renda Familiar: () até 01 salário () De 01 a 02 salários () De 03 a 4 salários () De 04 a 05 salários () Acima de 05 salários						
Este questionário é sobre como você se sente a respeito de sua qualidade de vida, saúde e outras áreas de sua vida. Por favor responda a todas as questões. Se você não tem certeza sobre que resposta dar em uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parece mais apropriada. Por favor, tenha em mente seus valores, aspirações, prazeres e preocupações. Nós estamos perguntando o que você acha de sua vida, tomando como referência o <u>último ano.</u>						
QUESTIONÁRIO						
		1	2	3	4	5
Específicas	O quanto sua vida melhorou após participar do projeto?	nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
	Por que? _____ _____					
	O quanto suas condições de trabalho e segurança melhoraram após iniciar no projeto?	nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
	Por que? _____ _____					
	O quanto seu conhecimento sobre apicultura (técnicas de manejo) ampliaram depois do projeto?	nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
	Por que? _____ _____					
	O quanto suas vendas (mel, própolis, derivados) aumentaram?	nada	muito pouco	mais ou menos	bastante	extremamente
	Por que? _____ _____					
	Quanto a sua renda, a apicultura é?	Principal	Secundária	Complementar		

APÊNDICE C - ROTEIRO DA ENTREVISTA

(continua)

ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIHORIZONTES Pesquisadora: Kelly Medeiros Cortezão do Carmo Orientadora: Prof.^a Dr.^a Helena Belintani Shigaki.		
Público: Integrantes da Associação de Apicultores de Bocaíuva (APIBOC) participantes do projeto de apicultura mantido pela empresa X		
O objetivo deste roteiro de entrevista semiestruturada será coletar dados sobre o desenvolvimento e percepção dos participantes do projeto de geração de renda implantado por uma empresa de reflorestamento.		
Descrição do entrevistado: • Nome completo - _____ • Sexo - _____ • Idade - _____ • Escolaridade - _____ • Profissão - _____ • Posição na associação/cooperativa - _____ • Quando iniciou a atividade apícola - _____ • Quando iniciou a atividade no projeto da empresa - _____		
Perguntas:		
Histórico/ Atual	1	Quando e como você iniciou a atividade apícola?
	2	Por qual motivo você iniciou na atividade apícola?
	3	Como você desenvolvia esta atividade no início? (material, técnicas)
	4	E hoje como você desenvolve esta atividade? (Você percebe mudanças? Em que?)
	5	Como você via a atividade apícola quando você a iniciou e, como você a vê hoje? Mudou alguma coisa? Em que sentido?
	6	Você percebe melhorias no desenvolvimento da atividade apícola na região? Quais?
	7	Você trabalha somente com o mel, ou com outros subprodutos (própolis, pólen, criação de abelha rainha, arrendo de apiários, outros)
Formação/ Capacitação	8	Como você aprendeu a trabalhar com abelhas? Como foi a sua formação inicial?
	9	Você fez cursos de formação profissional (SENAR/ EMATER/ SEBRAE/ Outros). Quando? Quais? Qual a sua opinião sobre os cursos de formação profissional na sua área?
	10	Você consegue identificar se houve alguma melhoria no seu desempenho após participar de cursos de formação profissional? Em que melhorou?
Instituições de Apoio	11	Com relação a APIBOC, qual a importância dela para o seu desenvolvimento/crescimento e dos apicultores da região?
	12	Com relação a COOPEMAP, qual a importância dela para o seu desenvolvimento/crescimento e dos apicultores da região?
	13	Qual a importância da CODEVASF (Companhia de desenvolvimento do Vale São Francisco) para o desenvolvimento da apicultura da região?
	14	Qual a importância das demais instituições parcerias (SENAR, SEBRAE, EMATER, CODEIA, outras) para o desenvolvimento da apicultura na região?
	15	Na sua opinião a que podemos atribuir o desenvolvimento/crescimento da apicultura na região?

(conclusão)

Projeto	16	Como era sua atividade antes e depois de entrar no projeto de apicultura da empresa X? Você percebeu melhorias? Quais?
	17	Sua condições de trabalho e segurança melhoraram após iniciar no projeto?
	18	Seu conhecimento sobre apicultura (técnicas de manejo) ampliou depois do projeto?
	19	Suas vendas (mel, própolis, derivados) aumentaram depois do projeto?
	20	Como você avalia o projeto de apicultura na sua atividade de apicultor? E na sua vida?
Reflexão	21	Qual a sua expectativa de futuro da atividade apícola no futuro? E como você se vê no futuro?
	22	O que era a sua vida antes da apicultura?
	23	O que sua vida hoje, depois da apicultura?
	24	O que significa a apicultura em sua vida?